

11  
anos

revista

# Barbante

VOL. XI - Nº 53 - 25 DE FEVEREIRO DE 2023  
ISSN 2238-1414

**Parabéns, Barbante!**

Caderno II  
Contos

Edição especial de aniversário



A BASQUIAT. 2022. Autora: Ana Paula Gomes. Técnica: colagem um umburana com giz de cera derretido. 26cm X 18 cm.

# *Palavras aos leitores e às leitoras*

Caros/as contistas da Revista Barbante,

Neste mês de Carnaval, recebemos o maior número de colaborações que este projeto literário jamais viu durante onze anos! Estamos muito felizes e satisfeitos/as por termos a confirmação de que vocês, nobres artistas de várias partes do Brasil e do mundo, acreditam em nosso trabalho e, sobretudo, na arte de ficção, que transforma vidas, remodela realidades, faz o que ainda não foi visto, exalta as coisas mais belas por meio de histórias diversas, cujo repositório maior é o nosso imaginário sociocultural.

Os contos são fragmentos de cotidianos e situações imaginadas, mas não brotam do zero e não são puro fruto da fantasia individual de cada ser humano. Antes de tudo, são histórias contadas e recontadas daquilo que somos, do que vivemos, do que sonhamos, do modo de sentirmos as nossas existências. Desde épocas mais remotas, eles têm encantado gerações sociais das mais distintas e, configuradas em muitos formatos de textos, têm contribuído significativamente para a produção literária e o enriquecimento de quem os lê.

Em termos técnicos, o conto é um gênero textual do domínio artístico e literário que narra uma história breve, com início, meio e fim. Sua estrutura gira em torno de um único conflito, com espaço, tempo e personagens limitados. Diferentemente do gênero romance, o conto não trabalha vários núcleos narrativos e não demora a dizer a que veio. Na verdade, segundo estudiosos e escritores célebres da literatura mundial, o conto ficcional, ao contrário do romance, deve ganhar o/a leitor/a com “nocaute”, uma conclusão inesperada, não com desfecho bem definido, e sim com impacto marcante.

Nesta edição de fevereiro, quando a Barbante completa 11 anos, os contos vieram, em profusão, alimentar o universo literário brasileiro. Nunca recebemos tantos contos! Chegaram à nossa “caixa de entrada” os contos de escritores e escritoras de diferentes partes desse país, trazendo e colorindo o presente volume com histórias e personagens bem diferentes, os quais atenderão à “chama de inquietação” da vida de muitos/as leitores/as. A Barbante fica cada vez mais forte e enriquecida com os trabalhos de vocês, queridos/as contistas, e esperamos contar com vossas parcerias nos anos vindouros!

Um forte abraço em vocês,

*Rosângela Trajano*

*Samuel de Mattos*

*Monalisa Carrilho de Macedo*



E VEJO FLORES EM VOCÊ. 2023. Autora: Ana Paula Gomes. Técnica: acrílico sobre tela. 24cm X 30cm.

Altamiro Fernandes da Cruz; Oficial PMQOR; Ex-Diretor Regente da AMOS – Academia Musical Orquestra Show da PMMG; Bacharel em Direito; Pós-graduado em Direito Penal e Direito Processual Penal; Membro Efetivo Curricular Grau Ouro, Cadeira nº 04 da ALCMJGR – Academia de Letras Capitão Médico João Guimarães Rosa; Membro Correspondente da ALTO – Academia de Letras de Teófilo Otoni – MG; Membro do IHGM – Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri; Detentor do título de Honra ao Mérito, concedido pela Câmara Municipal de Belo Horizonte – MG, pelo relevante Alcance Social e Cultural dos belo-horizontinos!



## AS HISTÓRIAS DO VOVÔ BENÍCIO

No momento estávamos fazendo aquilo do qual mais gostávamos: ouvindo as gostosas narrativas do Vovô Benício. Nos encontrávamos diante de um fogão à lenha, de onde emanava calor, luminosidade e o estalidar dos crepitantes tições. A luz brilhava nas retinas do meu velho e querido Vovô que, ao colo, trazia um dos muitos gatos que nos rodeavam – ele, à época, criava dezenove! Talvez, fosse aquele o seu preferido – imaginei! Da boca do amado Vovô brotava aquele amalhado de palavras que compunham a história que nos contava. Atentos, estávamos!... Alertas e ávidos, continuávamos curiosos por ouvir o ápice daquela narrativa. E ela – a história narrada – era assim: Com a palavra o Vovô Benício.

-Naquele tempo era tudo mais difícil do que é agora. Não tinha esses mundões de estradas, nem esse amontoado de carros que temos hoje. Era tudo trazido nos lombos dos burros! Na fazenda onde morávamos tudo era comprado pelas mãos dos mascates que passavam por lá, vendendo as bugigangas: tecidos, água-de-cheiro, pentes, espelhos, sapatos. Enfim, vendia-se de tudo – de um tudo, como se dizia!

Na cidade, perto do nosso sítio, tinha um padre que, vez por outra, passava por aquelas bandas, ocasião em que fazia batizados, rezava missas e consagrava os casamentos que estivessem agendados. Ele era gordo, bonachão e, conseqüentemente, pesadão. O burrico que o carregava, chegava bufando com o peso do padre. Ele, o padre, também bufava, arfava pelo tanto calor que fazia e pelo cansaço da viagem. O povo da vizinhança já o esperava. E ele, parecendo o Nazareno, na curva aparece no seu burrico montado. Foguetes explodem nos ares, ramos são agitados (Devo explicar: era um Domingo de Ramos, daí a agitação dos vegetais!), gritos de vivas são ouvidos. A comitiva é recebida pelo fazendeiro, que se desmancha em mesuras.

-Viva o Seu Vigário – bradou o dono da fazenda!

-Viva!... Viva!... Viva!... Eufórico, o povo respondia.

Retomando a palavra, o fazendeiro anfitrião exorta o povo a se acomodar, pois o Seu Vigário, agora, vai descansar. Em seguida, anunciou os horários das celebrações e as comemorações que viriam. Encerrou dizendo:

-“O Seu Vigário vai tomar um bom e reconfortante banho, descansar, para prosseguirmos com a nossa festa”.

O povo se afasta. O vigário, aliviado e introspectivo, agradece o afastamento. O cansaço, ao que parecia, era maior que a sua fé. E lá foi ele refestelar-se em uma enorme tina com uma gostosa água, cuja temperatura era a ideal para afugentar o calor reinante. A água do banho, antes límpida tépida e cristalina, agora ostentava uma nata de sujeira a boiar em sua superfície. Era a oleosidade que havia saído do corpo do vigário, mesclada à poeira das estradas, acumulada há várias horas.

Vovô para a sua narrativa. No rosto dele se desenhava um maroto sorriso. Estávamos atônitos. A curiosidade, ávida, passeava pelas nossas faces buscando entender como seria o final, o arremate – o ápice da história!

-E aí, Vovô? Com foi a festa com o seu gorducho vigário? – indaguei movido pela curiosidade peculiar da idade!

-Sabe por que estou rindo, meu neto, meus amiguinhos? E, intercalando fala e riso, completou:

- É que, naquele tempo, a água do banho de um Padre era considerada um “*santo remédio*” e, por isso mesmo, era guardada a sete chaves, em pequenos frascos e distribuída para ser usada como cura dos diversos males!

-O que é isso, vovô? O povo usava aquela água suja e, ainda a passava no corpo como sendo remédio?

-Não só era usada para fazer massagens nas partes do corpo que estivessem enfermas – dissera, ainda rindo, o Vovô – como, também era bebida! O povo acreditava ser, a água do banho do padre, um santo remédio para todos os males!

Rimos, fazendo coro ao riso incontido do meu saudoso e querido Vovô Benício – Benício Barbosa Santiago!

\*\*\*\*\*

Empresário de ponta  
Amauri Martins

Ivan desde adolescente se preocupava com o seu futuro. Vindo do interior para a Capital, com uma família grande, trabalhou como auxiliar de escritório, onde usava a máquina de escrever e arquivava documentos. Trocou a caneta, os grampeadores e os apontamentos de escritório por atendimento ao balcão e prateleiras de remédio.

Experiências adquiridas e simpatia de sobra, Ivan usava a bula dos remédios ou de perfumarias, isso pouco importava, para orientar os fregueses que procuravam soluções para as dores no corpo ou para melhorar a aparência física.

Saindo da adolescência, mas com a cabeça de adulto, ciente, casou-se. Vieram os filhos e um império se formou. Dotado de boas ideias trocou a Capital, grande e barulhenta, pela tranquilidade de uma cidade pequena e acolhedora.

Proprietário de uma rede de farmácias, acumulava remédios. Fez da sua morada um parque balneário, para acomodar filhos e netos. Na churrasqueira recebia amigos e a quantidade de picanhas grelhadas, o colocava como um grande artilheiro, na copa e na cozinha.

Dispensando o trabalho de especialistas, Ivan acordava de manhã, e dando bom dia aos pássaros, via os jatos d'água matarem a sede das inúmeras plantas que compunham o belo jardim, sempre bem-organizado.

No calor ou no frio, o banho de piscina não era dispensado. Admirar o pôr do sol estava na agenda diária, salvo quando chovia. O beija flor, costumeiramente, o cumprimentava e buscava do néctar das flores, a necessidade de energia, em diversos pontos do balneário.

A frota de veículos motorizada, atendia as suas necessidades, desde os carrões de luxo até a espaçosa lancha, que quando usava, deixava esvoaçar os seus longos cabelos loiros.

A pescaria com os amigos e irmão acontecia várias vezes ao ano e a conquista de garotas, no esplendor da juventude, o faziam rejuvenescer e mostrava que ele ainda estava bem fisicamente e dando conta do recado.

A cervejinha diária não era dispensada e as vezes até com exagero, o faziam adormecer na sesta, após o almoço, que fazia bem à saúde e melhorava o rendimento no restante do dia.

Ciente que era um vencedor e pronto para compartilhar experiências com os amigos da comunidade onde vivia, Ivan foi colocando as suas ideias em prática, para contemplar, a si, e a quem estava ao seu redor.

Ivan conserva em sua morada, o velho Fusca branco com frisos pretos, em homenagem ao clube de futebol de sua preferência, que o faz lembrar do tempo que ele ainda estava procurando o seu espaço e nem imaginava que chegaria aonde chegou: um empresário de ponta.

## COISAS DE MENINA

Amélia Luz

Menina, olha menina, deixe de ser assanhada, vá ajudar a sua irmã a arrumar a cozinha. Afinal, já está ficando mocinha e mocinha tem que ser prendada. Não suje a roupa, não anda descalça, você sabe que sofre da garganta! Não pise em poça de lama, dá febre!

Menina, já terminou a lição? Já comeu todo o pão? Olhe, deixe um pedaço para sua irmã que ela não demora chegar da aula de corte. Já tomou o seu banho, trocou a calcinha, escovou os dentes e calçou as sandálias novas? Olhe, a Nana Ferreira já passou, está quase na hora do catecismo na Igreja de Santo Antônio. Sua irmã já está fazendo o seu vestido. Haja renda e organdi suíço... Vai ficar rodado como de princesa...

Menina, aproveite o vestido e coroe logo Nossa Senhora. Mês de maio vem chegando; monsenhor já encheu todos os canteiros do jardim! Não perca o ensaio.

Menina, oh menina levada, não tome chuva, vai ficar resfriada! Não chupe fruta estragada, não tome gelado, veja se sossega brincando de boneca. Tome uns retalhinhos... Um dia vai ser mesmo costureira! Vá então se acostumando.

Menina, não coma com a boca aberta, não beba água aos galopes, faz barulho e é falta de educação! Já tomou a bênção do seu pai? Já se despediu da sua avó? Já pediu desculpas para a sua tia pela má resposta? Já brigou outra vez com a sua prima que está chorando toda rasgada? Não chupe manga com leite, dá congestão! Não roe as unhas, dá opilação! Não coma a merenda da escola é mal feita e dá má digestão! Não dê confiança para os meninos. Um dia conto a você o porquê. Hoje não posso, tenho que costurar para fora para ajudar o seu pai nas despesas da casa.

Menina, não trepe aí, você vai se machucar. Não xingue nem fale besteira... Menina, não assobie não, isso é coisa de machão, não fica bem para uma mocinha... Já tomou água antes de se deitar? Olhe, não durma com sede, é perigoso. Os antigos falam que o Anjo da Guarda vem beber água e com sono pode cair na talha e morrer afogado. Já fez xixi? Então, que Deus a abençoe, vá dormir!

Menina, esqueça esse negócio de ginásio. Quem tira o quarto ano primário não precisa mais estudar. E você já tem o diploma. Agora é só aprender o corte, lavar, passar e cozinhar. Um casamento aparece um dia e não quero que filha minha se case sem saber nada, como eu me casei.

Menina, não ande de bicicleta, é feio e faz perder a virgindade! Não brinque no carnaval! Seu pai foi tocar e não vai gostar de saber que você pulou! Depois, o que é que você vai dizer ao Padre Antônio na hora da confissão? Um dia você aprende a virar gente! Já rezou o terço de Nossa Senhora de Fátima? Já colocou o escapulário? Já rezou a ladainha? Ah, menina, amanhã é a sua semana na cozinha. Comece logo a se preparar, tem batata-doce para descascar. Depois, vá aprender a fazer crochê com a sua avó. Vá aprender tricô na Vera do Santana. Vá... vá... vá aprender a pintar na casa da Olete. Piano não pode. Não tenho como pagar a Ana Maria da Taninha. É caro!

Menina, esqueça essa história de Santos Anjos. Seu pai não vai mesmo deixar. Cuidado



com essas amiguinhas assanhadas, mocinha tem que ser comportada. Abaixei a saia ao sentar, tome cuidado, ainda não é hora de namorar...Ai, meu Deus, essa menina não é igual a irmã dela não! Vive de cabeça no ar, só de livro na mão e isso me mata de preocupação. Cale a boca, deixe de ser malcriada. Tire esse livro da mão, você já sabe a lição, assim, vai acabar ficando maluca de tanto estudar. Você precisa mesmo é aprender a trabalhar...

Ah, menina, seu pai acaba de chegar. Vá logo esquentando a janta, ponha a mesa, arrume tudo direitinho. Acenda o fogão de lenha, apanhe a panela de ferro, prepare logo a comida, seu pai deve estar com fome!

Menina, não fale sozinha, não pregue mentira, não invente suas histórias... Você é mesmo “inventadeira de moda” ... Qualquer dia a levo no Doutor Abdo e conto tudo isso que você anda fazendo. Ele vai lhe dar um remédio, tenho certeza!

.....

E nos caminhos por onde andei a menina que tudo ouvia, nada compreendia e nada podia dizer, já criava suas fantásticas histórias, que não eram de mentira não, mas os primeiros versos que ela fazia nas asas da sua imaginação. E assim, no “feijão e no sonho” de cada dia a menina crescia, crescia, fazendo da sua vida a mais bela poesia! ...

Amélia Luz – Formou-se em Pedagogia – Administração Escolar e Magistério – Orientação Educacional – Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa com Pós Graduação em Psicopedagogia e Planejamento Educacional. Oficineira de versos leva às escolas a palavra poética despertando a juventude para a leitura e a poesia como meio de educar para a paz. Premiações em concursos literários em vários estados do Brasil e exterior. Coautora em muitas coletâneas em prosa e verso

Livros solos: Pousos e Decolagens, Luz & Versos / Contos de Argila / Crônicas: Silêncios Clarinam ao Longe? Outros em publicação.

## A pentelhinha

*Anderson Reis*

- Alô
  - Oi, quem está falando?
  - É a Aninha.
  - Oi Aninha, quantos anos você tem?
  - Quatro
  - Que linda, você me deixa falar com a Laura?
  - Ela não está
  - Saiu foi?
  - Foi
  - Sabe quando ela vai voltar?
  - Sei não
  - Faz tempo que ela saiu?
  - Foi antes do papai Noel chegar
  - No Natal?
  - Foi
  - Então ela se mudou?
  - Foi, ela mudou pra outra casa
  - Você tem o telefone dela?
  - Não, ela levou
- Ah, entendi e sua mãe está aí?
- Não ela está no céu
  - Ah tadinha! Ela está com Deus, não é?
  - Não, ela está no avião indo para SP com o meu pai
  - Ah que susto!

- Tem mais alguém aí?
- Tem a Penélope.
- Você pode chamar ela pra mim?
- Ela não vem
- Por quê?
- Por que ela está comendo a ração
- Quem é a Penélope?
- É a minha gatinha
- Você está sozinha com a Penélope?
- Não, eu estou com a titia também
- Então chama ela pra mim?
- Não posso
- E por que não?
- Ela vai brigar
- Mas por que ela vai brigar se você chamar ela?
- Por que ela não quer que eu atenda o telefone
- Então eu ligo de novo e você fala pra ela que o telefone está tocando
- Está bom?
- Tá
- Alô!
- Oi, não é para você atender, é para você dizer para sua tia que o telefone está tocando
- Mas agora ele não está tocando
- Eu sei, mas você desliga e eu ligo novamente e aí ele vai tocar, entendeu?
- Entendi
- Então desliga que eu vou ligar de novo
- Alô
- Ah meu Deus, não é para você atender

- Mas por que não?
- Porque eu quero falar com a sua tia e se você chamar ela vai brigar não é isso
- É
- Então desliga o telefone e quando ele tocar de novo você chama a sua tia e diz que o telefone está tocando
- Ah, então tá
- Pois não?
- Boa tarde senhora, eu estou procurando a Laura, parece que ela se mudou. A senhora teria o número do telefone dela?

Eu não, mas a Aninha tem, fala com ela aqui

- Alô
- Ah! É você minha amiguinha?
- E'
- Você sabe o número do telefone da Laura?
- Sei
- E por que você não me falou antes?
- Por que você não me perguntou
- Então por favor, me dá o número do telefone dela
- Eu não sei os números eu só sei ligar
- Ah meu Deus!

Então faz o seguinte, eu desligo o telefone e você liga pra Laura e diz para ela ligar pra mim. O meu nome é Eduardo. Você consegue fazer isso?

- Consigo
- Então por favor, faz isso ta?.

Ta!

Meia hora depois...

- Alô
- Minha amiguinha você ligou para Laura
- Não!

- Mas por que não?
- Esse telefone não liga, ele está com cadeado
- Deixa eu falar com sua tia?
- Não posso, ela vai brigar!
- Então desliga, eu ligo novamente e você diz pra ela que o telefone está tocando.

Lembra da última vez?

- Lembro!
- Você faz isso?
- Faço!
- Pois não
- Oi senhora, boa tarde de novo, eu estou precisando urgentemente falar com a Laura e a Aninha não sabe o número, só sabe discar. Eu pedi então para ela ligar para a Laura e mandar ela me ligar, mas ela disse que o telefone está com cadeado.

- É verdade, a mãe dela deixou o telefone com cadeado para Aninha não ficar ligando

- A senhora tem a chave?

- Não!

- Então por favor, será que a senhora poderia me ajudar, eu desligo o telefone, a senhora pede para a Aninha discar os números e anota que depois eu ligo e pego, pode ser?

- Não senhor

- E por que não?

- Eu não sei ler nem escrever.

Pim pim pim pim ...

- Grosso, desligou na minha cara só porque eu sou analfabeta



A Princesa Lorita.

(Contos)

É essa da foto, isso mesmo. Hoje ela é Princesa, minha Princesa. Tá tão linda, tão meiga e a cada dia que passa fica mais carinhosa, eu adoro brincar com ela. Quando estou triste, parece que me entende, ela se chega e coloca seu rostinho nos meus pés, e de vez em quando olha pra mim, como que me perguntando, já passou? tá melhor?! E eu volto a ver a vida de outra janela. Com ela meus dias se tornaram mais leves.

Mas nem sempre foi assim. A história dela é triste, nem gosto de lembrar. A gente se encontrou num olhar, bem rápido. Eu estava indo pro Fórum da cidadezinha onde estou morando, ia dirigindo devagar o ramal estava enlameado, fazia frio e a expectativa era de chuva forte. Quando estava passando por perto de uma lixeira, algo me fez olhar com mais atenção. Alguma coisa se movia fuçando no meio do lixaral. De repente ela se virou e com olhar triste focou bem nos meus olhos, em seguida baixou a cabecinha, naquele instante eu senti no meu coração, toda tristeza do mundo. Parecia que ela me dizia: - poxa, hoje não tem nada pra mim comer. A chuva começou a cair ela foi se abrigar não sei aonde e eu segui meu caminho.

Quando eu estava próximo de finalizar meu trabalho, senti fome ; então perguntei d'um colega: - tá com fome não?! Vamos almoçar eu pago. Ele demorou a responder, aí eu me lembrei da cadelinha e aquele olhar desvalido sem esperança; o colega já ia pra falar alguma coisa, se ia ou não se aceitava ou não, sei lá ... o que eu sei é que eu disse meio espantado: - Ih... rapaz, esqueci uma coisa... amanhã a gente almoça, ele engoliu o que ia dizer e ficou por isso mesmo. E eu pensei: - quer saber, eu vou almoçar em casa. Vou comprar duas quentinhas, se ela estiver por lá eu dou uma pra ela, senão eu guardo e como depois. Mas não deu certo, ela não estava mais onde eu a vi de manhã.

No dia seguinte, no mesmo horário, eu no ramal tudo igual, mas naquele local não, ela não estava por lá. E na minha volta também não. Não sei o que senti, uma mistura de coisas tristes. No terceiro dia pareceu cena de filme de horror, quando eu me aproximei da lixeira vi uma briga horrível, quatro cachorros pareciam querer devorar um, havia gritos desesperados de quem está pedindo socorro e querendo fugir. Fiquei furioso, pensei que poderia ser ela que estivesse ali, desci do carro peguei um pau e fui apartar a briga e me deparei com a coitadinha já toda

cheia de sangue, com as patinhas pra cima tentando se defender, queria mostrar valentia, mas só chorava, ela estava apanhando muito. Senti vontade de dar uma surra nos covardes, mas todos fugiram, ela também correu, cambaleante e não atendeu o meu chamado. Ainda esperei um pouco, mas ela não voltou. Acho que ficou com vergonha. E eu fui trabalhar.

Na volta pro sítio eu contei a história pro caseiro, e ele me disse: - ah, doutor eu sei quem é... ela fica mesmo por ali e só vive apanhando daqueles cachorros dali de perto, ela tá toda pirenta, e continuou dizendo: - eu vi quando um cara, num gol branco jogou ela lá; eu ia passando na moto. Ele abriu a porta e soltou um saco, ela se soltou e ainda correu atrás do carro, depois ficou sentada só olhando ele ir embora. E concluiu: eu fiquei com tanta pena dela; - ele gosta muito de cachorros e cuida muito bem dos oito que tenho. Então eu lhe disse: Ficou mesmo com muita pena dela? - Com a cabeça ele acenou que sim. Aí eu lhe disse: Ok. Então vamos cuidar dela, vamos lá, ela tá aí no carro me ajuda a tirar ela de lá.

E foi assim que ela chegou em casa e se tornou a Princesa LORITA, minha princesa e do caseiro, também.

.....

Antônio Souza

(Escritor - Poeta)

Música: <https://youtu.be/SFpl6gOiHw8>

Aceito o Seu Coração - Roberto Carlos Legendado

## CONSEQUÊNCIA

*Bruna da Silva Alves<sup>1</sup>*

\_ Nasceu! Parabéns, é uma linda menina!

Essas foram as palavras do médico após me tirar do ventre de minha mãe e me entregar em seus braços. Ela aproximou-me de seu rosto, meu deu um cheiro e um beijo demorado. Ainda sonolenta pela anestesia, ela traçou seu olhar em cada detalhe do meu pequenino corpo, de seus olhos, começaram a escorrer lágrimas de alegria, gratidão, ou sei lá, podia até ser somente pela sensação de me ter pela primeira vez em seus braços! Sentia seu amor me alcançar quando ainda estava em seu ventre, mas o calor e o contato pele a pele com aquela que me planejou com tanto amor, me fez sentir o que era a vida fora daquela que foi minha primeira moradia.

\_ Venha, filha, com a mamãe... um passo de cada vez! Eu estava andando... E lá estava ela, chorando novamente, simplesmente ao me ver conquistando algo novo. Registrava cada momento. Meu primeiro dentinho; quando eu estava usufruindo do leite materno que me alimentava; a primeira palavrinha – pelos registros que guardava, todos acreditam que tenha sido “papai”, mas na verdade foi “mamãe”, só não tinha ninguém presente para registrar o momento.

Ha ha! Até a primeira vez que usei o vaso sanitário ela registrou. Era uma mãe daquelas que são “coruja”, como vejo falar por aí.

Minha mãe tinha registrado em álbuns e em vídeos com cada segundo da minha vida... tá, tá bom!... eu sei que “cada segundo” é exagero, mas de cada momento importante aos olhos dela, é certeza que estavam ali registrados, e minha mãe tinha todos esses materiais guardadinhos na parte central de seu guarda-roupa, ela montou um lugarzinho especial para eles, quase como um altar, ha ha!

O quarto dela era meu lugar preferido da casa. Era tudo tão limpinho, era tão acolhedor. Quando abríamos ao amanhecer as cortinas brancas com lindos girassóis desenhados, no piso, automaticamente, refletia a luz do sol que atravessava a janela de vidro, a cama era grande, sempre com lençóis e fronhas brancas e muito macias, e seu cheiro estava fixado neles, não importava o quanto os lavassem. O guarda-roupa, também branco, era enorme – branco era sua cor preferida –, e ocupava toda a parede bege detrás da cama, com portas que continham espelhos em quase toda sua extensão, deixando apenas umas pequenas margens nas laterais,

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Português, pela Universidade Federal do Amapá *Campus* Santana – UNIFAP/STN. E-mail: nunaalvesap08@gmail.com



e na parte de cima ficavam os armários, nos quais guardava todo seu enxoval, tolhas, lençóis, etc.

É incrível o tamanho que pode ser o amor de uma mãe. Eu conseguia ter a certeza, mesmo tão pequena, que seria feliz para sempre, que nada poderia me machucar. A cada ralar de joelho, a cada queda de bicicleta, ela estava lá, pronta para me segurar antes mesmo que desse tempo de sentir a dor do meu pequeno descuido, me abraçando e assoprando o pequeno ferimento em minha pele ainda tão macia, \_ Calma, meu amor! Não foi nada. Vamos lavar e logo você estará pronta para voltar a brincar. Te amo, viu?!

Minha primeira vez na escola, lá estava minha mãe de novo, chorando, ha ha ha! Eu não conseguia entender o porquê, mas conseguia compreender que todas as vezes que a via chorando, era de felicidade. Deve ser boa essa sensação né?!... chorar de felicidade por algo! Eu saí correndo, ansiosa para conhecer meus novos amiguinhos, foram ótimos momentos.

Ao passar de alguns anos, eu já estava na faculdade, cursando Matemática! Ficou surpresa né?! Com o curso que escolhi. Todos ficam! Não é a área a qual a maioria das pessoas se identificam ou gostariam de cursar, mas sempre foi minha paixão, adoro os desafios a serem resolvidos e submetidos nesse curso, é algo que é exato, que não tem margens para outra interpretação, é aquele resultado, e pronto, nada a acrescentar.

Quando me formei, concluí mais um ciclo em minha vida, parecia que estava conquistando algo que não era somente meu, era muito além, eu olhava para todas aquelas pessoas ali presentes, e ela estava lá, como sempre esteve, via luz nos olhos da minha mãe, eles brilhavam tanto quanto brilharam no dia em que nasci. A minha conquista era a dela também, a minha felicidade era a dela, o seu mundo girava em torno de mim, e o meu em torno dela, eu era tudo que ela planejou para sua vida, ela estava realizada.

Sempre fui grata por minha vida e de minha mãe, mas... esta, a qual descrevi a vocês, é a vida que tive somente em meus sonhos. Quando consigo fechar os olhos ao anoitecer e dormir, são essas as cenas que vêm em minha cabeça, tudo que sempre sonhei ter vivido.

Hoje, quando acordei e olhei para o lado, lá estava ela, dopada pelos medicamentos que tomava com muita frequência para tentar curar uma depressão já muito avançada, incurável. Vivemos em uma casa de um único cômodo, escuro e frio, um lugar morto e sombrio, e por mais que eu tente amenizar essa sensação, não consigo. Não basta abrir as janelas ou ligar as luzes, e nem mesmo limpar todos os dias aquele lugar, porque não é só o ambiente físico que está devastado, é a energia ruim que está por lá, não tem alegria, não tem vida.

Ela passa dias e dias deitada em uma pequena cama de solteiro, quase sempre sem

expressar nenhuma reação, apenas ali, existindo. Seus olhos, nas poucas vezes que consigo vê-los abertos, ficam fixados para o nada, apenas com a simples movimentação do piscar das pálpebras.

\_ Reage, mãe. Preciso de você aqui comigo, eu te amo, mãe! Me ouve. Por favor!

Não sei mais o que fazer!

Eu sou a única pessoa que ela tem nessa vida, e sou também, seu lembrete diário do porquê de ela estar naquela situação.

A realidade?

A realidade é que não sou fruto do relacionamento de duas pessoas que se amaram muito, nem sequer de uma jovem que em um momento de loucura acabou engravidando, nem mesmo conheço meu pai, e acredito que nunca saberei quem seja ele.

Sou fruto... fruto não, fruto é sinônimo que representa algo bom.

Sou consequência... sim, consequência é a palavra mais adequada!

Sou consequência de um estupro.

Minha mãe foi violentada aos 13 anos por um homem, ela nunca me falou quem foi ele. Quando o fato ocorreu, a primeira reação que ela teve foi contar para sua mãe, no entanto, ao invés de fazer algo para lhe ajudar, a pessoa que deveria protegê-la preferiu ignorar tudo – talvez fosse alguém mais importante para ela do que a própria filha. Por conta de tudo isso, minha mãe resolveu fugir de casa, foi a solução que encontrou para tentar se esconder, afastar-se do horror que havia sofrido, para não ficar lembrando a situação e nem convivendo com os culpados pelo acontecido.

Porém, passando alguns meses, ela descobriu que estava grávida. Tentou realizar o aborto algumas vezes, mas como podem perceber, não teve sucesso. Pariu em um hospital em que os funcionários a julgavam a todo momento por estar grávida tão nova e somando ainda ao fato de não ter a presença do pai da criança no local, os comentários eram cada vez pior. \_Deve ser uma vagabunda! Por isso engravidou. \_Tenho certeza que ela nem sabe quem é o pai! Era o que diziam.

Minha mãe imaginava que quando eu nascesse e pudesse finalmente me ver, tudo pelo o que passou pudesse ser apagado, ou pelo menos amenizado. Mas não foi o que aconteceu. Quando me pegou pela primeira vez em seus braços... sentiu repulsa, reviveu, imediatamente, cada segundo do ataque que havia sofrido em sua mente.

Ela cuidou de mim até quando pôde. Me alimentou, me deu o que vestir, onde morar e me colocou na escola. Eu podia ver todo seu esforço. Ela queria ser para mim o que sua mãe não foi para ela. Era notório o quanto tentava ter afeto por mim, me amar, mas sempre que me olhava, sempre que me tocava, ela revivia o momento em que fui brutalmente concebida. Não conseguia acreditar que perdeu, em um único momento, sua virgindade e também sua vida.

Minha mãe chorava todo santo dia... e eu sabia que aquele choro era de dor. Cada lágrima que escorria em sua face, representava a angústia e o sofrimento que estavam entalados. Representava o sentimento que estava a matando diariamente.

Hoje?

Hoje eu tento fazer de tudo por ela. Hoje eu cuido dela, infelizmente, na maioria das vezes tentando impedir que ela se mate. Apesar de tudo, ela fez mais por mim do que sua mãe fez por ela.

Minha mãe é uma vítima, e eu, apenas o lembrete do terror que ela viveu.

Essa é a realidade em que vivi, vivo e viverei.

Talvez...

Talvez tivesse sido melhor ela ter concretizado o aborto...

Talvez tivesse sido diferente se sua mãe a tivesse acolhido e denunciado o abuso...

Talvez...

Não! “Talvez” não!

Teria. Sim...

Teria sido melhor se minha mãe não tivesse sido estuprada!

## CONTO INFANTIL – O JABUTI E A LIBÉLULA

Sobre a placidez de uma lagoa sobrevoava com a leveza peculiar uma formosa Libélula.

Transparente e esvoaçante pousava fugazmente nas translúcidas e serenas águas.

Na orla da lagoa um Jabuti observava os movimentos instigantes da Libélula e uma seta de inveja atingiu-lhe.

O Jabuti pôs-se a comparar seu rústico perfil com o da encantadora Libélula e resmungava:

- Quem me dera voar livremente por aí, fazer piruetas no ar, brincar nas águas da lagoa como essa Libélula, mas com este casco que carrego, mal consigo caminhar pelo chão.

O lindo inseto aproximou-se do Jabuti e disse-lhe:

- Olá Jabuti, está com algum problema?

Carrancudo o Jabuti encarou a Libélula dizendo:

- Problema eu? Nenhum. Porque perguntas?

- Porque você me parece descontente, está com a cara enfezada e falando sozinho.

- Eu falando sozinho? Estás ouvindo demais.

- Jabuti, se não quer desabafar eu entendo, mas não se faça de desentendido.

O Jabuti que estava azedo pelo sentimento de inveja ficou furioso com o rumo da conversa e esbravejou:

- Escuta aqui, senhorita Libélula, és muito atrevida. Estou quietinho no meu canto e vens fazer-me insinuações.

Desconcertada a Libélula intervém:

- Desculpe-me Jabuti eu só queria ajudá-lo.

- Eu não preciso de ajuda, por favor, me deixe em paz.

Decepcionada com a grosseria do Jabuti a Libélula alçou vôo e prosseguiu seu balé sobre a lagoa.

O Jabuti virou as costas e vagarosamente escondeu-se no capinzal pra não ter que assistir ao espetáculo da Libélula. Encolheu-se todo sob seu duro casco e lá ficou petrificado mordendo-se de inveja das habilidades da Libélula.

**Bryzza**

## O bom do sonhar

Colly Holanda

O céu estava brilhante cheio de estrelas... Da janela do quarto, Mariazinha fazia pedidos as estrelas: Estrela Dalva... Estrela que tanto brilha fazei com que a Lua clarei a minha casinha para que eu possa ler uma revista que aniversaria! Como um toque de mágica, viu-se um clarão! Era a Revista Barbante que feliz, declamava uma poesia... Mariazinha teve vontade de cantar e também festejar junto com sua criadora pôs-se a chamar outros poetas e muitas histórias foram editar. Quando amanheceu o dia, sumiram todas as estrelas, porém uma Estrela maior e muito brilhante aproximou-se do seu jardim. Era o Sol que também veio brindar. E naquele instante ouviu-se uma voz: Mariazinha... Mariazinha... acorda! Você passou a noite sonhando. Mariazinha esfrega os olhinhos e indaga: - Cadê Rosângela? Responde sua mãezinha: Minha filha... Você teve um lindo sonho!

## Amélia

Daniele Aguiar

Amélia não teve uma infância comum. Na verdade, se fôssemos analisar os primeiros anos da sua vida, seria difícil dizer que ela teve algum tipo de infância – já que as únicas lembranças que a menina tinha eram aquelas nas quais estava limpando a casa, lavando e cozinhando. Entretanto, não são os primeiros anos da vida de Amélia aos quais vamos nos referir aqui.

No dia do seu aniversário de dez anos, Amélia descobriu pela boca de sua mãe que estava prestes a deixar de ser filha única. Talvez, para algumas crianças, essa notícia pudesse ser a fonte de um medo que já assolou boa parte dos seres humanos: o de deixar de ser amado, de ser o centro das atenções e de ter alguém tomando seu lugar. Mas esse pensamento não cruzou a cabeça da menina por um único segundo, pelo simples fato de que Amélia não recebia nenhuma atenção. Seus pais trabalhavam dia e noite desde que ela era grande o suficiente para fazer o próprio copo de leite, o que queria dizer que ela costumava passar todas as horas do seu dia que não estava na escola, sozinha em casa.

Na maior parte dos dias sua mãe chegava junto com a noite e tentava convencer a menina a sair para brincar com as outras crianças do bairro, só que Amélia nunca conseguia se livrar totalmente da sensação de que ainda tinha coisas para fazer. E nas poucas vezes que foi convencida a ignorar esse sentimento, arrependeu-se amargamente ao ouvir os berros do pai com a mãe quando este chegou e encontrou a louça por lavar ou a janta por fazer. Depois disso, quando sua mãe a mandava largar os pratos sujos ou a roupa para estender, Amélia apenas perguntava como havia sido seu dia – na esperança de que, ao receber a atenção que ela própria não tinha, a mãe desistisse da ideia de se preocupar com a menina.

Assim, a notícia de que ela teria uma irmãzinha não fez com que ela se sentisse excluída ou deslocada – esses sentimentos, infelizmente, sempre a acompanhavam –, mas lhe deu a esperança de ter alguém com quem conversar durante as longas horas que passava isolada do mundo. Só que o mundo parecia querer se certificar de que Amélia aprenderia cedo que a vida não era justa.

Pouco depois do nascimento da irmã, a mãe de Amélia recebeu um diagnóstico de uma doença silenciosa e terrível, difícil de tratar. Nos primeiros anos a menina não entendia quando diziam que sua mãe estava doente porque ela parecia estar bem, tão bem quanto sempre estivera. Quando a irmã já tinha três anos, porém, Amélia começou a notar como a mãe parecia pálida e cansada o tempo todo. Idas ao médico e hospitais ficaram cada vez mais frequentes, até que um dia ela descobriu que a mãe tivera que largar o emprego, pois não estava mais em condições de trabalhar. Foi então que Amélia, mais uma vez, se viu responsável por uma carga que não era sua.

Ela começou a trabalhar aos treze anos de idade no mercado que havia no final da rua. Cada centavo do salário que recebia era usado para comprar o leite da irmã ou pagar a conta de energia que estava prestes a vencer. Vez ou outra, Amélia conseguia economizar algumas notas pequenas que sobravam, para poder comprar roupas e sapatos novos para

a bebê quando os tornozelos começavam a aparecer por baixo da calça e os calcanhares a escapar das sandálias.

Não tardou para que sua avó paterna viesse morar com eles, pois a mãe estava tão doente que não tinha mais condições de cuidar da bebê enquanto Amélia trabalhava. Pouco depois disso a mãe também não tinha mais condições de cuidar de si mesma.

Fora isso, as coisas começavam a se complicar por um outro ângulo. A menina era imensamente grata à avó por toda a dedicação, mas agora havia mais uma pessoa na casa para alimentar e mês após mês as contas fechavam cada vez menos. Ela passou semanas perguntando-se como as coisas poderiam estar tão ruins se a avó também contribuía com o pouco dinheiro que ganhava da sua aposentadoria. Até que, um dia, ao vasculhar o a caixa onde deixava suas economias debaixo da cama para comprar uma mochila nova para irmã, descobriu que seu dinheiro havia sumido.

A avó resistiu à ideia de falar, mas não teve como esconder por muito tempo da neta que o culpado era o pai, e se viu obrigada a contar à Amélia sobre o vício do homem em apostas. Além de todas as dívidas que a família vinha enfrentando por consequência disso.

A revelação atingiu Amélia como uma facada nas costas. Porque enquanto ela e a avó trabalhavam dia e noite para cuidar da mãe doente e da irmã pequena, seu pai estava jogando no lixo todo o dinheiro que elas precisavam para viver. Ela tentou esconder a revolta da sua mãe pois não queria preocupá-la, no entanto, apesar do corpo debilitado, a mulher ainda estava terrivelmente consciente do que acontecia à sua volta. Assim, ela fez a filha prometer que, dali em diante, pelo menos metade de todo o dinheiro que Amélia ganhasse no seu trabalho não chegaria a passar pela porta da casa – dessa forma o pai não teria chance de pegá-lo.

Amélia hesitou, pois não gostava da ideia de gastar dinheiro consigo mesma. Então decidiu abrir uma conta no banco, onde deixaria as economias para o caso de algum dia a irmã precisar.

A mãe de Amélia piorou rapidamente depois disso. As idas aos hospitais, que antes duravam horas, esticaram-se em dias. Quando estava em casa, passava a maior parte do tempo dormindo por causa dos fortes remédios para dor. Em uma das suas últimas conversas com a filha, pediu que ela não desistisse do sonho de ir para a faculdade quando não estivesse mais ali.

No dia seguinte a mulher foi para o hospital pela última vez.

Hoje em dia, quando pensa nos meses após a morte da mãe, Amélia só consegue se lembrar de abraçar a irmã e de enxugar suas lágrimas antes de dormir.

Um ano depois do dia fatídico, Amélia percebeu que tinha algo errado quando chegou no portão de casa. Já fazia muito tempo que ela havia se acostumado com os gritos do seu pai, mas naquela tarde ela podia ouvi-los do outro lado da rua ao se aproximar. Ao entrar em casa percebeu, com uma onda de enjoo, que seu pai havia descoberto sobre a conta no banco e sobre a aprovação em uma universidade federal, à qual Amélia havia prometido à mãe que se inscreveria.

Mas o pai não tinha, nem de longe, o olhar orgulhoso que Amélia imaginou que receberia

do rosto da sua mãe no dia em que pegou o resultado do vestibular. Muito pelo contrário, o pai a chamava de egoísta, perguntando-lhe aos berros como podia abandonar a ele e a irmã, quando haviam acabado de perder a mãe. Perguntando, também, que tipo de filha ingrata esconde dinheiro da própria família.

Amélia apanhou do pai pela primeira vez em mais de uma década naquele dia. A avó manteve a irmã trancada no quarto até que os gritos cessassem. E o pai só parou de bater na filha quando o velho cinto de couro arrebentou.

Depois disso, o homem garantiu à Amélia que eles iriam ao banco juntos na manhã seguinte para sacar o dinheiro e foi dormir.

Já era tarde da noite quando a casa ficou em silêncio novamente e a avó saiu do quarto carregando uma pequena mala de roupas na mão. A velha mulher disse para Amélia que sua vida era só sua, que seu dinheiro deveria ser só seu, e que seu futuro não pertenceria a mais ninguém. Chamou um táxi para que a neta fosse até a rodoviária, onde pegaria um ônibus para chegar à cidade onde ficava a universidade.

No entanto, ao olhar a irmã adormecida e pensar nos anos solitários da sua infância, a determinação de Amélia vacilou. Ela pensou na menina sozinha naquela casa, crescendo como ela havia crescido, sem ao menos ter a mãe como fonte de consolo no final de cada dia, e só conseguiu partir quando a avó jurou que não deixaria que a irmã tivesse uma vida igual a sua. Mas não antes de entrar no quarto uma última vez, abraçá-la fortemente e prometer que em cinco anos estaria de volta para buscá-la.

Então Amélia abraçou também a avó, com os olhos já cheios de lágrimas, o peito cheio de ansiedade e medo. Depois saiu para a noite fria, sem ter noção do que encontraria pela frente.



## PATER DOLOR

Em casa, como em todo lugar, não se lembrava mais o dia em que o pai caiu doente.

Talvez no inverno de algum ano, depois de tirar pus dos pulmões de um aneurisma. Talvez quando fraco do peito de uma punção necessária. Onde se inicia o périplo agonizante.

Era assim desde que me entendia por gente. Era assim desde o começo do mundo. Necessário silêncio. Falado dentro de casa, mas a vontade era de se apregoar para o planeta. Que se faça barulho longe das esquinas, que o silvar do afiador de facas chamando a freguesia ficasse mudo.

De início ainda se queixava com a indiferença dos passantes. Como alguém nesse mundo ainda pode rir, enquanto o pai gemia em seu leito as dores das escaras. Chegavam a fazer festas. O alarido de vozes e música batia nas vidraças e gerava rancor contra o disparatado herege. A vontade de dar um tapa naquela gente sem entranhas era grande, de explodir em santa cólera. Mas o acanhamento humilde do enfermo jamais permitiria tal reação.

Xale em ombros e terço na mão, mamãe desfiava jaculatórias e responsos. A casa fechada, mas a música penetrava pelas frinchas. A música não parava.

No quarto, as mãos crispadas no peito, tremores, mas ainda com força para os choros convulsos. Divagava. Com os ossos duros, estalava. A febre queimava o lençol. Na cabeceira da cama, amontoavam-se as medalhas milagrosas e bentinhas e relíquias.

Sob os lençóis, já sem recato, as necessidades eram feitas nas fraldas. A muito custo vertia a urina cor de cobre. Enquanto mamãe vertia mais um Agnus Dei como nunca ninguém sofreu tanto, eu sonhava com as sumidades médicas que mandaria buscar onde estivessem enquanto interrogava calado os desígnios do céu.

Na penumbra do quarto, as cortinas empoeiradas pesavam até o chão. Fechadas. Uma surdina instalada na garganta de todos. Almoço feito, mas porque o pai estava doente a inapetência era maior. Na casa das dores o apetite é um insulto. Num silêncio constrangido era difícil confessar a própria fome. Apenas um café requentado, encarando quem jejuou com um olhar obsequioso admitindo a culpa.

Em um plantão. Dormia-se sobressaltado, em silêncio. Nenhuma preocupação poderia chegar até ele. Sua flagelação e martírio. Era sua dor. Hora a hora, dia a dia. O tempo havia se coagulado.

Aguardando o dis irae e o ofício dos agonizantes. Aguardava o bispo, carregando a misteriosa hóstia branca no cibório, a apaziguar os enfermos e acalmar os aflitos.

- Deus é grande. – Repetia as tias, enquanto na rua se juntava gente para a visita do Bispo. Era uma fineza muito grande para com o Pai. Parentes e amigos multiplicavam as novenas e promessas em conforto ao pobre sofredor. Mas a mim, porque o pai estava doente, tudo aquilo era opaco e funesto.

Findada a missa. Fecha-se as portas e janelas, transformando a casa no navio que naufragaria. Tal certo a alegoria que março mostrou tuas águas na mesma noite. A água escachoa no telhado, enquanto eu maldizia o enxurro e a indiferença da natureza às dores de alguém. Beijava a mão fria do pai prometendo que aquilo ia passar.

Até que um dia. Numa hora banal e preguiçosa, findou-se o calvário. Com a face serena da

falta de dor, que muito se assemelha a plenitude de vida, o pai estava em seu leito.

Lamentando não haver tempo de chamar o bispo, as tias choravam pelo já esperado. O rosto lívido, a boca seca e rosada, as mãos finalmente livres e descansadas. A família prestou os trabalhos para o merecido descanso e graça-lo com as exéquias.

Na janela coberta pelas grossas e empoeiradas cortinas, aberta em plena aleluia, a penumbra do quarto foi furada pelo sol, despejando o caminho para a boa alma seguir dali.

**DAVID FIRMINO DA SILVA LEITE**

<https://scriv.com.br/david-leite/>

## Kiara

### David Ehrlich

Nunca esperei envolver-me com Kiara. A pauta que meu chefe me passou era bem clara: insinue-se na vida dela, conheça os amigos dela, investigue e tire foto de qualquer coisa suspeita que encontrar. Havia algo estranho na forma como a produtora teatral mais bem-estabelecida do país financiava suas peças, e queriam que eu descobrisse.

Foi exatamente o que fiz. Conheci-a, comecei a falar de teatro com ela, logo estávamos conversando sobre nossas vidas pessoais. Só não contava que Kiara fosse uma pessoa tão fascinante. Era muito que me impressionava nela, mas de longe o que mais me impressionou foi o quão contraditória ela era: Kiara era de fato bem-estabelecida profissionalmente, mas ao mesmo tempo parecia desesperadamente frustrada com os rumos do teatro nacional. Mais ainda, ela era consideravelmente mais velha do que eu – na época ela já tinha seus 50 anos, e eu era apenas um jovem rapaz -, e o estresse do trabalho a fazia envelhecer rápido; mas ela continuava irresistivelmente bonita, de uma forma como eu, em minha ingenuidade juvenil, nunca antes imaginara que fosse possível em mulheres de sua idade. O porquê de ela ter preferido a carreira nos bastidores ao invés de subir no palco sempre será um mistério para mim.

Falando a verdade, muita coisa em Kiara permanecerá um mistério para mim. Ela era do tipo que excluía de sua vida qualquer um que fizesse perguntas demais – não é à toa que meu chefe enviou justamente a mim, um fotógrafo, para investigá-la. Mas ela podia ser extremamente passional para com aqueles que, mesmo não fazendo qualquer pergunta, alcançassem o fundo do desespero de sua existência. Foi o que aconteceu comigo após uma de suas festas de artistas. Fui o último a permanecer em seu apartamento, portanto fui o único que a viu tentando pular da janela. Salvei-a em tempo, mas com isso aprendi uma nova faceta dela: para Kiara, a arte era tudo, era um monstro tão grande que estava acima de qualquer existência individual. Ao mesmo tempo, era um monstro tão invisível e silencioso quanto o Deus católico, portanto mesmo que dedicasse toda a sua vida à arte, Kiara jamais teria qualquer resposta quanto a se toda essa dedicação valeu a pena, se a existência dela fez a diferença na longa vida do monstro da arte, tão longa quanto a da própria humanidade.

Por um tempo consegui aplacar sua crise existencial. Apoiei-a de todas as formas imagináveis, mostrando-lhe que sua vida tinha sim valor, que o teatro nacional não seria o mesmo se ela não existisse. Vendo aquela época em retrospectiva, percebo que Kiara era para mim o que a arte era para Kiara: dedicar-me a ela era a minha forma de dar sentido à minha existência até então tão aparentemente insignificante.

Mas então ela o conheceu. Ele era apenas um andarilho estrangeiro, que estava viajando como mochileiro pelo país. Mas de alguma forma ele conseguiu tocar o coração de Kiara de uma forma que jamais fui capaz. Nunca consegui entender o que ele tinha que eu não tivesse: ele não era particularmente bonito, nem particularmente culto, muito menos particularmente educado. Também não era nem mais novo e nem mais velho que eu. Mas talvez tenha sido

exatamente isso que encantou Kiara: como produtora teatral, ela dedicava sua vida à arte, porém era eternamente dependente de outras pessoas para fazê-la. Mas não aquele andarilho: ele era uma pedra bruta, pronta para ser esculpida; e Kiara tinha essa pedra só para si. Ela é que iria esculpi-lo, transforma-lo em uma obra de arte, e sem a ajuda de mais ninguém. Ele seria a oferenda dela ao deus-monstro da arte, a obra única e exclusivamente dela. Ou assim ela pensava.

Àquela altura, porém, Kiara já havia se tornado minha própria deusa. Uma deusa que me rejeitou. Não é um sentimento fácil, esse: por um lado, minha dedicação a ela seria eterna; mesmo tendo tirado fotos comprometedoras o suficiente para ela nunca mais poder entrar em um teatro na vida, jamais publiquei uma única delas. Por outro lado, da mesma forma como a vida para Kiara era insuportável diante do silêncio do deus-Arte, a vida para mim era insuportável diante do silêncio da deusa-Kiara.

Fiz o que qualquer jovem romântico estupidamente ingênuo faria: fui para a guerra. Passei sete meses no Oriente Médio, dois deles fotografando conflitos e cinco me recuperando de uma bala que me acertou na coluna. Voltei para cá em uma cadeira de rodas, a mesma à qual estou preso pelo resto da minha vida.

Obviamente minha carreira como fotógrafo ficou bastante limitada sem poder jamais andar, porém mais uma vez foi Kiara que deu novo significado à minha vida: se eu estava condenado a nunca mais andar, queria ao menos poder ficar sentado perto dela, mesmo que ela me ignorasse. Aprendi a tratar fotos, comprei um laboratório e logo me revelei sendo surpreendentemente bom naquilo. Fotógrafos do país inteiro vinham até mim: eu era capaz de transformar uma foto comum em uma foto boa, e uma foto boa em uma que seria comentada internacionalmente.

Com isso pude comprar meu próprio apartamento, de frente para o de Kiara. Da janela do meu quarto, podia ver a rotina dela se desenrolando. Vi quando o andarilho passou a morar com ela. Vi ela lapidando aquela pedra bruta, transformando-o em um cavalheiro. Vi quando ela lhe conseguiu um emprego fazendo serviços em uma embaixada, a embaixada do mesmo país de onde ele vinha. Vi quando ele a pediu em noivado e eles começaram os preparos para o casamento.

E vi quando ela foi assassinada. Primeiro ouvi um barulho estranho, que a princípio tentei ignorar dizendo a mim mesmo que devia ser alguma briga de casal. Não seria a primeira, afinal a lapidação de uma pessoa era um processo tão árduo quanto qualquer outro trabalho artístico. Mas algo daquela vez me soou diferente. Quando olhei pela janela, dois homens que nunca vi na vida estavam violentando Kiara.

Eu poderia ter gritado? Talvez, mas pouco adiantaria. Eles teriam apenas matado ela mais rápido e então vindo atrás de mim – e eu, aleijado, não teria chance de me defender. Mas é óbvio que na hora não pensei em nada disso. Na hora eu fui apenas covarde.

Demorei para reagir, mas enfim consegui sair do choque e empurrei minha cadeira de rodas até o telefone. No meio do caminho, eis que uma das rodas emperra. Se não tivesse emperrado, não teria salvo Kiara, mas ao menos eu teria conseguido falar com a polícia antes dela ser arremessada pela janela.

Estava com a mão prestes a agarrar o telefone quando ouvi o baque. Quando voltei para a janela, Kiara estava caída morta na rua. Seus assassinos não se encontravam em lugar nenhum.

Mais uma vez, algo me impediu de tentar novamente contatar a polícia. Não é fácil presenciar a morte de sua deusa. Menos fácil ainda, porém, foi presenciar a reação do noivo dela. A naturalidade com que ele olhou para o corpo dela ao voltar do trabalho. Com que ligou para a polícia e relatou um “acidente”. Com que ele afastou qualquer suspeita da polícia sobre si e deixou-se tornar uma sensação da mídia da noite para o dia, embebedando-se com a fama.

Estava óbvio para mim que ele tinha algum envolvimento naquilo. Que ele ordenara a morte de minha deusa. O que eu não conseguia entender era o motivo: eles ainda eram noivos, ele não ganharia nada com a morte dela. Mas talvez ele não precisasse de um motivo. Kiara havia tentado lapidá-lo, e externamente fizera um bom trabalho. Ela só não contava que ainda havia um núcleo bruto nele, e por essa arrogância artística pagara o maior dos preços.

Algum tempo depois, foi a vez de seu noivo ser encontrado morto na rua. Dessa vez, porém, havia evidências o suficiente para expor a fraude que ele era.

Ele foi morto pelos mesmos bandidos que mataram Kiara. Eu sei disso.

## FOI ANTES DE QUE SOUBÉSSEMOS

Diógenes Carvalho Veras

*Rua Fuencarral, 437, Madri, Espanha. Quinta-feira, 17 de outubro de 2019, 23h14.*

Max e Libiana estão a ponto de cerrar as malas sobre o colchão no quarto do apartamento. Ela permanece calma. Dali a dez minutos viria o Uber, calculou o marido, e em meia hora eles pisariam o terminal do aeroporto de Barajas. O voo decolará a uma e um quarto da manhã.

— Os bilhetes estão contigo, amor?

— No bolso do paletó, junto com os passaportes.

A linha dos lábios vermelhos dela descreveu um sorriso. Max olhou-a com ternura. Ela aproximou seu rosto do dele, era comprido e emoldurado pela vasta cabeleira. Beijaram-se enquanto ela experimentava o forte abraço do marido.

— Vamos deixar as malas na entrada — sugeriu ele quando ela o soltou —, farei uma chamada à gráfica. Quero que os convites estejam prontos quando voltarmos.

— Também ligarei para a Dona Concha para lembrá-la de alimentar o gato, essa senhora anda a queixar-se do inchaço nos pés, não controla a diabetes, come demais da conta...

Não foi difícil o casal distinguir a aglomeração em torno da cafeteria ao final do corredor do terminal do aeroporto. Max pegou a bandeja, e os dois sentaram-se ao redor da mesinha. O avô de sua esposa nascera numa aldeia siberiana. A mãe dela, entre oito irmãos e irmãs, decidiu estudar em Moscou e se tornar professora. Deu à luz a única filha, Libiana, após casar-se com um militar. Desafortunadamente, ele morreu no Afeganistão quando o tanque de guerra em que ia foi emboscado. Libiana cresceu órfã de pai. Na faculdade, estudou finanças, espanhol e mandarim. Mudou-se para Madri. Conseguiu um estágio num grande banco e acabou por fixar-se ali. Apaixonara-se por Max quando o viu no Facebook por intermédio de uma amiga em comum. Italiano, artista plástico em Milão. Libiana não demorou muito para convencê-lo a ir ter com ela. O rapaz, mais novo, atravessou a Riviera francesa montado em quinhentas cilindradas e adentrou o território de Dom Quixote. Agora as coisas iam bem para os dois; após ascender de posto, ela aceitou o desafio do banco e captaria pessoalmente grandes clientes chineses, contando com o domínio do idioma oriental. Enquanto isso, o companheiro tratava de organizar a exposição de suas obras numa galeria de arte da cidade onde moravam. Os dois deslizaram as malas até o portão de embarque do aeroporto, cruzaram a porta envidraçada e avançaram pelo túnel. O avião taxiou na pista principal, enquanto a aeromoça esguia se equilibrava sobre saltos no corredor estreito da aeronave, entediando os passageiros com normas de segurança. Minutos depois, o aparato acelerou sobre o asfalto.

*Bairro Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil. Sexta-feira, 18 de outubro de 2019, 19h14.*

— Que notícia maravilhosa!

— Pois é, eu só vi agora, enviaram-na ontem, está aqui no meu e-mail, queres ver?

Carlos sorriu-lhe, moveu as córneas para cima nas órbitas e, fazendo larga sua alegria com a notícia, caminhou até a janela, seu companheiro estava ao computador. Espichou os olhos para o céu tropical e apreciou a beleza de dezenas de estrelas faiscantes. Mesmo sob a intensa luminosidade das luzes artificiais da metrópole, ele distinguia-as em sua beleza.

— Eu sabia, estava escrito nas estrelas! — Voltou os olhos admirados ao namorado designer gráfico. — Não me diga que é na próxima semana!?

— Adivinhaste, já na segunda!

Os dois caíram na gargalhada. Abraçaram-se. Alfredo leu a mensagem em voz alta: “Prezados senhores, teremos prazer em recepcioná-los em nossas instalações...”.

— Índia, aí vamos nós!

Realizariam seu maior sonho: frequentar o curso de meditação no país oriental. Todos os seus amigos o tinham recomendado. Havia tempos, Carlos almejava duas semaninhas longe do mundo caótico, isolados no centro indiano de Balaghat. Acordar, tomar café, meditar, almoçar, meditar e mais tarde voltar ao quarto e se deitar em paz após meditar. Estupenda rotina! E ele viveria-a ao lado de quem mais amava.

Na manhã seguinte, desabaram à praia de Copacabana para celebrar a admissão.

— Vou mergulhar, querido, não vens?

— Fico aqui a vigiar nossas coisas, vais tu e logo irei eu.

Carlos observou-o sobre a areia fofa da orla, o short apertado calcando a pele morena deixava as pernas torneadas dele à mostra, ao encontro das ondas espumosas. Sol, mar azul e água de coco. Em breve estariam os dois num ambiente completamente diferente, em meio à gente de várias partes do mundo, num silêncio espiritual profundo.

*Margens do rio Yang Tsé, Wuhan, China. Sábado, 19 de outubro de 2019, 6h14.*

A mais de dezessete mil quilômetros do Rio, Tai Shuan atravessava a extensão da ponte Changjiang com seu tráfego intenso. Mirava as águas tranquilas do rio. Ia em direção à zona oriental de Wuhan, na avenida Heping, onde girou à esquerda. Caminhou duas centenas de metros e, ao fim do quarteirão, torceu à direita. Entrou na alameda, e penetrou no restaurante Chenji, onde trabalhava.

— Deixa-o aí na parte de baixo do frigorífico — disse seu amigo ao vê-lo com o pacote. O pequenino Shuan abriu a porta do eletrodoméstico, agachou-se e meteu-o na gaveta.

— Pus em baixo do saco das batatas. — Fechando a geladeira.

A cozinha apertada era relativamente ordenada, rescendia a patchouli. Deveriam

mantê-la asseada quando encerrassem as atividades por volta das três da tarde, antes de irem para casa a cada dia. Mister Kaishek era exigente, gostava de inspecionar.

— Compraste no lugar de sempre?

— Sim, eu tinha deixado encomendado. Esse é dos bons!

O amigo sorriu-lhe. Shuan pegou o celular e sintonizou a estação de rádio. Os dois amigos sentiram-se animados. Pegaram nas facas afiadas e começaram a cortar verduras. Montes delas num canto a serem picadas para o almoço, servido por volta das onze e meia, quando o restaurante abria. Em silêncio eles executavam as tarefas com agilidade.

*Terminal de Saint Pancras, Londres, Inglaterra. Sexta-feira, 18 de outubro de 2019, 22h14.*

Quando Dogtá Quimbola, sua esposa e o empresário inglês desceram do táxi com o volante do lado direito, o motorista argelino de barrete claro na cabeça e longa barba apressou-se em retirar as malas do bagageiro do automóvel. Pousou-as no asfalto bem à frente deles.

— Ficas com a propina, amigo!

O magrebino recebeu o dinheiro das mãos negras do jogador de futebol, agradeceu-o, e, num sorriso de dentes, desejou-lhes boa viagem. Cinco anos antes, Dogtá tinha atravessado o norte da Nigéria até a cidade litorânea de Atlas, no Marrocos, no lombo de um burro. A seguir, montou num velho barco de pesca e cruzou, por milagre de Alá segundo ele, as águas revoltas do estreito de Gibraltar. Comendo peixe seco e bebendo água de uma garrafa PET durante quatro dias, até o grupo de imigrantes, do qual ele fazia parte, ser abandonado numa praia espanhola deserta em noite sem lua. Com a roupa do corpo ensopada e uns poucos euros numa sacola plástica metida no tênis, entrava finalmente na Comunidade Europeia. Sua chance apareceu do nada, seis meses mais tarde, quando trabalhava recebendo moedas no estacionamento de uma praia portuguesa. De férias, um empresário inglês viu-o a fazer acrobacias com uma bolinha de tênis. Stewart admirou imediatamente não só a agilidade como também o belo porte do rapaz e interpelou-o.

— Ei, amigo, sabes mesmo jogar futebol?

Desconfiado, o jovem de dezenove anos balançou a cabeça. Foi seu natural dom que o fez ascender rapidamente no concorrido futebol inglês da segunda divisão. Agora, prestes a assinar o contrato milionário com uma equipe saudita da primeira divisão, ele e a esposa britânica mais loura que fios de ouro, ao seu lado, grávida de três meses, rumavam para Riad.

- Deste muito dinheiro ao motorista, meu anjo — sussurrou-lhe a esposa quando eles caminhavam pelo saguão da bela estação de Saint Pancras. O amigo e empresário ouviu-a e riu-se, deslizando suas malas de rodinhas em direção à plataforma do trem de alta velocidade.

— Essa gente trabalha para sobreviver e eu agora tenho de sobra, meu amor — respondeu o generoso Dogtá num inglês fluente, no que pese o pouco tempo no país. O



africano tinha aprendido as duas coisas rapidamente.

*Margens do rio Yang Tsé, Wuhan, China. Sábado, 19 de outubro de 2019, 11h08.*

Cansado, Piong sentou-se. O amigo se acomodou em frente a ele. Com o Chenji ainda com a placa de fechado pendurada na porta principal, os dois funcionários almoçavam no salão momentaneamente vazio. Sobre a toalha sintética, eles tinham distribuído pequenos tachos cerâmicos. Molho de soja, verduras cozidas, arroz com ovos mexidos e troços de presunto de porco. No meio, puseram a tigela com dois morcegos fritos enormes preparados recentemente. Piong serviu o colega. Observava-os o senhor Kaishek, o proprietário. Ele, a esposa, e as duas filhas moças, garçonetes do local, possuíam belos traços orientais. Com brotos de açucena, raiz de gengibre e molho de soja, devoravam um delicioso pangolim, acompanhado da sopa com pedaços de peixe, amêndoas e champignons. Quando acabassem a refeição, recepcionariam os fregueses, a partir das 11h30. Reconhecido em Wuhan como referência gastronômica, mais da metade das reservas diárias do restaurante eram preenchidas por turistas ocidentais, por conta das iguarias exóticas. Empresários nova-iorquinos haviam reservado uma mesa enorme.

Depois de o avião de Max e Libiana aterrizar em Pequim na quinta à tarde, eles pegaram um táxi para o hotel. Exaustos, decidiram descansar antes de jantarem num restaurante típico da cidade: insetos fritos com pauzinhos. No dia seguinte, a programação incluiu a agenda de trabalho de Libiana. Na agência bancária, no centro financeiro, ela reuniu-se longamente com investidores do país na Espanha.

O outono chinês proporcionava-lhes agradável temperatura, apesar da qualidade poeirenta do ar através do qual quase não podiam divisar o horizonte quando olhavam pela janela do automóvel a deslizar na grande avenida central. Agora estavam em Wuhan. Na segunda-feira, ela teria sua última reunião. Naquele instante, estavam a caminho do famoso Chenji, de que tinham ouvido falar muito bem por intermédio de um casal de amigos italianos, onde desfrutariam a saborosa carne silvestre de algum animal desconhecido.

*Bairro de Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil. Sábado, 19 de outubro de 2019, 00h24.*

Entusiasmados, os jovens Carlos e Alfredo preparavam as malas após jantarem, depois do excelente dia na praia. Ansiosos com a viagem à Índia, não conseguiam dormir, preferiam selecionar o que levariam. Embarcariam na segunda à noite, e contavam apenas com o domingo se precisassem providenciar algo de última hora. Como fariam algumas horas de conexão em Madri, aproveitariam para visitar aquilo que o tempo até o novo embarque lhes permitisse. Acomodaram casacos por baixo para o caso em que fizesse frio, roupas de baixo por cima, além das folgadas, que seriam usadas na meditação. Importante dormir bem: a viagem era longa até Nova Délhi. De lá montariam no trem até o centro espiritual em Balaghat. Antes de dormir, Carlos ainda leu um trecho de um livro de poemas, deitado. Mais tarde, ele sonhou que estava diante do grande guru indiano.

*Terminal Saint Pancras, Londres, Inglaterra. Sábado, 19 de outubro de 2019, 23h05.*

Surpreendeu-lhe a harmonia arquitetônica do terminal londrino bem iluminado, como se ali se celebrasse um espetáculo. Dogtá se acostumara a eles nos estádios cheios. Horas a treinar em campos de futebol, quando não estava ao lado de Brigitte. Meteram-se na cabine. Quinze minutos depois, o trem partiu com destino a Paris. Passariam por debaixo do Canal da Mancha. Adormeceu na poltrona segurando a mão da esposa. Ela sentiu-se mais calma depois de tomar o comprimido para pressão alta. Uma das coisas de que mais gostava era ajudar os pacientes do hospital em Londres, onde era enfermeira. Mas, agora ao acompanhar o marido rumo ao desconhecido, ela deixaria o posto. Mudar-se-iam com o filho deles em sua barriga para um país bastante diferente do deles.

*Bairro ocidental de Wuhan, China. Segunda-feira, 21 de outubro de 2019, 8h11.*

Barulhento e cheio, o Mercado do Peixe fervia. Piong esforçou-se por parecer bem-disposto. A filha, porém, percebeu que ele não se sentia tão bem quanto tentava transparecer. Sentaram-se em banquinhos a verem toda a gente carregando abarrotadas sacolas com pedaços de cães fritos, cobras enroladas no fundo, dentre outros animais silvestres.

— Tens febre, papai! — disse-lhe ela ao retirar a mão do pescoço dele. Piong olhou-a de lado, como se a interrogasse.

— Só estou um pouco cansado, ontem foi um dia pesado, demasiada freguesia. Tossiu uma tosse seca.

— Bebe, pai. — E estendeu-lhe sua garrafa. Ele segurou-a com as mãos trêmulas e, devagar, bebeu um gole d'água.

— Melhor irmos para casa — disse, reconhecendo finalmente que não estava bem. Pegou nas alças das sacolas com grande esforço e ergueu-se. Piong esperava que sua agonia passasse rápido e que pudesse aproveitar o único dia no qual o Chenji fechava portas. Repousaria bastante antes de voltar ao trabalho no dia seguinte.

Depois de almoçarem no Chenji no domingo, Libiana passou o dia na agência bancária de Wuhan com os representantes chineses, enquanto o marido visitava o centro de arte da cidade, próximo ao tradicional Mercado do Peixe, que ele observou de perto após terminar a visita. A fim de satisfazer planos gastronômicos e também os de arte de Max, ela concentrara as datas das reuniões de trabalho na sexta e na segunda, deixando o fim de semana livre para ela e o marido gozarem juntos. Após conhecer o museu e comprar na lojinha peças de arte chinesa, de cara a sua exposição em Madri em duas semanas, Max passou pelo tal mercado e tirou fotos, depois voltou ao hotel onde estavam hospedados. Era bonito passear a pé. No fim do dia, ele e Libiana jantariam em outro restaurante típico do outro lado de Wuhan, e dormiriam cedo. O voo de volta a Madri no dia seguinte era pela manhã.

*Arredores da Torre Eiffel, Paris, França. Domingo, 20 de outubro de 2019, 18h46.*

Fora realmente maravilhoso o dia. Abraçaram-se no barco sobre o Sena quando passavam em frente ao museu D'Orsay. Beijaram-se sob o Arco do Triunfo. Fizeram compras nas lojas chiques dos Campos Elíseos. Casados a um ano e meio, Dogtá e a mulher passavam fins de semana fora de Londres quando sua equipe jogava fora, e era espetacular poderem estar

juntinhos. Logo teriam o filho e seriam ainda mais felizes. O empresário do marido deixara-os a sós na cidade-luz. Ainda teriam o dia seguinte antes de tomarem o voo da terça-feira para Riad. Foi na escadaria de ferro da Torre Eiffel que encontraram casualmente a amiga de Brigitte do tempo escolar. Embevecida, ela contou à amiga que eles iriam viver na Arábia Saudita e até a convidou para lá ir depois que eles se instalassem. Agora, de frente um para o outro, ao redor da mesinha de toalha quadriculada do romântico restaurante italiano, a garrafa de tinto aberta diante dos seus cálices cheios, miravam o que restou das linhas arquitetônicas de Notre-Dame após o incêndio, enquanto faziam planos para o dia seguinte.

*Aeroporto do Galeão, Rio de Janeiro, Brasil. Segunda-feira, 21 de outubro de 2019, 22h24.*

Cabine de primeira classe. Carlos se sentiu radiante. O voo, pelo que ele tinha podido ver ao caminhar pelo corredor com o aparato ainda no solo, decolaria com todos os assentos ocupados. Estava feliz com a perspectiva da escala em Madri dali a algumas horas, quando já fosse terça-feira. Alfredo beijou-o suavemente depois de abrochar-se o cinto de segurança e olhou, através da janelinha, o asfalto da pista. Um casal maior sentou-se ao lado deles. Conversavam baixinho, parecendo agradáveis, a trocarem olhares amistosos com eles.

*Restaurante Chenji, Whuan, China. Terça-feira, 22 de outubro de 2019, 07h11.*

Piong não fora trabalhar pela manhã. De madrugada piorou a febre. Sentiu uma terrível falta de ar. A tosse o sufocava. Sua filha viera contar ao senhor Kaishek, depois de levá-lo às pressas à emergência do hospital, e começou a chorar diante do proprietário. Shuan arregalou os olhos ao ouvir a notícia sobre o amigo. Começara a cortar as verduras sozinho, cedo, como sempre fazia. Algo grave acontecera a Piong, pensou. Jamais, nos cinco anos em que trabalhavam juntos, o colega chegara tarde ao serviço. Lembrou-se de vê-lo a servir o grupo enorme de empresários norte-americanos no almoço do sábado, mesmo cansado devido à gripe. Com a casa cheia como nunca, as filhas do senhor Kaishek e a própria esposa não davam conta da enxurrada de pedidos dos comensais, por isso o amigo correria com os pratos da cozinha às mesas do restaurante abarrotado, enquanto ele concluía os pedidos à beira do fogo.

*Aeroporto Charles de Gaulle, Paris. Terça-feira, 22 de outubro de 2019, 20h19.*

— Vou ao banheiro, meu amor, em seguida comprarei tua água.

— Ok, estarei ainda aqui! — brincou Brigitte. Apreciava a adorável fisionomia negra do marido. A altura e o corpo esbelto chamavam atenção. Vendo-o afastar-se, ela retirou os comprimidos para a pressão da bolsa. No banheiro, Dogtá lavava as mãos, quando viu pelo reflexo do espelho alguns norte-americanos entrarem a tagarelar, gargalhando das pilhérias que iam contando uns aos outros. Enquanto secava as mãos, julgou serem homens de negócios, metidos em ternos escuros, cabelos penteados rentes à cabeça e pastas executivas. Com seu domínio avançado do inglês, conseguiu entender que o grupo fazia piadas sobre a China, onde talvez houvesse estado.

— Ainda bem que não fugiste! — disse Dogtá ao se aninhar ao lado da esposa grávida na cadeira do aeroporto e entregar-lhe a água. Em seguida, beijou-lhe apaixonadamente a boca.

*Cafeteria Corazón, Praça do Sol, Madri. Terça-feira, 22 de outubro de 2019, 19h19.*

O estabelecimento pululava. Carlos conseguiu finalmente pedir dois cappuccinos, por entre os braços da gente a ocupar o espaço. Havia modos apressados por parte do senhor de camisa branca e gravata borboleta atrás da barra do bar. Podia-se ouvir línguas diferentes por metro quadrado. Então, Alfredo retirou o celular do bolso e leu a mensagem.

— Era da empresa aérea, confirmam que o nosso voo sai a uma e meia da manhã. Carlos sorriu, tinham tempo suficiente antes da conexão a Nova Delhi, enquanto esperavam as bebidas. Ao lado deles, o casal Max e Libiana desfrutava suas chávenas de chocolate no balcão de aço, no alvoroço da multidão ao redor. Gostavam do local e do aconchego urbano que o ambiente lhe transmitia. O local era bem frequentando, e sempre que podiam iam ali, moravam a tão somente duzentos metros. Tocavam os braços da gente desconhecida no local apertado. Alguém espirrou, outro tossiu, e um terceiro assoou-se bem perto deles.

*Bairro de Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil. Sexta-feira, 21 de fevereiro de 2020, 10h52.*

Os dois se preparavam para o carnaval de Petrópolis, na fazenda retirada, longe do bulício, desejosos de contarem as novidades aos amigos. Um deles, frequentador do apartamento do casal, fora internado com pneumonia. Eles, ao contrário, sentiam-se cada vez mais em forma desde que haviam voltado da maravilhosa viagem à Índia.

*Saint Albans, noroeste de Londres. Sexta-feira, 21 de fevereiro de 2020, 13h52.*

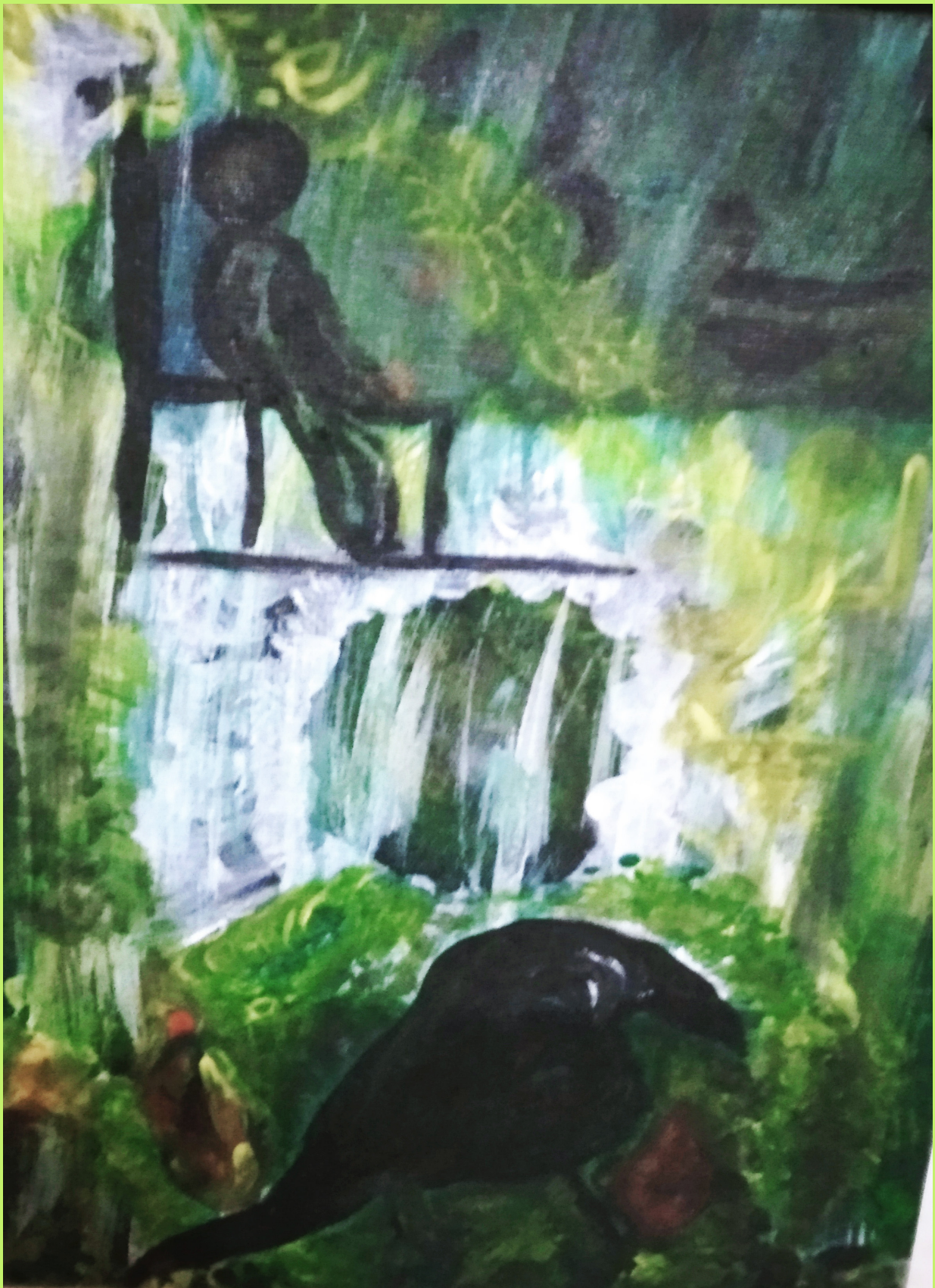
Tinha acontecido no dia de Natal, após Dogtá e Brigitte voltarem de férias de Pequim para estarem ao lado dos pais dela em Saint Albans, no interior da Inglaterra, onde ambos haviam morado antes de partirem. Ele perdera a esposa repentinamente. Agora, viúvo tão jovem e sem a filha que ele já havia aprendido a amar na barriga da esposa, duplamente castigado pelo destino. Ainda sem entender o que causara a gripe violenta dela e, logo, a terrível falta de ar que acabou por matá-la em seus braços, antes que ele pudesse levá-la ao hospital onde era enfermeira.

*Rua Fuencarral, Madri, Espanha. Sexta-feira, 21 de fevereiro de 2020, 14h52.*

Pelo que sabia Max, a esposa contraíra a gripe ao voltar da viagem. Resultado do stress com os clientes chineses, nada que a vitamina C e o paracetamol não atenuassem. Ao cabo de dois dias acamada, sob chás da Dona Concha, Libiana se recuperou. Sentia-se renovada e felicíssima com o novo posto no emprego. Dias depois, ela lamentou profundamente a morte rápida da Senhora, possivelmente devido às complicações da pneumonia agravada pela diabetes e pelo excesso de peso da idosa. Amigos haviam-lhes advertido de que as duas teriam contraído o novo coronavírus. Mas, Max não acreditava na hipótese. Ele, por exemplo, não

tivera sintomas.

Os médicos em Wuhan diagnosticaram a morte de Piong, em 31 de outubro do ano anterior, como acidente vascular cerebral. A filha, Jia Li, assumiu seu lugar na cozinha do respeitável Chenji, ao lado do amigo Shuan. Dezenas de clientes acorriam nos fins de semana. Aos mais assíduos, o senhor Kaishek informara que seu querido colaborador padecia provavelmente do coração e que, afinal, o problema cardíaco matou-o. Igual ao pai morto, Jia Li tinha predileção pelos morcegos do Mercado do Peixe. Aprendera a comê-los desde miúda. Junto ao marido, pescador, eles se banqueteava com a iguaria às segundas-feiras quando gozava folga do trabalho. Logo, suas vidas continuariam como sempre...



MEU PORTAL E UMBRAL. Autora: Ana Paula Gomes. Guache sobre tela. 2022.  
Dimensões: 24 cm X 30 cm.

Marcão chegou de mansinho. Raimunda gozava, então... de boa saúde. Ele se achegou, aconchegou-se e adentrou o universo da ingênua Raimunda. Via de dúvidas, ela se achegou também e foi ficando... Ficando... Grávida de cinco meses. Abandonada por ele e pela família adquiriu doença de rico: depressão. Afinal, o que fazer de uma vida que começa já podre, além de pobre?

E isso não é só um jogo de palavras, é a sua realidade. Jogou-se num despenhadeiro com os juro de sua inútil vida dentro de si. Que investimento mais besta! E era só uma adolescente cuja vida principiava já amarga. Ruminava esse pensamento enquanto sentia as dores entorpecidas por uma garrafa de cachaça. Antes de começar a beber, leu o rótulo encafifada: **CAXASSA DA BOA!**

Em negrito, caixa alta e com a devida exclamação, além do absurdo erro. Tanto linguístico quanto no ato dela. Sabia que ficaria presa eternamente no purgatório como diria Padre João, mas enfim, queria, pelo menos uma vez na vida, ser dona dela mesma. Mas, bêbada de um líquido escrito errado, é dose! Também não poderia adiar esse compromisso, pois morte é coisa séria e quando encontraria coragem novamente?

Mas, que o escritor do rótulo tira sarro do pretense bêbado...Vá confundir assim “liberdade de expressão” com “abuso de expressão” no inferno. Vagabundo! Como ela, diria a mãe. Passou a vida sonhando com fadas. Escrevia, no entanto, com o coração como dizia a sua leitora Magda. Só ela a compreendia. A mãe achava que o que ela fazia era coisa do Diabo. Onde já se viu uma pessoa de letrinhas num papel?

Uma pessoa tem que ter alma. Almas de papel?! “Mãe, respeite minha “liberdade de expressão”. A mãe, que não entendia nada de “liberdade” — tirana com todos — sendo abandonada pelo marido por motivos de agressão, inclusive física. Dela, não dele. Muito menos sabia o que significava “expressão”. Era analfabeta. Pois não é que ela foi ao Padre João confessar o pecado da filha? Ele chegou ao quatinho apertado e foi logo mandando Raimunda rezar três pais-nossos e duas ave-marias. Foi um bate-boca dos diabos, quero dizer, dos deuses.

— “Só isso, Padre?”

*Não é lá um pecado tão grande, mas a ignorante de sua mãe me obrigou a vir lhe dar a absolvição, senão, não cuida mais da limpeza da Capela. Chantagista!*

— *Mas não sou eu que tenho que lhe contar meus pecados?*

— *Por que? Tem outro maior? Assim vou perder a faxineira voluntária.*

— *Estou grávida do Marcão. Ele caiu fora.*

— *Sem casar?! Multiplique tudo por mil, tanto os pais-nossos quantos as ave-marias. E cuide bem do pequeno órfão de pai.*

— *Mas, se eu fosse casada não seria um pecado maior? Mais do pai que considerou o*

*filho um ser abandonável? E se eu abortar, o pecado não será maior do que maior?*

*—O que é agora?! Além de escrever e inventar alma de papel, sabe interpretar melhor as escrituras do que seu confessor? Pois pode multiplicar tudo por dois mil.*

*—Por favor, Padre, que minha mãe não respeite a minha liberdade de expressão, eu entendo, pois é uma analfabeta, mas o senhor?! Ora, nem Jesus faria uma multiplicação dessas. Ele só multiplicou os pães e peixes para os esfomeados e disse que a gente só devia crescer e se multiplicar. Ele não falou nada em casar.*

*—Esqueceu-se de que ele multiplicou também o vinho e, justamente, numa festa de aniversário?*

*—Dá licença, Padre. O senhor trocou até o evento... Era uma festa de casamento, mas ele estava se divertindo e, cá entre nós, ficar sem vinho numa hora destas! Não se esqueça que ele era um jovem de trinta e poucos anos. Ele nunca mais falou sobre esse assunto de casamento. Acho que é porque sempre falta alguma coisa. Nunca ouvi ninguém elogiar uma festa, principalmente, de casamento. Ou a noiva está feia, ou a comida está ruim.*

*—Ah, quem tem que me dar licença agora é você. Eu hein?! Louca imunda!”*

O Padre saiu pisando duro. Raimunda olhava o mundo como se estivesse acima das nuvens. Criava o seu Universo e governava absoluta. D<sup>a</sup>. Magda adorava o que escrevia, incentivando-a sempre e afirmando que “ler, querida Raimunda, é conectar-se com a humanidade numa viagem comum. Já pensou que os leitores viajarão consigo nas asas de suas letrinhas?”. Era uma leitora especial.

Ao descobrir que ela vendia as suas histórias a uma escritora de verdade, a decepção foi demais. Pegou-a pelos cabelos e lhe deu dez tapas na cara. Como era justa, cinco em cada uma das faces. Isso sim, achava que Cristo aprovaria. Mas, o povo não perdoa. E em termos de povo, o Brasil é número um na desclassificação do seu povinho.

Aliás, a maioria não sabe nem ler. Agora, além de uma louca imunda, pois inventava gente com alma de papel, era uma safada vagabunda, pois seria mãe solteira. Já fez até um poema sobre a cumplicidade entre seu nome Raimunda e as rimas. Nome fácil de rimar até com palavrões.

Que pena que sua leitora era também uma farsa; oriunda dessa gente que feria a sua imaginação fecunda, e machucava sua alma de uma honradez profunda. Que licença poética, pensou suspirando, rimar em uma prosa! Desculpem-me, possíveis leitores. Não daria a ninguém a satisfação de assistir ao seu sofrimento.

Era pessoal e intransferível o seu livre-arbítrio, que desculpem a evidente redundância do escrito, mas isso também era só da sua conta. Então, fez o que julgava a coisa certa e voou no seu precipício. Morreu feliz, pois morreu poeta. Com sua liberdade à flor da pele e a alma transbordando de expressões.

Tudo agora era só dela: a sua vida e a sua morte. Levaria consigo a sua alminha humana e sob o roto colchão, deixaria cadernos repletos de almas de papel. Deixou também um bilhete escrito às pressas:

“Se pra todos isso dá conforto,  
que se alegrem pela minha ida.



Só sinto pelo meu natimorto,  
sem sequer conhecer a vida”.

E assim foi o seu **fim**.

## **Fina sintonia**

O casal de namorados voltava de uma lanchonete, num bairro popular de uma cidade grande, num fim de tarde.

A jovem de personalidade alegre, comunicativa, era adepta do estudo do Exoterismo e Misticismo.

O rapaz respeitava as crenças de sua namorada, e apesar de ser menos crédulo que ela, até gostava destes assuntos.

Desciam a rua quando um homem magro, moreno, de feições pesadas, veio em direção ao casal.

Na mente da jovem surgiu imediatamente, uma imagem de um leão protegendo-os nos quatro lados.

O namorado também sentiu algo negativo, vindo da energia do homem que se aproximava.

O casal conversou rapidamente e decidiu atravessar a rua, pois tiveram a mesma sensação de que seriam assaltados, ou aconteceria algo de ruim.

Caminharam rapidamente para despistá-lo, e entraram numa farmácia que havia de esquina.

O estranho homem subiu a rua, e acabou não se aproximando, e desapareceu.

Depois a jovem comentou com o namorado que sua intuição, avisou para mentalizar um leão à frente deles.

O rapaz confirmou que pressentiu que algo desagradável poderia acontecer.

A jovem sempre acreditou em anjos, e disse para o namorado que, foram provavelmente eles que, a intuíram para mentalizar o leão os protegendo.

Ambos tiveram uma fina sintonia do perigo que, os impediu de algo pior ocorrer e certamente os anjos os protegeram.



Escritora, poetisa, formada professora de educação infantil. Terapeuta Reiki Master 3B Método Usui. Participa de várias antologias nacionais e internacionais. Acadêmica Correspondente das seguintes Academias: Niteroiense de Letras, Goiás Velho e Fortaleza. Ganhadora de diversos prêmios nacionais e um internacional. Participa da Revista Barbante desde 2021 com seus textos autorais, e da Revista Danda desde julho de 2022.

## LUCINA

Quão bela, quão irradiante estava Lucina Suely, naquela manhã de quinta-feira, quando soube do resultado do seu exame de gravidez. Pois bem, dera positivo e ela iria ser mãe; Suely estava a esperar o seu primeiro rebento.

E, quão fértil é a terra que faz germinar a semente da vida independentemente do seu tempo de existência; assim era Suely aos seus bem vividos trinta e três anos de idade. Ambas, mãe e terra, estavam a repetir por séculos e séculos, o mesmo processo eterno e divino da procriação, em tirar-lhes das suas próprias entranhas, um ser, um rebento. A vida. Porém, Suely concebera o seu filho da forma mais inusitada, que só a modernidade poderia proporcionar, a uma mãe dos tempos ultra-modernos. Era o primeiro ano do novo século. O século de um novo modelo de mãe e a garantia, finalmente, de que a mulher conquistara o seu espaço, a sua emancipação feminina.

Suely tinha que partilhar com alguém daquele momento inusitado e de repleta felicidade. Então, decidiu ligar para o seu amigo.

- trim, trim, trim...
- Alô, quem é?
- Oi, Mauryk! Sou eu, Suely. Eu tenho uma novidade para te contar.
- Ah, que legal! E que novidade é essa...?
- Estou grávida!...
- Grávida!!!...
- Sim, grávida. Que tal!
- Muito bom, legal mesmo!

Suely, atrás do telefone, revelava o seu mais íntimo segredo - isto é, enquanto a saliência da barriga não desse nas vistas - a seu amigo Mauryk.

Mauryk fora, dos poucos amigos seus, quem primeiro soubera da novidade. Cursavam Filosofia juntos e ambos se davam muito bem. Mauryk fazia filosofia na falta de um mestrado em Literatura Comparada, em nome do seu ofício, que lhe garantia a sua mísera sobrevivência; vivia uma de poeta diletante num tempo em que sê-lo não se tinha a menor importância. A globalização valeria muito mais do que qualquer outra coisa; tudo em nome do capital e dos descartáveis. Tinha dois livros de poesias publicados - mas que valor teria Poesia, se o livro não era veiculado pela mídia, o carro-chefe para o sucesso?!

Por isso, só as pessoas mais íntimas ou com afinidade e sensível, como a Suely, é que tinham ainda um pouco de admiração pela poesia, certamente, ela fazia a exceção. Mas só poderia, ganhara um poema intitulado seu nome “Lucina”.

Suely adorou o poema e vivia sorridente e orgulhosa, só por causa de uma poesia que

a citava de lua. Chamava Mauryk de “poeta meu”; e ele, a ela, de “amiga minha”.

Mauryk era poeta diletante, vivia o des-compromisso da poesia engajada, era “alternativo”, por isso nunca fez sucesso. Não vivia da poesia, vivia para e com a poesia, pois ela era o seu refúgio do ofício maior, o qual, lhe proporcionava a sua sobrevivência; bem como, a existência de outras poesias, mas de quando em sempre, a sua poesia servia de remédio, terapia para o estresse, a TPM ou a solidão da amiga Suely, esta que morava sozinha em seu apartamento.

Mauryk era o amigo sendo e o terapeuta sem sê-lo, mas o poeta de todas e para todas as horas, de satisfação ou de desprazeres da vida. Ou seja, o poeta do tudo e do nada das coisas que a modernidade criou como problemas imaginários.

E, nada mais justo, para eliminar com esses problemas, nada como uma boa dose de poesia repleta de metáforas e de muita imaginação, porque é com o próprio soro ofídico que se cura a mordida da serpente. E, paradoxalmente, para as crises existenciais, porque não uma boa dose de poesia filosófica, em Carlos Drummond ou Fernando Pessoa; ou, uma boa dose de filosofia poética inspirado em Heidegger ou Nietzsche?

Suely não morava nos EUA não, morava precisamente no Brasil; mesmo assim, desfrutava dos mesmos direitos universais que a mulher adquirirá, depois de muitas e muitas lutas, anos a fio, graças à sua emancipação e à globalização democrática imperante no planeta, acima de tudo no ocidente, importada da Europa e dos EUA em kits via televisão, internet e tudo que são meios eletrônicos do contemporâneo.

O sol cáustico numa aridez infinda, cristão nenhum(?) tinha como vislumbrar um novo horizonte, uma perspectiva de vida, a não ser permanecer ali com o juízo mole, como se o estivesse a ser cozido numa panela de pressão, a viver numa leseira interminável de mesmice, a esperar que tudo um dia melhorasse ou viesse a virar mar? Uma ultrapassada profecia assegurada pelos mais velhos, há anos e anos numa esperança boba, tal qual, aquela que não difere da mesma vontade de se ir para o céu ou inferno todo aquele que ande certinho, ou, viva erradamente. Assim imaginava Suely vendo aquela sua gente toda sofrendo de verão a verão e nunca e sempre sem verem a chuva chegar nem por milagre com toda aquela fé desgastada iminente à descrença. Quando, em verdade, o céu e o inferno estavam ali, bem pertinho de todos eles. O inferno que de quando em nunca era minimamente atenuado pelo oásis da chuva, que fazia brotar da terra a vida, a esperança em muita fartura. Às vezes, uma realidade cruel; outras, uma infinda miragem.

Assim era e será sempre o povo do interior em que Suely nascera e, por tudo isso, foi o que a fez, aos 17 anos de idade, ir morar na capital, na casa de uma tia sua. Tinha como meta principal estudar. E foi o que fez. Terminou o 2º Grau, e no primeiro vestibular que fez - para Ciências Contábeis, UFRN - passou em 1º lugar. Quatro anos depois, arranhou emprego num hospital privado que tinha convênio com a Universidade, no qual havia feito seu estágio. E foi justamente nesse hospital, que ela assumiu com muita distinção a profissão de contadora. Decorridos três anos, passara a chefe de um setor; mais três anos depois, fizera-se chefe geral da empresa. Com isso, teve que fazer vários cursos dentro e fora do país. Mestrado em administração na USP e doutorado em Ciências Contábeis em Havard. Graças a seu desempenho e muita dedicação, a empresa crescia excepcionalmente, e, era a mais cobiçada e mais bem cotada para o mercado de trabalho. Ela mesma (Suely) criara um projeto para alunos, acadêmicos, além de contadores que já existiam, abriu também para administração de

empresas e para economistas estagiarem na empresa. Foi um sucesso extraordinário!

Suely, aos trinta e três anos de idade, já era uma mulher bem sucedida. Tem um nome reconhecido em todo o território nacional e, internacionalmente, presta serviço via internet; tem um site que é acessado por internautas do mundo inteiro a empresas multinacionais, diga-se, internautas contabilistas, administradores os quais sempre estão a lhe convidar, por dezenas, às vezes, centenas de e-mail, para fazer conferências. Já fora algumas vezes à Argentina, ao México, aos EUA, porém tem o mérito em dizer que lhe basta o seu reconhecimento por aqui mesmo. Nacional sim! Global nem tanto!

Não tem necessidade de viver viajando pelo mundo, prefere está no seu apartamento a curtir a sua solidão, as suas músicas, os seus livros e estudos em filosofia; prefere visitar de quando em sempre os seus parentes, ou, passear - com o seu novo carro, CELTA - pelas belas e maravilhosas praias do litoral nordestino. Aí, sim; aí, é em que se resume a sua maravilhosa vida!

Suely mora sozinha, porém tem uma empregada que faz de tudo para ela, desde a comida mais deliciosa a ficar cuidando da casa quando ela viaja para o seu interior em visita à casa de seus pais. Estes ela os sustenta, enviando-lhe mensalmente dois salários mínimos. É muito pouco. Porém, o suficiente para alimentar quatro pessoas - os pais e mais dois irmãos - naquele interior brabíssimo numa estiagem sem fim. Bem que, já os quis trazer para a cidade, mas eles são renitentes e preferem estar ali, naquela aridez infinda, naquela esterilidade de vida, em abundância de morte.

A notícia da sua gravidez, quando deu para seus pais, não foi de muito bom grado para eles. Mas também...

Como poderia estar grávida, se ela nunca falou de namorado algum? Dava o goto, em seco, da indagação muda o seu pai olhando para a sua mulher e esta a baixar a cabeça, envergonhada, e com toda a cumplicidade de mãe e mulher.

Homem alto, branco de pele tostada pelo sol cáustico de uma estiagem de orco sem fim. Olhos esverdeados como os de Suely e de quase dois metros de altura. Toda essa lapa de homem fragilizado pela aridez da terra e, ao mesmo tempo, submisso ao salário da filha.

Mas de que interessava saber da sua gravidez? Ou se tinha marido ou não? Posto que, não podia assumir nem o papel de chefe de família, pois aquele lugar o impossibilitava até de ser homem de trabalho, de fibra, já que as frentes de trabalho oferecidas pelo Governo nunca lhe deram chance alguma nem de adquirir a mísera pecúnia do pão. Imagine ter de sustentar a filharada.

O pior era que Suely vivia sendo sempre cobrada pelos pais, por um casamento e por filhos, muitos deles por sinal. Já havia passado dos trinta e era uma cobrança desgraçada. Não só por eles, mas também, pelos parentes e vizinhos. E quando ela aparecera grávida foi o maior bafafá e falatório do mundo por todos dali.

Ninguém entende essa gente! As más línguas; as línguas afiadas e ferinas cortavam dos dois lados: “esta aí, no mínimo, não deve gostar de homem; deve ser uma ‘sapatona’ de primeira!” Ou, se não, “Ah não! Essa, minha filha! Não me engana mesmo; essa deve é gostar de homem, e de muitos deles; olha a cara deslavada dela! Essa deve ser é uma rapariga

daquelas rampeiras da beira de cais”.

Quando Suely chegava naquela terra, sozinha, dirigindo o seu carro zero - Celta 2001 - atraía olhares curiosos de tudo que era canto e lugar e, com isso, caracterizava-se ali, o primitivismo mais remoto da terra, sobre a qual vivia aquela gente toda desprovida, até de pensamento para o “progresso”, para “evolução” e emancipação de que a mulher moderna adquirira no exemplo explícito e factual de Suely; o seu poder, o seu destaque na sociedade. Menina que se fez mulher, mas a mesma “Luci” de tempos atrás para as gentes dali.

“Dona Suely” era como Lucina Suely era chamada no seu trabalho pelos seus; era uma mulher de prestígio, o seu destaque se dava por ser uma administradora de finanças de alto gabarito. Dedicava-se ao trabalho com muito esmero e zelo até mais do que com a sua própria vida, sua existência; trabalho e vida não seguiam o mesmo diapasão, a vida estava em desarmonia com os seus negócios profissionais. Porém, do que valeria tanta dedicação pelo trabalho; a sua ascensão fantástica no emprego; sempre convidada a proferir palestras, conferências em empresas e em Universidades dentro e fora do país, se a aridez do seu coração se assemelhava a mesma aridez da terra que deixara a mais de quinze anos atrás. Do que valeria tanto sucesso se a lacuna existencial não era preenchida. Por que então o amor não aflorava no seu coração, igualmente, a ascensão na vida profissional? Será que amar um ofício era o mesmo que amar um belo e mirífico príncipe encantado? Não, isso não! Isso é impossível. Suely sentia que ainda não lhe chegara a hora. Tinha certeza disso. O seu coração lhe dizia isso, lá bem dentro de si, do fundo da sua taciturna alma.

A Filosofia fora, em si, para Suely, uma opção racional na tentativa de preencher a lacuna, o grande vazio da sua “crise existencial” ou amorosa? Tentou uma saída, um refúgio em Platão lendo de cabo a rabo a República se atendo prioritariamente ao “Mito da caverna”. Procurou entender com detalhe e percebeu que havia ascendido do mundo das sombras realmente, ou seja, saíra do mundo sensível e atingira o mundo inteligível, o Sol, o real, pois tinha um emprego digno; deixara as ilusões, as opiniões e as credices - o sertão, a seca, o interior - em troca do saber, do conhecimento matemático - o seu saber científico, era doutora. Toda essa escalada do conhecimento estava relacionada à sua profissão realmente. Porém, estava diante do inexorável paradoxo heraclitiano; em que todas as coisas constituem o um, que, submetido a uma tensão dialética interna, desabrocha por sua vez no múltiplo, que se reduz à unidade. Calor e frio, bem e mal, noite e dia são simultaneamente múltiplos e unos, pois constituem metades indissociáveis de uma mesma realidade. A guerra, entendida como pura dinamicidade, é mãe e rainha de todas as coisas. A oposição entre contrários define-se como a própria força criadora do real. Assim, pois, Suely saíra e não saíra da caverna, porque permanecia atrelada às correntes, igualmente, os escravos da alegoria platônica. Porque, às coisas do amor, tudo lhe eram sombras, conjecturas e ilusões. Não conseguia vislumbrar a realidade do seu amor por alguém, porque nem o reflexo da luz do sol conseguia atingir o escuro da caverna do seu coração. Eis que a essência do seu paradoxo se caracterizava por seguir em paz com a sua própria guerra.

Procurou ler também “O Banquete” mas foi inútil, cada vez mais abria-se um incomensurável espaço entre ela, o ser, e o referencial de amor pelo qual ela procurava. E assim aplacou-se a solidão que outrora lhe servira de companheira e amiga e de inspiração para desenvolver seus projetos ou solucionar problemas da vida sua cotidiana e de seu ofício; agora, ela (a solidão) lhe rondava a vida feito uma alma penada de algum monstro alado das

entranhas da “caverna”, que no pretérito, certamente, havia atordoado outras vidas passadas, a vida de algum ser como ela, e que, apesar de metafísico, concretizava-se na sua solidão, a qual, agora não estava só na sua vida, no seu coração, mas também, no quarto, na sala do seu apartamento. Suely era uma prisioneira da caverna que, diferentemente, daqueles outros, ela não vivia na sombra, mas sim as-sombra-da.. na sua própria caverna que ela mesma criara. Suely, inconscientemente, descera à caverna platônica fazendo o caminho inverso, ou seja, saíra da luz para as trevas. Via os escravos acorrentados e felizes; ela, porém, livre e plangente, presas às correntes metafísicas da sua monstruosa solidão.

Suely também buscou refúgio em Santo Agostinho e São Tomás de Aquino para conciliar a minguada fé de menina do sertão - pois lá, a religião é uma forma de se buscar alento e de se acreditar que tudo um dia vai mudar - uma fé que ainda possuía, mas com a sua demasiada razão descartiana em duvidar de quase tudo; depois disso, passou a frequentar a Igreja Universal na intenção de que a religião ou a Filosofia lhe fossem resgatar e lhe preencher a sua lacuna existencial, esta que indubitavelmente tinha moira certa. Suely lera, certa vez, um filósofo dinamarquês, o Soren Kierkgaard e como tivera na sua infância, no sertão, uma educação muito religiosa suas considerações sobre a angústia do viver e sua concepção do pecado como uma maneira de se aproximar de Deus calou profundamente em seu espírito. Ou melhor, sua alma. Por isso não foi fácil entender o existencialismo de Sartre. Profundamente agoniada, buscou em outros livros uma solução para a sua angústia. Sem saber como lhe caiu em suas mãos um livro do Nietzsche, Vontade de Potência. Lera por várias vezes, nada compreendeu, até que leu a frase que mudou tudo: Deus está morto. Como, perguntou para si mesma, Deus está morto? Quem o matou? E como ficamos sem Ele? Ele era, até então, a sua segurança, seu refúgio. Onde sempre se precisou, especialmente quando jovem, de algo que se traga segurança. Quando criança são os pais, quando jovem, Deus; ou senão, uma utopia política, uma ideia, um amor, uma paixão.

Será que também haviam matado o amor? Bom, se Deus é amor como se prega, certamente, ela estava predestinada a aceitar essa morte também?! Quando leu: O existencialismo é um humanismo; compreendeu que havia encontrado o seu caminho. Ela, portanto, era o resultado de todos os seus atos, das suas fraquezas e também de todas as coisas boas de que era capaz de fazer, pois, as coisas boas, e só as coisas boas devem ser sempre realçadas. Suely desvendou que no fundo, sabia que era todas as coisas que fazia e isso lhe deixava feliz. Como também lhe deixava feliz saber que era muito responsável pela sua administração naquele hospital. E concluiu com um aforismo sartreano: “nós somos a soma de nossos atos”.

Suely sofria do coração - essa era a sua crise existencial - sem estar doente do coração, namorava um médico que não sabia como medicá-la, pois não era especialista em cardiologia e mesmo que fosse não mais poderia fazer nada porque lhe abandonara assim, tão inexplicavelmente? Não. Nem tanto, até o dia em que Suely desvendara realmente o porquê, por que a fez sofrer assim tão abruptamente, impiedosamente, imperdoavelmente?

Yago era médico em ginecologia, prestava serviços em vários hospitais da cidade e do interior, inclusive, no mesmo hospital cuja administração era feita pela Suely. Yago, nas poucas vezes que aparecia ao hospital para fazer alguns partos tinha a obrigação de se deparar com a chefe geral do hospital, Suely, pois tinha que tratar sempre com ela de assuntos de seus

interesses, tais como, acerto de contrato e acordos salariais. Portanto, a vez primeira que Suely o recebeu em sua sala; a sua vida não mais foi a mesma.

Certamente, Yago era um homem muito bonito de olhos verdes, cabelos loiros encaracolados como os dos anjos, alto, 1m90cm e 89 Kg bem distribuídos e tinha todos os atributos que um homem podia possuir para atrair assim, tão facilmente, uma bela e agradável mulher como também era a Suely.

Suely era uma mulher belíssima e muito inteligente, extrovertida, determinada, decisiva e aberta demais às coisas do coração. Pela segunda vez que Yago apareceu em sua sala, não hesitou em lhe convidar para almoçarem juntos. Yago, por sua vez, nunca recebera um convite daqueles; certamente hesitara, mas fora de acordo. Afinal de contas, ela era a sua superiora e, por sinal uma mulher atraente, muito agradável e bonita.

Yago era um excelente médico, apesar de novo, tinha o prestígio igualmente ao dos médicos de renomes e com um vasto mundo de experiência, com um invejável currículo. Ante todo esse talento e virtude, não bastasse o atributo de uma rara beleza apolínea de um Narciso resgatado do pretérito ou, num presente próximo, a um Brad Pitt hollywoodiano; Yago era, porém, demasiadamente tímido fora do âmbito do seu ofício. Não sabe como aceitara aquele convite feito por Suely. Pensou em desistir, não ir mais para o almoço. Inventaria depois quaisquer desculpas e certamente ela o entenderia. Pois sabia que ele era um homem de muitas ocupações. Mas, terminou cedendo.

Foi e, inexplicavelmente, gostou da agradável companhia de Suely. Portanto, depois daí sempre estavam a almoçar juntos. Era só ele aparecer no hospital que um ou outro ansiava por aquele inebriante momento. Yago passou a frequentar mais ainda aquele hospital e, agora, até tirava plantão. Algo que antes só havia de fazer apenas esporadicamente, especificamente, ali, naquele hospital.

Suely chegara aos 33 anos e nem sequer percebeu que o tempo passara quão repentinamente e, quando menos não esperava, a sociedade mais que arraigada ao convencional estava a lhe exigir um casamento irrevogavelmente. Por todos esses anos Suely tivera apenas alguns flertes com colegas de profissão. Conhecera alguns homens de elevado prestígios, porém, tão ocupados quanto ela, que seria impossível manter um relacionamento ou mesmo um casamento nos moldes convencionais. Conhecera dentro e fora do país pessoas excelentes, com as quais se correspondia até ontem, porém eram apenas amigos que lhe ligavam, escreviam-lhe ou enviavam-lhe e-mail tratando de coisas referentes a trabalho ou algumas trivialidades executivas de sempre. Não fora de viver a sonhar pelo príncipe encantado, nunca; nem fora de fazer enxoval, como toda mulher que se preza, costuma fazer; aliás, que se preza, ou que vive presa aos convencionalismos radicais de uma rígida tradição?

Suely era avessa a essas convenções idiotas que a sociedade machista criara tal qual, a mesma que lhe cobrava um matrimônio.

Suely tinha um coração do tamanho da dedicação que tinha para com os seus colegas e subordinados de trabalho; sim, tinha um coração desse tamanho para eles e de um tamanho incomensurável para o primeiro homem que a fizesse sentir o amor, que nunca e jamais sentira em toda a sua vida; o homem que tocasse a parte vulnerável e sensível do seu coração. Contudo, esse homem já existia e já lhe atingira não só o coração, mas a sua alma também; fora Yago, o médico, com o qual estava a sair para almoçarem juntos; Yago, como um desbravador



inconsciente, lhe abriu a intacta(?) porta do seu coração.

Yago já atingira os trinta anos de idade, mas era jovem, a sua face em pele macia, ainda mantinha as duas bochechas rosadas de criança mimada. A vida inteira se dedicara aos estudos. Como até hoje, apesar de trabalhar, continuava sempre estudando. Quando não trabalhava estudava. Era um homem muito ocupado. Ocupadíssimo. Quase não tinha tempo para o lazer: um cinema, um teatro, uma viagem. Não, nunca conseguiu fazer por lazer. Mas, sempre a trabalho. Todavia, tudo isso, um dia, mudaria? Certamente, bastasse conhecer uma mulher? Digo uma grande mulher, como Lucina Suely, que tudo não mais seria o mesmo? Justamente, Yago agora estava a quebrar a rotina que parecia inquebrantável e interminável. Depois dos encontros com Suely para almoçar, agora, ele também ia ao teatro, ao cinema e até viajar já viajou, certa vez, para um congresso de Contabilidade em São Paulo, a convite justamente dela, a belíssima Suely. E como as coisas mudam, hein?! Quem diria Yago namorando? Pobre filho e quão possessiva e cega mãe.

Yago morava com a sua mãe, a qual lhe tinha uma dedicação, um zelo extraordinariamente incomum. Yago era tratado por ela, como a mesma criança de trinta anos atrás. Por isso, ele, com todo aquele corpo de homem, mas parecia uma criança mimada e era um homem demasiadamente delicado e de excessivos cuidados para com seus pacientes. Yago nunca tivera uma namorada e se tinha agora era escondido da sua mãe, pois ela, morria de ciúmes pelo filho. Yago estava a sair com Suely, mas, às escondidas. Nunca e jamais que a sua mãe soubesse desses seus furtivos encontros. Não, isso não. Ela jamais deveria saber desse seu interesse por outra mulher. Jamais! Caso isso, um dia, viesse a acontecer, seria sem dúvida, o fim de tudo. Literalmente de tudo. Seria então a morte inconsolável de sua pobre e miserável mãe?

A sua mãe, D. Egotriz, era viúva há trinta anos, perdera o marido que era médico, num acidente de carro, quando Yago ainda iria fazer um ano de idade. Ela queria uma menina. Veio Yago. Na próxima gravidez estava acertado entre ela e o seu marido, Dr. Sapien, o qual tinha um projeto para os pais escolherem o sexo do bebê que, certamente, ela seria a privilegiada, a primeira a ser beneficiada com a nova experiência do Dr. Sapien, seu amado esposo e, portanto, teria a sua menina tão desejada.

Mas, infelizmente, não houve próxima vez nem gravidez. Dr. Sapien morreu e D. Egotriz não mais quis saber em se casar. Por todos esses desacertos, ela então, dedicara-lhe a vida inteira ao filho. Que lhe dera educação, lhe guiara todos os passos da vida, lhe viu crescer dia e noite e se lembrava nitidamente de tudo. Tinha tudo registrado em fita de vídeo e fotos desde a primeira ultra-sonografia “frustrada” até o parto desejado via paradoxo do sexo; por tudo isso, dona Egotriz, até aos dois anos de idade de Yago, o vestia com roupas de menina e o fazia tranças, assemelhando-lhe a foto de Oscar Wilde, na mesma idade, escritor predileto de sua mãe e que Yago passou, também, a admirá-lo e, que o tinha como livro de cabeceira, a ler o único romance: O Retrato de Dorian Gray.

E então, dona Egotriz, o seguiu desde os primeiros passos da sua vida até a sua formatura em medicina, agora e sempre. Yago era para a sua mãe tudo aquilo que ela não conseguira ter nem ser; Yago lhe era a sua extensão em corpo, em alma, só não em sexo, porque nascera Homem. E, Yago era másculo mesmo, pois fizera mexer com o vulcão adormecido, isto é, conforme os desejos e a própria felicidade aplacada no coração da mulher que sonhava e se via livre da caverna e dos grilhões da solidão, que lhe prendiam a carne, a alma, porque estava

a viver agora, intensamente, o amor por ele e este por ela. E, certamente, esta mulher era a lindíssima e belíssima Lucina Suely.

Yago, que antes sofria tremores, calafrios só em se aproximar de uma mulher; hoje, ao lado de Suely sentia apenas a timidez normal, tal qual a mesma do adolescente que se sente enlevado pelo primeiro beijo da primeira menina que desflora o seu virgem coração retardado. E, Yago, era assim também, se sentia assim aos trinta anos de idade. Mas não era para menos, a sua mãe nunca o deixou aflorar tal sentimento quão sagrado, quão belo, quão natural, pois sempre ela esteve a cercear os seus sentimentos mais genuínos, mesquinhos, em detrimento do seu zelo exacerbado, em melosos carinhos e exagerado cuidado; bem como, com os afazeres constantes da escola e da casa, disso ou daquilo, ou a lhe exigir sempre boas notas.

Yago nunca teve tempo para si mesmo, nem às suas coisas voltadas para os seus mais cândidos sentimentos; sempre viveu atrelado à ditadura inconsciente (?) da mãe; esta, sem ter um referencial paterno, mas quão pai (era ela) quanto nenhum modelo existente; isto é, não por convenção, mas por pura invenção talvez da sua obsessão de mãe e pai ao mesmo tempo. Yago via o Sol, mas sempre tinha que retornar às trevas; alcançara o mundo inteligível, porém vivia preso às correntes da sombra, da ilusão e da opinião materna. Era a ciência medicinal, a luz; e a mãe cavernal, as trevas.

Yago, quando saía com Suely sentia-se bem, mas algo em seu delicado semblante vivia a ocultar aos olhos de Suely, àquilo que o seu coração de mulher, possivelmente, já pressentira e compreendera. Porém, não buscava explorar através de indagações, especulações ou perscrutação filosófica. Não, preferiria que as coisas se dessem assim, de maneira natural, pois estava a amar Yago, e como disse São Paulo: “o amor não trata com leviandade; não ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses. Não se irrita; não suspeita mal...”

Yago, agora, sorria e falava da primeira vez em que Suely o convidou para almoçarem juntos; falava da sua insegurança, dos seus medos; Suely, por sua vez, rindo também, criticava a sua ousadia, mas com modéstia de mulher inteligente e consciente daquilo que buscava e, que agora, somente agora estava a desfrutar felicíssima, sem o estresse e sem o maldito monstro da solidão que, outrora, tanto lhe atordoara a vida.

Yago falava de muitas coisas, mas sempre tergiversava, quando Suely que, por algumas vezes, quis saber da sua vida particular e de seus familiares. Quando ela tocava no assunto da sua família, Yago ficava com as bochechas coradas feito manga rosa, tropeçando nas palavras, tomado de um nervosismo possesso.

Era um mistério que Suely achou melhor não querer desvendá-lo, pois sabia que decifrar enigma poderia lhe custar um preço muito caro, talvez o mesmo o que custou à sapiência de Édipo, então, achou por bem, viver à margem da decrepita esfinge - porém, atenta a qualquer movimento suspeito ou não, para que não fosse vencida por ela. Bom, Édipo não foi engolido, mas teve um fim trágico. Suely, porém, não acreditava em tragicidade alguma, pois se sentia dona da situação. Yago, por sua vez, era um homem feliz, mas vivia atordoado com a ideia de que a sua mãe, um dia, soubesse que ele estava a namorar, mesmo que fosse, com a belíssima e inteligente e zelosa L. Suely.

Sete meses se passaram e fora o tempo suficiente de uma gestação, mesmo que

precocemente; sim, sete meses em que se já poderia ter uma vida, um ser como o símbolo maior da união dos sexos opostos ou entre as espécies machos e fêmeas, em que, para os racionais, esse ato sagrado só pode ser possível através do Amor.

É o amor a razão e única, e exclusiva força maior que faz engendrar na terra a vida, o ser; E Suely em sete meses de convívio, mesmo minguado, ao lado do seu Yago, sentia em todos os sentidos: no corpo, na alma, no cheiro... que o amava profundamente.

Suely estava a aflorar os mesmos sentimentos das virgens, quando a primeira flor desabrocha em seu jardim, o coração; e a flor do jardim de Suely tinha nome, forma, essência, cor e, que também, tinha a mesma beldade da flor Narciso; mas não era Narciso não; o seu nome era Yago. Suely estava a viver intensamente a sua paixão por Yago e só lhe interessava o presente, o aqui e agora, como entendera quando leu em Nietzsche a filosofia do meio-dia, em que ele aponta o “fim do mais longo erro”. Contrapondo-se a dois mil anos de história, não admitindo que exista outro mundo além deste (o dela e o de seu amor, Yago) em que nos achamos; não tolerando que haja outra vida, que não seja (a dela e a de Yago) além desta tal e qual a vivemos; Nietzsche conta nomear uma forma de pensar que constitui o “ponto alto da humanidade”.

Todavia, o real presente de Suely para se sentir humana “demasiada humana”, só se podia caracterizar através da concretude do seu amor por Yago, que era conceber através dele e com ele, e por ele, e pelo seu amor, a semente, e depois, o fruto da perpetuação da sua espécie.

Suely desejava, ardentemente, ter um filho com Yago, seu amado, mais-que-amado. Eis o seu poder em acreditar no seu presente-mais-que-real isento de qualquer transcendência ou metafísica imaginária existente.

Certa vez, Suely, que estava a passear sozinha, no shopping center, olhando vitrines, como sempre fazia no final de tarde, antes de ir para casa, pois morava perto uma ou duas quadras dali, quando, surpreendentemente, deparou-se com Yago, seu amado, que vinha de braços dados com uma senhora tão bonita quanto ele; era uma mulher de meia idade, a qual muito parecia com ele; Suely não hesitou em vê-los, pelo contrário, irradiava de felicidade em ver a sua sogra pela vez primeira; tão unida, tão dada ao seu filho, que achou aquilo belo e encantador; uma união perfeita entre mãe e filho, que seria impossível desconfiar de alguma coisa monstruosamente horrível, nem tampouco, do que significava aquela quão perfeita, quão intrínseca união materna com seu filho.

Yago perdera, literalmente o compasso, quisera sumir, evaporar-se abruptamente naquele momento, mas seria impossível. Estava a mudar de cor - era branco -, mas a constante mutação da cor do seu semblante ora verde, ora amarelo, ora encarnado o fazia irreconhecível aos olhos de Suely.

Yago não tropeçava nas palavras porque não as proferira nenhuma sequer; tropeçava sim, na própria mãe que estava do seu lado, e que percebera a mudança e o embarço do seu filho.

Suely não estava a entender muito bem tudo aquilo. Porém, sabia que Yago era muito emotivo e demasiadamente tímido, por isso, então, o respeitava pelo inesperado e pelo acaso. Mas não hesitou em arriscar em perguntar o óbvio do óbvio ululante, com um largo sorriso de prazer na face:

- É a sua mãe, Yago?!!!

Ele, mais que acabrunhado, apenas confirmou com um meneio de cabeça que sim. Porque estava arrebatado por uma afasia cruel.

D. Egotriz, sua mãe, foi quem se apresentou para Suely, mas sem deixar de explicitar a sua arrogância de matriarca tirana.

- Sim, sou a mãe dele. E você, quem é?!

Suely não percebeu nas palavras de D. Egotriz o medo, a insegurança que tinha em perder o filho para uma mulher qualquer da vida. Pois sempre se sentiu a única e exclusiva de seu queridíssimo Yago.

E sem perceber, ingenuamente, tomada pelo amor que sentia por Yago. Disse-lhe:

- Muito prazer, sou Suely, a sua futura nora. E o nome da senhora, por favor?

- Nooraaa!!!... Mas que história idiota é essa?!!! Se o meu Yago nunca sequer me falou de namorada alguma!!!...

A partir daquele dia, daquele in-feliz momento, a vida de Suely se transformara radicalmente. Portanto, jamais iria mudar a ideia de ter o seu filho. E Yago haveria de ser o pai do seu rebento, de uma forma ou de outra, ele iria ter que acompanhar os passos do seu filho, desde a concepção até o dia do parto. Isso foi o que Suely prometera, para si mesma, do fundo do seu coração e da infinitude de sua alma, depois daquele cruelíssimo e inexplicável e conturbado dia.

Yago ficara sumido por alguns dias, talvez por vergonha e por falta de uma atitude de homem responsável para defender o seu próprio amor e, acima de tudo, em consideração ao amor da sua amada, Suely. Tentou buscar esse poder, mas não conseguiu. Não arranjou pulso nem força para isso. Sentiu-se fragilizado e incapaz. Um fracassado.

Dias após, reencontrou-se com Suely e, após de tudo explicado, ficaram muitíssimo amigos, mas não mais puderam ficar namorando.

Yago tinha medo que a sua mãe morresse. Era possessiva, depressiva e tinha problema cardíaco.

Suely o entendeu perfeitamente e todo o seu drama; e não viu nisso nenhum obstáculo, para aquilo que intencionava fazer e, então, propôs um acordo com Yago, do qual jamais D. Egotriz ficaria sabendo.

Suely, por esse ínterim, que Yago ficara ausente, soubera de coisas terríveis sobre ele, com relação a possessão materna. Coisas monstruosas vieram à tona para aterrorizar a doce vida que a bela Suely partilhara ao lado de Yago. Eram tudo coisas irrelevantes e até infundadas diante da grandiosidade do coração de Yago.

Portanto, tudo que as mentes preconceituosas conjeturavam girava em torno do desvio, do excesso de delicadeza e do cuidado que Yago dedicava para com os seus pacientes, colegas de trabalho e amigos principalmente; outras pessoas sem escrúpulos procuravam, hipocritamente, serem solidárias para com a Suely, e falavam abrupta e descaradamente do “homossexualismo” de Yago; que ele era isso, que ele era aquilo; porém, com isso, Suely

passou a conhecer melhor as pessoas, com as quais trabalhava e não conseguia entender como poderia haver tanto amor, tanta pureza, tanta solidariedade numa pessoa que era visto como anormal, por pessoas quão normais - como assim as via antes - porém, agora, só conseguia vê-las desprovidas das mesmas qualidades e virtudes de Dr. Yago, o ginecologista de renome internacional e querido por todos.

A sua amizade com Dr. Yago transcendia a tudo e a todas as coisas que o amor poderia edificar; pois, junto a ele, conseguiu melhorar muitas coisas dentro daquele hospital; a visão moderna e ampliada de médico do Dr. Yago com a de Suely de administradora em plena era da informação, onde só a inteligência descortinava os meandros do inusitado, conseguiram montar e fazer um hospital sofisticado e de ponta, e de renome internacional, ou seja, um hospital modelo, que servia de exemplo para muitos outros hospitais do mundo inteiro.

Foi quando, Suely, aos trinta e três anos de idade, a convite de Dr. Yago, este lhe sugeriu para que ela tivesse um filho; e Suely irradiante de felicidade não soube como agradecer por aquele quão maravilhoso e esperado momento.

Dr. Yago, seria o responsável pela sua gravidez. Pois haveria criado um projeto inusitado, ousado e ambicioso; ou seja, implantara, pela primeira vez, no planeta, um banco de esperma. Pois fundara O LABORATÓRIO DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL DR. SAPIEN.

E, Suely, a sua companheira e amada de sempre, seria a privilegiada e a primeira mulher no mundo a ter uma gravidez artificial. Isto é, acompanhada, dia a dia, mês a mês, passo a passo, por ele, Dr. Yago Egotriz Sapien, desde a sua concepção até a gestação do seu primeiro rebento. Isto é, primeiro para Yago, para Medicina e para Suely, como ela mesma, um dia, preconizara do fundo do seu coração e da infinitude da sua alma de mulher revolucionária e, acima de tudo, de mãe do primeiro rebento que a medicina gerou, graças ao pai medicinal, Dr. Yago E. Sapien.

Foi aí, quando Suely resolveu telefonar para Mauryk e lhe deu a notícia da sua gravidez...

- Sim Mau, eu já comecei a fazer o pré-natal. E sabe quem é o médico?

- Não! Quem é?

- Yago, pode?!!

- Ha, ha, ha! Você é louca mesmo, hein! Bom, no mínimo, será ele quem irá fazer o parto.

- E por que não, meu querido!? É lógico! E quem mais poderia ser senão ele, hein?! Pois não existe outro não, meu filho! (Risos de plena felicidade)

Do livro de Contos, VIDA MULHER, Emecê Garcia, Natal/RN – 2018.

Na madrugada do vigésimo segundo dia do segundo mês do ano quarto da década de noventa do século XX - há seis anos para o fim do mundo -, um homem de 45 anos revive em “alto estilo”, o apavorante tormento da sua infância e começo da sua doce révora. Pois, acordara literalmente, molhado, suado por sonhar que estava morrendo afogado em águas revoltas de sua infância.

Antes, que tudo isso fosse absoluta veracidade, assim não teria que sofrer o desprazer ou a vergonhosa humilhação, na qual, teria que passar por enxugar o chão da sala quase sempre, ou, a sair pela rua, com a rede na cabeça a pedir dinheiro na vizinhança para comprar sabão e depois ter que lavá-la.

Não existe coisa mais degradante para um cachopo que já aflora para sua adolescência, mormente, quando começa a despertar os primeiros sentimentos do flerte pela cachopa de olhos claros, cor branca, cabelos negros e longos, a qual chegara a poucos dias no bairro: a bela e encantadora Vertu.

Quão humilhante era ter que ir à casa da tia e esta, à noite, colocava uma enorme bacia debaixo da sua rede para não ver o seu piso de taco sintético manchado. Quão doloroso era suportar a moça, amiga de sua mãe, passar por ele e perguntar sempre:

“O meu namorado ainda anda molhando os lençóis?... Assim eu não vou poder me casar com você.”

Até que lhe vinha à ideia, a mesma e maldita vontade de fazer aquilo que um amigo seu fez, certo dia, na sua atordoada humilhação querendo cortar o seu mal pela raiz: amarrou a ponta do seu “toyou” com um cordão e, nunca mais... cortou mesmo.

Zemil, portanto, tinha medo só em pensar de ter que fazer o mesmo, por isso, não arriscava. Tinha horror só em pensar vê o seu “toyou” amarrado na ponta, pressionado por um cordão, a sentir aquela dor insuportável no pé da barriga.

Não. Isso não, jamais ele faria. Preferiria então passar por toda essa humilhação. Tal qual a que, agora, aos quarenta e poucos anos estava a passar, por ter sonhado magnificamente com a belíssima e mirífica Vevê: a Virgem São. Apesar de seu sentimento voltar-se mesmo, era para Vertu.

Seria um caso patológico? Não, não seria mesmo! Na Faculdade de Odontologia havia lido algo a respeito, que o deixara tranquilizado. Ou, seria o mesmo desejo frustrado de adolescente que nunca pôde realizá-lo? Talvez, não o desejo frustrado de adolescente, mas o próprio afã de homem afogado em pecado. Se não era nada patológico nem frustrante, então, como que agora aos quarenta e cinco, quando tudo já se parecia resolvido, realizado e acabado, voltava tudo assim tão debilmente? Seria, então, castigo?

Vevê era uma distinta menina de uma família de seis mulheres - uma intrusa - e dois homens, que morava num bairro pobre da periferia de Natal. A sua casa, apesar de ser de taipa, tinha um asseio que excluía aquela visão injusta que se costuma, geralmente, fazer sobre a

pobreza; tinha um brilho peculiar, distinto, tanto externo quanto em seu interior. Porém, a sua família não fugia à regra das distorções que existem na maioria dos lares do planeta. Era pobre, muito pobre mesmo.

Pois é, e além de pobre, o seu pai era alcoólatra. Este trabalhava de pescador. Tinha as suas faturas na alta estação, mas no inverno mal se tinha o que comer e a única saída que via era mulher, menino e filhas caírem no batente para ajudarem nas despesas da casa.

Vevê era a mais nova, por isso tinha que ficar em casa aos cuidados da avó que morava vizinha. A menina era um graveto de gente, mal se sustentava de pé. Era franzina em demasia e sempre estava desidratada e de quando em sempre estava tendo passamentos, calafrios e desmaios constantes, arrebatada pela fome.

Pobre e rica Vevê, pálida, desnutrida, mas de uma beleza de se fazer inveja a qualquer moça da cidade, e de deixar arregalados os olhos de muitos pés-de-chinelo por aí. Era o diáfano milagre da idade que a transformara em mulher. Acabara de ingressar na adolescência.

Certa vez, Vevê ganhara um belo vestido lácteo-nuvem, presente da sua madrinha. E, então, uma beleza ímpar se realçava quando ela, aos domingos, pela manhã, ia para Igreja Assembleia de Deus (a mesma que a sua madrinha frequentava há anos); vestida do seu lindo vestido branco-virgem, o qual se estendia até abaixo dos joelhos, em seu corpo franzino de criança-mulher. Dentro daquele seu vestido quase longo, Vevê escondia as canelas finas de maçarico e o seu rosto ficava mais corado com um suavíssimo toque de ruge, que ela usava, escondido da irmã mais velha, só para disfarçar um pouco o amarelo do rosto, e assim, ela se transformava numa personagem de favela digna de uma parábola moderna.

O pai de Vevê, Pindaíba Pindaí, quando não estava no mar, estava no bar, no boteco de Jericocó com os amigos de copo, a tomar todas e mais algumas, ou senão, jogando sinuca, baralho. Pindaíba era daqueles homens com “H” bem grandão. Ostentava o porte de machão e se gabava, todo assanhado, em dizer que possuía duas mulheres. Isto é, a morarem, ambas, dentro da mesma taipa, sem problema algum. Eram Idiotina, a legítima; e Inferta, a outra. Estes são os seus benditos e sagrados nomes que seus pais deram, ou seja, um tipo de tradição acima de tudo no nordeste que se segue numa mania de juntar o nome do pai com o nome da mãe.

Idiotina (Idio, do seu pai, Idioclécio e Tina, da sua mãe, Cristina); sua mulher, apesar dos quinze filhos que tivera, o tempo não lhe parecia ter sido tão cruel. Assim como a sua filha, Vevê, ela também era magra e tinha a pele que não caracterizava os cinquenta e tantos anos nas costas. Dos quinze bugrelos que botou no mundo, apenas cinco sobreviveram para contar e viver a história de miséria sem fim. Mulher exemplar, submissa até se dizer chega, mas via no marido um tipo de estupidez aceitável, pois, apesar de rude e grosseiro era um homem trabalhador, um pescador de gabarito e de respeito.

A desgraça só se dava quando chegava o inverno e a maré não estava para peixe literalmente. Ele perdia as rédeas do senso e metia o pau a beber e, ao pé da letra, o cacete em Idiotina e Inferta, em ambos os sentidos.

Mesmo assim, Pindaíba para Idiotina, era como se fosse Deus no céu e ele na terra, que nem no dia em que achou de levar para dentro de casa Inferta (a outra), Idiotina não hesitou na credibilidade dele, pelo contrário, viu em seu macho o poder de agora em diante satisfazer sexualmente, na mesma cama, duas mulheres. Ela e Inferta, a “coitadinha”.

“Aí, é que é homem com ‘H’ bem grandão”.

Dizia Idiotina satisfeita e orgulhosa.

Marido e mulher tinham a mesma justeza de conceito. Idiotina em casa e Pindaíba a se amostrar no boteco de Jericocó.

Em quinze anos de convívio tiveram quinze filhos, todavia, dez deles haviam morridos, e a morte para eles se tornara uma mania, uma coisa comum. Tanto para eles, quanto para as meninas e o menino inocentes.

Pindaíba não se preocupava com a morte nem com a vida de ninguém, mas apenas com a quantidade de filhos que era capaz de produzir. O endeusamento de cabra-macho também era caracterizado, com muito orgulho, com o velho adágio que ele próprio adaptara, e que não se cansava de dizer, na porta do boteco:

“É, meus amigos, o cabra pra me provar que é macho mesmo, tem que ser: um fora, um dentro, outro no pensamento; e se desse, seria um a todo momento”.

E a rapazeada, do boteco de Jericocó, achava aquilo bonito e muito engraçado. Os dizeres de Pindaíba eram sabedoria de boteco. Filosofia de mundano. Por isso, muitos o seguiam, ao pé da letra, o seu exemplo.

A filha mais velha se chama Boslla, tem vinte anos, se perdera no primeiro “boi” que teve; aos dez anos, já era mãe solteira, e até hoje nem Pindaíba nem Idiotina sabem quem foi o pai do bugruelo - quem fez o bucho nela? - só ela e Deus sabiam e ninguém mais. Nunca falou para seu ninguém, nem mesmo para o cabra safado, que ao invés de assumir, sumiu no meio do mundo...

Fezzel, o primogênito, macho que nem o pai, aos dezesseis se amancebou com uma coroa, quinze anos mais velha do que ele. Zeferina era o nome dela a qual levou a sério o velho ditado: “filho de peixe, peixinho é”. Eles não eram peixes, mas desse mar, tinham domínio.

Fezzel, como já se podia desconfiar, não era flor que se cheirasse, estava a tomar o mesmo rumo do pai. Zeferina, já de orelha em pé, meteu o pau, ou seja, a mexer os pauzinhos, a fazer de tudo só para prender Fezzel a seu próprio rabo-de-saia, para ele ser só seu e de mais ninguém; e de tudo que ouvia falar sobre simpatia, de feitiço para prender homem, se metia a fazer.

Fezzel saía para trabalhar, ela corria para o quarto, pegava a cueca dele, dizia com fé umas boas lorotas, fazia umas orações fortes e depois, a enchia de alfinetes, caso o marido saísse com outra mulher, certamente, iria brochar. Ou seja, não seria macho para mulher alguma, para nada nem ninguém. Exceto, para ela, seria seu eterno macho.

Certo dia, Fezzel chegou do batente, Zeferina toda arrumada cheirando a loção e brilhantina nos cabelos, partiu para atacar o “garanhão” sedento e seberto de suor até a alma.

Havia decorridos alguns minutos, mas Zeferina não virá nenhuma reação do seu “garanhão”, e, num átimo do juízo, ela se lembrou e percebeu que a coisa funcionava mesmo.

Disfarçadamente, inventou de ir à cozinha e foi desfazer o feitiço. Ao retornar, Fezzel



estava a subir nas paredes, feito bicho no cio, feliz por se sentir macho outra vez e ter superado o pesadelo desgraçado. Sem desconfiar um tiquinho, sequer, da mulher. E a “potranca”, por sua vez garantia a seu “garanhão”, por aqueles bons momentos de prazer e de felicidade, o poder da procriação e de estender a sua espécie por geração a geração.

Coccoly era a filha de número dois na escala decrescente das meninas. Esta parecia ter arranjado o caminho certo. Terminou o 1º Grau. Poucos eram os que conseguiam essa façanha, naquele bairro pobre. Agora, Coccoly tinha que estudar no centro da cidade, porque ali, não tinha 2o Grau.

Nos primeiros meses, ela já estava de namorico com um colega de sala; e, nove meses depois, bem aplicadíssima ao ato de “isto dar”, como só ela mesma sabia, tem nos braços o merecido diploma de uma única matéria: “prática sexual”.

E ali, no espaço da minguada casa, da minguada vida divide-se o coração de Idiotina, para dá lugar a mais alguém: a filha, o genro e o neto.

A penúltima das irmãs é Merlla, esta se engraçara por Paller, sobrinho de um veranista. E foi paixão, à primeira vista. Saiu de casa e foi morar na casa da mãe do marido, sua sogra.

Paller é sobrinho de veranista que é bem empregado, mas ele não, não dá um prego numa barra de sabão. Não gosta de trabalhar, vive de pouco ou quase nenhum biscate. Vive de rolo, a trocar e vender o que pega: relógio, bicicleta, rádio, tênis, corrente, etc. às vezes, e sempre, de origem duvidosa. Não é muambeiro. Nem isso consegue ser. Isso também é trabalho árduo para ele.

Merlla, sua mulher, gosta de trabalhar; vive dos afazeres de doméstica na casa de um, na mansão de outro, e ganha o seu mísero dinheirinho. Agora, ela vive bem e mora bem, porque na casa da sogra tem muito espaço. E com a ajuda de um, com a ajuda de outro, e do seu próprio esforço, ela conseguiu erguer quatro paredes de um barraco, no fundo do quintal, e mora numa casa de tijolos com reboco. Coisa que o seu pai nunca conseguiu, pois, até hoje, vive a morar em casa de taipa.

Mas tudo tem o seu preço, Merlla tinha o seu cantinho, e um Paller muito violento que bebia demais; quando chegava em casa, quebrava até o que não tinha. O engraçado é que, ele, não tinha dinheiro para dentro de casa, mas tinha para fora e encher a cara, todos os dias, de drogas lícitas.

De quando em sempre, Merlla aparecia na casa da mãe com marcas no corpo, um roxeado aqui, um vermelhão ali. Era esbofeteada na calada da madrugada, pelo cambalacheiro do marido. De vez em sempre, ouviam-se uns gritos perdidos no sem fim do silêncio da madrugada, de mulher masoquista e de homem sádico. Endossando cada dia, a máxima sadomasoquista.

De tudo o que já ocorrera à família Pindaí, ainda era muito pouco, diante da desfeita, da humilhação na qual estavam a passar, principalmente, as filhas e o filho seus. Era, justamente, com relação a seus próprios nomes, quando as pessoas - umas por brincadeira, outras por maldade mesmo -, faziam menções irônicas ou de forma pejorativa de seus nomes. Vevê, entre

as irmãs, tinha um nome digno de sua pessoa e fazia parte de uma inexplicável exceção.

A desgraça de tudo isso, portanto, teria sido o pai delas, Pindaíba Pindaí. Este, toda vez, que nascia um rebento, convidava os amigos para o “mijo do menino” (mesmo que nascesse menina). E, ali mesmo, no boteco de Jericocó, era cachaça a noite toda; e, de cara cheia, no dia seguinte, ainda bêbado, ia para o Cartório fazer o registro dos recém-nascidos; nesta altura já havia perdido o papel que o levava com o nome da(o) filha(o) escrito; e, com o juízo amolecido pelo álcool, confundia, enrolava tudo na hora. Por isso, deu exatamente, no que deu.

A filha mais velha de 20 anos - se não fosse o imperdoável erro do pai - se chamaria Bósnia; a sua irmã encostada seria Cottoly; a outra, Perlla, e o irmão, de 21 anos, seria Fibbel.

Vevê, por ser a mais nova, se salvara por graça de Inferta que, desta vez, foi quem tomou à frente do amante, para ir ao Cartório. Certamente, por um milagre, Veraluz se salvara da injustiça dos nomes dados pelo pai - “cu-de-cana”, por natureza - a suas irmãs, as quais, não tiveram a mesma sorte sua. Sim, se existia alguma coisa que elas jamais iriam perdoar o seu pai, justamente, seria a injustiça de ele lhes ter trocado os seus benditos nomes.

Vevê se vira livre do nome, mas não escapara da sina...

E quanto a Inferta, pra este nome, nem existe explicação, cogita-se apenas a possibilidade de ser uma corruptela da palavra infértil, talvez; Absolutamente, aquela que não gera.

Se existe vida sofrida no mundo, esta não é a de Idiotina, mas a da pobre e pequena Vevê, sua filha, a qual repudia todos os comportamentos vividos, no âmbito da sua família. Uma desmoralizada vivência que, sequer, dá para narrar tim tim por tim tim. Estes ela guarda no âmago do seu coração amargurado.

Apesar dos pesares, Vevê não é uma menina normal, e, a sua anormalidade se caracteriza em sua religião, protestante, pois é a única que, por intermédio da sua fé, consegue sonhar. Sonha em trabalhar, só para ajudar a sua sofrida mãe. Tem desejos e muitos sonhos. Pensa diferentemente das suas irmãs. Enquanto a mãe aceita, submissamente, as imposições e estupidez do seu pai, ela o abomina desgraçadamente, em ter que ver a sua mãe dividir, a mesma cama, com outra mulher.

“Meu Deus, como pode acontecer uma coisa dessa! E, ainda por cima, ter que apanhar. Sem contar que a cada nove meses, sempre tinha que ter um filho”. Vevê reprovava, radicalmente, tudo aquilo que via dentro da sua casa.

Certa vez, a sua mãe querendo lhe dar um pouco da sua minguada educação. Disse-lhe que, quando ela se casasse e o seu marido lhe viesse bater, pudesse deixar porque todo homem sempre tem razão. É sempre ele quem faz a lei dentro de casa.

Vevê achou aquilo o cúmulo do absurdo. E surda se fez ao que a sua mãe lhe dissera, porque se calara. Sem dizer palavras pôs-se a chorar. Procurava encontrar, na terra, respostas para tudo aquilo. E refletia querendo entender sobre o tipo de mulher que era a sua mãe, para aceitar tantas desgraças, com tanta submissa naturalidade e inocência humana.

A concubina de Pindaíba era como se fosse uma visagem, ou seja, um mau encosto para Vevê, mas uma sombra do bem para Idiotina; Inferta era uma “anja”, como dizia sua mãe.

Ela era o bem e o mal de tudo que existia dentro daquela casa. Para Vevê, Inferta seria o anjo decaído. O demônio!

Inferta não podia ter filhos e se via realizada em cuidar dos filhos de Idiotina. Era como se Inferta fosse a empregada dela (Idiotina). Mas, como a amante de Pindaíba, sentia-se a própria mãe dos filhos de Idiotina. Esta agradecia a Deus por Inferta lhe ajudar no seu parto e durante o tempo em que estava de resguardo. Pois, com ela ali, ao seu lado, teria a garantia de que Pindaíba não teria que sair com qualquer vagabunda, qualquer rapariga, por aí.

E chegava à boquinha da noite. Ali, estava Pindaíba, todos os dias, sem falhar um dia sequer. Estava ele, ali, a encher Inferta de amor; e de filhos, Idiotina. E nenhum tiquinho de ciúme aflorava no coração nem duma nem doutra.

Aos treze anos de vida Vevê arranhou um namorado. Era irmão. Ou seja, fazia parte da mesma Igreja sua. Um rapaz digno da sua pureza, da sua ingenuidade. A justiça divina alumiará o caminho para encontrar a pessoa certa no lugar certo. O homem que lhe iria salvar daquele “antro de perdição”; que iria lhe proteger e lhe isentar de qualquer sedução ou desvio mundano. Desvio este, tido nos exemplos das suas irmãs. Não as da igreja, mas as da sua própria casa, as de sangue seu. Bom, desvio, mais para seu namorado, e ela. Porque para as meninas, suas irmãs, Vevê foi quem se desviara; se desviara de religião, primeiramente; agora, de vida.

“Ah, a idiota está a namorar um crente. Coitada!”

Diziam as irmãs irmãs.

Fidder era o nome do seu namorado. Tinha um trabalho digno e um bom terreno para construir. E isto, para Vevê, já lhe era de grande valia. Poderia sair de casa e morar no que era seu. Poderia ser chamada de esposa e, ser uma dona de casa, para poder criar sozinha, os seus filhos... Fidder era tudo que ela possuía em sua vida agora. Amava-o como a sua própria vida ou mais que ela. Só não gostava de Fidder, quando este a impedia de representar a peça religiosa na igreja. Achava ele muito ciumento. Nessas horas fazia-se exigente, em demasia; e, às vezes, estúpido como todos os homens...

Aí, Vevê percebia em seu príncipe a mesma figura do seu pai e, nela, a de sua pobre e miserável mãe. Batia-lhe no coração, um desgosto, e só pensava em abandonar tudo a viver sozinha, enclausurada, a pedir em oração a N. S. Jesus Cristo, por uma vida melhor, e ser para Ele, apenas, a sua eterna criada, mulher de Deus.

Vevê sempre percebeu a necessidade que passava em casa, com a sua mãe sempre reclamando, sem ter o que comer. Seu pai há um mês que não aparecia em casa; fora pescar, lá para as bandas da costa do Ceará. Foi o que dissera, antes de sair de casa. E já deixava todo mundo preocupado, apesar de não ser a primeira vez que isso acontecia. Restava saber se ele estaria mesmo no mar ou, na verdade, em algum bar.

Vevê, contrariando o namorado, decide trabalhar. Arranja um trabalho, num consultório odontológico, na Cidade Alta, na Av. Rio Branco. Ela acabou de fazer dezesseis anos e a natureza se incumbiu de moldar a beleza sutil, como a que aflora em toda menina, que atinge essa idade. Mas, ela se revestia de uma beleza irradiantemente insólita.

De corpo esbelto - as mesmas canelas de maçarico -, mas proporcional a seu físico; esboça uma beleza peculiar de pré-adolescente. Cabelos lisos longos em vestido longo também. Tais características lhe garantiram o emprego no consultório do Sr. Zemil. Se não fosse crente, certamente, seria uma boa candidata às passarelas do sucesso. Que Deus seja louvado! E que a proteja dessa perdição de mundo mundano, basta o que ela já tem visto - dentro da sua própria casa - e mesmo assim, ainda mantém intacta a sua pureza, a sua virgindade. Aleluia! Aleluia!

Todavia, para Sr. Zemil, jamais despertou tamanho interesse de beleza por suas secretárias, mas achou em Vevê, algo mais que uma simples menina de dezesseis anos. Viu-a uma virgem em jeito, em cor, em forma, em estilo nos cabelos, na face, no corpo.

Pois, no seu todo de menina, havia uma coisa única, inusitada e muito peculiar. Vevê tinha uma leveza sutil na fala, no andar, no olhar que parecia ter adquirido, especificamente, na sua religião, sua igreja. O interessante é que, quase todas as meninas, evangélica da sua idade, se revestiam desse mesmo aspecto de transcendental pureza aparente. Mas, ela não. Ela era distinta. Sem aparência nenhuma. Era puramente essencial.

Era justamente isso, que a fazia diferente de todas as belezas, que ali, passaram na clínica de Sr. Zemil. Vevê se revestia realmente da pureza das virgens, que se acentuara mais ainda por ser evangélica, protestante, da igreja Assembleia de Deus.

Sr. Zemil era homem de respeito, por isso, Vevê lhe falara de trabalho. As meninas as quais haviam trabalhado com ele, e que ela, as conhecia, lhe deram boas informações sobre Sr. Zemil. Inclusive, uma irmã da igreja, a que lhe indicara o emprego.

Sr. Zemil tinha família. Era bem casado. Tinha três filhas e uma esposa muito bonita. Era um excelente dentista e, acima de tudo, uma extraordinária pessoa. Respeitado e amado por muita gente, inclusive, por pessoas carentes. Pois prestava serviços à comunidade carente por bel prazer. Isso o fazia um homem distinto. Aqui estava o seu talento e maior prestígio. Visto que, tudo isso, não fazia por interesse político, mas por ser dotado do fazer caridade.

Certa tarde, como ele sempre fizera com os seus empregados dantes, Sr. Zemil, foi até a sala da sua nova secretária. Era a primeira semana de Vevê no trabalho. Entrou, de súbito, que ela se surpreendera. Ele pediu mil desculpas, educadamente, por ver que ela estava a ler a pequena Bíblia de bolso, a qual, ela sempre a deixava aberta, sobre a sua mesa na página do Salmo 23: “O Senhor é o meu Pastor...”

E, como era de se esperar, Vevê ficara encarnada de vergonha e sem palavras. Mas as palavras do próprio patrão lhe serviram de calmante. Ela se recompõe do susto e se sente à vontade, quando ele se senta na cadeira, igualmente, a um dos seus clientes em consulta. E Vevê, agora, estava segura. Porém, ele, com os olhos seus fixos nos olhos tímidos dela, não disse mais palavra alguma. E foi o silêncio mais conturbador que, ele, já sentiu em toda a sua vida. Vevê o esperava que falasse, e ele, terminou por dizer - se desculpando, é claro - que se lembrara da reunião marcada para aquela hora, que depois, voltaria a conversar com ela.

Vevê não se incomodara nem um pouco. Pois sentiu na voz do “doutor” o mesmo carinho e respeito que ele sempre teve por ela. E, justamente, ela, havia agendado àquela reunião.

Na reunião, Sr. Zemil não estava de todo. Parte ficara no consultório. Estava a admirar a boca de um paciente. Aliás, de uma. Dentes brancos e perfeitamente alinhados, numa boca que exalava um odor agradável de caldo de cana fresquinho. Ele a segurar a bela mandíbula macia, desviava o olhar para os olhos semi-cerrados da paciente. Em seguida, estava a afagar os ébanos cabelos da própria Vevê, a sua secretária. Por várias vezes procurou se concentrar na reunião. Mas, a imagem que lhe vinha era muito mais forte e de um prazer arrebatador, o qual terminava por roubar a cena daquela reunião enfadonha. Esquecer era possível. Mas tentou apagar e não conseguiu. Só conseguiu de todo quando a reunião realmente encerrou.

No dia seguinte, à tarde, Sr. Zemil deu vazão à conversa que prometera à secretária. Apenas algumas recomendações de praxe. Em seguida, conversaram coisas aprazíveis. Relativas ao trabalho, à família, e, acima de tudo, à Igreja.

Pois “doutor” Zemil era também evangélico, da Batista. Mas andava afastado em detrimento dos afazeres que assumira do próprio ofício. Vevê se sentia segura e protegida, porque Sr. Zemil lhe era mais que um patrão. Um homem que lhe dava bons conselhos só poderia ser um amigo, um bom amigo.

Visto que, o seu pai, nunca lhe aconselhara em nada e para nada. Ao contrário, só via dele maus exemplos. Dele, e das demais pessoas de lá. A conversa se estendera por duas horas.

Sr. Zemil contara a história da sua vida. Disse que nasceu e morou no interior do Ceará, Juazeiro. Era devoto de Padrinho Cícero e nunca perdeu uma missa aos domingos. Tudo isso, graças à sua mãe, terminou sendo mandado para o Seminário e se tornou padre. Uma história muito longa. Anos após, descobriu que não servia para o Celibato. E se converteu para Igreja Batista. Hoje, se esforçava para ser Pastor. Era só abdicar de alguns excessos proporcionados pelo ofício, que passaria a se dedicar mais à igreja.

Vevê ficara encantada com o testemunho, a história do seu Zemil, que as horas se passaram e ninguém percebeu.

Sr. Zemil se despediu da secretária e saiu. E Vevê, leve como uma plumagem levantou-se levitando a entoar um belo hino da sua igreja e foi para casa felicíssima.

As coisas, como sempre, não andavam muito bem na casa de Vevê. Há mais de uma semana que não se tinha o que comer dentro daquela casa. Encontrava-se a mistura facilmente, era só ir ao mangue pegar alguns aratus e caranguejos, mas o arroz, o feijão, a farinha não. Estes eram difíceis de se arranjar; às vezes, tinha que se pedir. E, Vevê quase não conseguia se levantar pela manhã para ir ao trabalho. Tomava um caldo da caridade, um reforçado cabeça-de-galo, mas era a sua oração, a sua fé - o alimento da alma - que a conduzia até o trabalho.

Dentro do ônibus lotado, de quando em vez, vinha-lhe o escurecimento de vista e dava graças a Deus quando chegava ao consultório. Ali, ela ia até a cozinha, a cozeira lhe dava uma xícara de café com um misto quente, e assim, ela matava quem estava a lhe consumir as carnes. Porque era a sua bendita alma que lhe sustentava a vida.

Todavia, ela não mais podia esperar pelo seu pai para botar comida dentro de casa. Teria que tomar uma atitude. A mãe, a outra, o sobrinho, a irmã todos a esperarem por comida e nem o cunhado nem o pai traziam-na.

Vevê, no fim da tarde, decide falar com o patrão para que lhe adiantasse um vale. E quando procurou lhe dá explicação, Sr. Zemil não quis saber e foi logo assinando um cheque, o qual lhe passou a suas mãos.

Pois, já era do conhecimento de Sr. Zemil a vida sofrida que Vevê passava. Conhecia todos os desajustes da sua família, porém nunca sequer Vevê lhe contara nada. Talvez, a irmã a que lhe indicara o trabalho lhe tenha contado tudo. Vevê, por sua vez, achava melhor que fosse daquela maneira. Não gostaria de repetir a sua merencória vida para ninguém, mormente, para o Sr. Zemil que era um patrão tão bom, para ela.

Faz dois meses que Vevê trabalha no escritório de Sr. Zemil. E, também, há dois meses que a vida do quarentão havia mudado taciturnamente. Zemil andava muito estranho, isto é, para a sua esposa e filhas. Todavia, era uma estranheza agradável, quase imperceptível, para ele; menos para ela (sua esposa), que por sinal, havia dado à luz e se recuperava de uma cirurgia. Pois, tinha o sexto sentido, bem aguçado, para essas mudanças do marido. Ela não era nada boba não.

Dona Vertu deu à luz e por três meses teve o merecido repouso pós-parto. Pois, teve que passar por uma cirurgia - cesariana - muito delicada. Zemil, como marido exemplar, deu à sua esposa toda a assistência devida. Era o primeiro rebento de sexo masculino, fora a sua última tentativa para que viesse um homem na família. E por desejo seu e sorte sua o veio. Agora a prole crescera, eram três meninas e um menino. Este seria o seu sucessor, que iria seguir a máxima bíblica “Crescei e multiplicai”. Sr. Zemil não era de ficar a dizer isso, mas calava-se consentindo com o seu afã de macho.

Dois meses, e o seu estranhamento, agora, agredia com prazer o seu coração, a sua cabeça, o seu todo de homem. Procurava arranjar alguma explicação para tudo aquilo, mas não conseguia. Era a imagem de sua secretária que lhe entrara na vida, sem a sua permissão.

Suas noites eram de sonhos intermináveis a galopar num corcel por estrelas, asteróides e planetas. Era uma sensação transcendental, tal qual, a que sentira no auge da sua révora, a mais de trinta anos decorridos. Era como se estivesse a rejuvenescer e, com isso, a conquistar a sua primeira namorada. Quão bela, quão meiga como fora há vinte anos, a sua Vertu. Porém, toda essa beleza, toda essa meiguice fora transferida para a sua próxima e tão distante secretária Vevê. Pois então, era esta jovem a qual estava a lhe fazer resgatar os desejos latentes e mais genuínos, os quais foram vividos em sua doce adolescência tão distante.

Por dois meses sonhou com Vevê mais do que já sonhara com a sua Vertu, em doze anos de casados. Eram sonhos em que, como homem de sua idade (quarenta e cinco), de sua formação, de sua índole parecia ser uma coisa muito louca. Uma tentação. Mas, acima de tudo, aceitável para quem vive uma paixão.

Certa vez, sonhou fazendo amor com uma jovem, a qual, não lhe revelava o seu rosto; revestida de um véu negro, apenas o seu corpo se expunha numa nudez límpida de princípio dos princípios de virgem.

Tudo era como se fosse o primeiro tudo de um todo. O primeiro desabrochar de flor mulher no éden do afã de Zemil, a primeira essência, o primeiro fruto de amor germinado na terra. O distante éden.

Uma brisa leve e breve, a sussurrar no seu corpo e no da virgem que, de súbito, ergueu

com certa leveza o véu negro e a fez mostrar o semblante mais belo que os seus olhos já viram. Tinha o reflexo dos seus olhos os olhos dela, mas aquela sutileza de mistério não lhe era de todo mistério, algo peculiar lhe era aos seus sentidos. O cheiro, o toque, aquele súbito olhar, eram-lhe os mesmos dos de sua adolescência, e ele, tinha toda certeza disso. Ela era a mesma de quando conheceu a sua Vertu, quão bela, quão meiga como só ela mesma. Certamente era ela, a sua Vertu, fazendo-se obscura como em todo sonho. E ele tinha toda certeza de que não estava acordado.

Portanto, a natureza se incumbiu de lhe revelar a verdadeira face da misteriosa mulher, quando um vento mais que proposital arrancou-lhe o negro véu do rosto e, ali, à sua vista, se expôs belo, monumental e transcendental semblante, na completa nudez de Vevê, que estava tão explícita, quanto qualquer realidade. Zemil se deleitara e acabara de fazer amor como sempre fizera. Sentira-se leve pelo gozo. E, o coração, agora, batia no compasso da paz dos mortais...

Estava suado e percebeu, também, que estava completamente molhado. Ensopado, como nunca havia ficado após ter crescido. Foi aí, que se lembrou da sua terrível infância, quando ainda fazia xixi na cama.

No dia seguinte, quando Zemil chegou no consultório, não conseguiu nem olhar na cara de Vevê. Pois estava com um profundo sentimento de culpa terrível. Foi direto para sala de trabalho, nem bom-dia conseguiu dar a sua secretária. Ela mesma ficou muito sentida sem conseguir entender a atitude do seu patrão.

Ainda era manhã, onze horas, quando ele lhe foi fazer a visita de praxe, que sempre fizera à tarde. Mas Vevê, para ele, não tinha mais o encanto, a beleza que sempre admirara de ver nela. Ela era, agora, uma mulher como todas as outras do mundo, comum e com as mesmas trivialidades desgastadas e enojadas de sempre.

Não teve muita conversa com Vevê. Já chegara ali, decidido ao que viera fazer e fez. Demitiu Vevê sem nenhuma explicação aparente. E isso, foi muito doloroso para ela. Feriu-lhe bastante. Uma verdadeira falta de consideração. Uma atitude covarde e cafajeste.

Vevê transtornada de dor, tomada por um sentimento cruel e devastador, como se tudo fosse rasgando-lhe o corpo, o peito, a lhe retirar o coração, assim a ferro e fogo, a sangue frio, triturando-lhe a carne (esta vil e inútil matéria, que não passa de pó). Aí, lembrou-se do versículo: “Vieste do pó, és pó e ao pó retornarás”, e sentiu que, só a sua alma, suportaria toda aquela dor. Aquele sofrimento, que ora a carne, o corpo, a matéria sentiam. Não ela. Ela não era nada disso. Nunca precisou dessa coisa efêmera. As suas fomes lhe ensinaram a valorizar a alma. Sim, era feita de espírito, de alma. Assim, ela se acostumara a Ver e Viver a sua vida. Alimentando-se sempre de oração, fora feita para eternidade e não de efemeridade.

Vevê ainda, aos olhos do Sr. Zemil, parecia se revestisse de uma lividez transcendental, que ele, se assustara em vê-la daquele jeito, tão transfigurada. Ela estava pálida, tão branca, tão transparente em seu vestido branco-neve-nuvem, quando caminhava em direção à porta, que ia como se a estivesse levitando tão suave, tão leve como uma pluma-pena. Mas, ela não era pena; tinha pena, estava repleta de pena mesmo era do seu patrão, do seu pai e de todos os homens.

Bem que, Zemil, quis lhe falar algo, mas ela não tinha mais nada a que ouvir dele. Ela não tinha o direito de tê-lo como patrão, nem como amigo, nem como irmão e nem tampouco como pai; como aquele que, às vezes, lhe dera conselho. Não, não nascera para ter esses elos, essas relações tão comuns para uma existência humana e tão insólita para com ela.

Desceu as escadas e, quando chegou à praça, a qual ficava ao lado do prédio, no qual trabalhava, ouviu o soar suave do sino da Igreja matriz. Estava começando a bater as doze badaladas do meio-dia. O som, perto-distante, do sino, fazia lembrar uma canção que ela gostava sempre de cantar quando estava a caminhar. Então, ela, seguiu a entoar o seu hino e, muitas vezes a lhes acompanhar, como sendo uma miríade de anjos.

A rua, ao meio-dia, não havia muitas pessoas, mas as poucas que estavam, por ali, sentadas na praça, ficaram encantadas, extasiadas com o que viam e não acreditavam.

Era a moça de cabelos e vestido branco longos que cantava um hino muito bonito, porém, o seu canto ecoava juntamente com muitas outras vozes, que vinham do além. Eram como vozes de anjos, milhares delas, com uma música acompanhada pelo sino e, também, algumas trombetas. Ninguém conseguia ver, - mas não precisava - as pessoas estavam a se deleitar da música, do hino que era cantado belamente por Veraluz.

Isso não durou não mais que três minutos, o tempo suficiente para uma música entrar no coração e na alma de um ser e lhe fazer sentir a felicidade da paz, da solidariedade e do amor. Quando a canção encerrou, a cantora já estava a transpor a nuvem, a única nuvem que passava naquele céu azul, num sol de 34° C.

Sr. Zemil, que havia escutado o alvoroço do povo, lá embaixo; resolveu sair no hall do prédio, para se certificar do que realmente estava acontecendo. Lá, chegando, não acreditou no que viu. A poucos metros de onde estava, viu uma mulher sendo elevada para os altos, por uma miríade de anjos luzídios, celestialmente.

Profundamente, contrito, assistia à cena com lágrimas nos olhos. Chorou como todos os homens choram: escondido. Mesmo assim, ao chegar em casa, a sua esposa inquiriu-lhe sobre os olhos inchados e ele contou-lhe o ocorrido presente, menos o pretérito.

Após, esse dia, Zemil tomou uma decisão extrema na sua vida. Abandonou o ofício de Dentista e foi ser pastor, na mesma Igreja, na qual Vevê sempre frequentava. E o seu mais belo testemunho, o qual, o fez retornar à Igreja, não à outra, mas a esta; foi o de ter conhecido um anjo. Um belíssimo anjo de luz.

E, assim, todas as vezes que abre o seu sermão, é fazendo referência a esse mesmo mirífico anjo de luz celestial. Porém, nunca ousou em dizer que o anjo se chamava VERALUZ.

Do livro de Contos, VIDA MULHER, Emecê Garcia, Natal/RN – 2018.



## REFLEXÕES PÓS-PANDEMIA E A VIDA QUE SEGUE

Evandro Valentim de Melo

Gregório, seu amigo-irmão, se acidentara no trânsito. Colisão de veículos. Coisa grave. Ao todo, cinco pessoas em dois carros. Sequelas mais ou menos graves em três, que se recuperariam, segundo os médicos; um óbito e um trauma cranioencefálico.

Cirurgia longa, quase sete horas e bem delicada. Em coma, Gregório ocupou a UTI de um hospital público, com leitos sendo disputados com casos, também graves, decorrentes da pandemia provocada pelo Novo Coronavírus.

Durante todo o período de distanciamento social, Márcia sofrera por não poder estar de corpo presente junto ao amigo – caso pudesse visitá-lo enquanto internado -, por não apoiar como gostaria, os pais de Gregório. Nada a consumia mais do que a impotência frente a essa lacuna.

Ávida, Márcia acompanhava o noticiário para saber quando, finalmente, poderia sair de casa e resgatar sua vida, de onde a haviam ‘sequestrado’. Teletrabalho era uma alternativa muito legal, mas, imposta, perdia o encanto. Estava saturada de olhar telas de TV, do computador, do celular...

Va-ga-ro-sa-men-te, a guerra contra a pandemia chegava perto de seu fim. Mesmo tendo à frente, iniciativas desencontradas dos governos, analogia a maestros na tentativa de orquestrar músicos na execução de sinfonias diferentes, porém, ao mesmo tempo. Ao povo restou a apocalíptica “Dança da Morte”, encenando a versão tupiniquim, e sem dublês, da trama de Stephen King, o que resultou em mais de seiscentos mil mortes.

Oportunidades de repensar comportamentos não faltaram, porém, quase nada mudou: o capitalismo selvagem, forçado a se recolher, voltou com ânimo redobrado; o meio ambiente, que degradado por centenas de anos, recuperou parte de suas antigas condições, já está, novamente, sendo desrespeitado como se mero coadjuvante da vida. Os Yanomami que o digam.

Não passaram despercebidos a Márcia, os temores adquiridos por alguns de seus conhecidos, sequelas psicológicas legadas da pandemia. Sofrimento mental se candidatou a ser a nova miss pandemia.

Essas questões orbitavam a mente de Márcia enquanto ela se dirigia ao hospital em que Gregório se encontrava. Há poucos dias, ele saíra do coma, mas permanecia hospitalizado. Saudade louca daquele ser; das conversas; dos olhares; dos bares e cafeterias que frequentavam juntos com amigos variados.

— Levo flores? - Perguntava-se Márcia. Ela própria respondeu que sim. Habituar-se a conversar em voz alta consigo mesma. Finalizara o monólogo, com uma pseudo-oração:

— Que os anticorpos de todos, estejam firmes e fortes para quaisquer novas

pandemias...

Logo cedo, o astro-rei presenteara o dia pra lá de especial com sua luz.

Ações outrora impensáveis, retornaram à normalidade, a exemplo de as pessoas destrancarem as portas e saírem à rua. Sem máscaras, exceto pouquíssimos ainda assombrados pelo Novo Coronavírus, que nem é mais novo.

À tarde, rumo ao hospital, a caminhada até a parada de ônibus não demandaria nem dez minutos. O local estava abarrotado de gente. A distância entre as pessoas, todavia, era maior; ônibus cheio, janelas escancaradas; comportamentos desconfiados ainda.

Márcia desceu do coletivo. Outra breve caminhada até o hospital. A cada passo que encurtava a distância, os batimentos cardíacos dela aceleravam. Quanta ansiedade!

Identificou-se na recepção. Carregava belo arranjo de fores, que deixaria ao lado de ‘Greg’. Márcia encontrou Madalena, a mãe de seu amigo, no corredor próximo de onde o enfermo estava.

— Madá, quanta vontade de vir aqui, de estar próxima a meu amigo-irmão! Desculpe-me não ter vindo antes.

— Não há culpa Márcia, de ninguém. Foi uma fatalidade... De qualquer forma, não era possível visitá-lo. Apenas um familiar poderia.

— E como ele está?

— Venha comigo.

O cenário não era animador: Gregório recebia medicação intravenosa e tinha a cabeça enfaixada. Apenas um dos olhos fora do curativo.

— Madá, ele está sempre inconsciente?

— Durante a maior parte do tempo.

— Alguma sequela ou ele...

— Ele não me reconheceu, Márcia – ao revelar essa condição, Madalena caiu no choro.

Márcia e Madalena conversaram bastante. Apoiaram-se mutuamente. Durante todo o tempo, Gregório permanecera como estava quando da chegada de sua amiga.

O Astro-rei se recolheu e foi rendido pelo satélite natural da Terra. Márcia caminhava inconsolável. Esgotara suas forças na tentativa de amparar Madalena. Sentia-se como um naufrago. Agarrou-se à esperança como a uma boia, para não perecer e afundar.

Olhou ao redor e havia bastante movimento. Apesar de tudo, a vida prosseguia, ainda bem.

## **A mulher é capaz**

A jovem mulher natural da terra de Marcelino Vieira foi morar na capital na busca por seus ideais não perdeu a esperança no momento de dificuldade continuou enfrentando com coragem os obstáculos que surgiram assim foi conquistando com entusiasmo seus objetivos fruto de muita luta em que prevaleceu sua perseverança. Tem na lembrança sua terra natal porém mora em Natal onde foi o cenário de muitas realizações segue o caminho do conhecimento tem na razão o esclarecimento tem no pensamento a certeza tem no argumento a defesa tem na filosofia a contemplação é filósofa de paixão é professora de profissão é sertaneja de coração é mulher de qualidade. Tem na vontade a força de vencer tem na disposição a bondade tem na ação a liberdade tem na autonomia a realização tem no sorriso um gesto de simpatia tem no olhar a luz incandescente no viver plenamente na florescência da mente a alegria do saber floresce no dia. Tem no sentimento a delicadeza da flor tem na família a fonte de amor tem na natureza a beleza de ser, assim é o ser que irradia seu brilho de sabedoria tem na alma o esplendor de sua grandeza e na vida a dignidade de ser mulher.

(Francineide Araújo de Medeiros)

## Vício

Hellen Bravo

Um homem franzino, de cabelos escuros e nitidamente oleosos, está sentado em uma cadeira de madeira, diante de uma mesa que sustenta nada, além de um cinzeiro sujo com algumas bitucas, perde-se em seus pensamentos e divaga conversando com sua companhia entre os dedos.

— Dos vícios e drogas lícitas um dos mais famosos, dos mais antigos, dos mais cheio de controvérsias. Começa como uma brincadeira, charme e logo se torna companheiro de todas as horas. – traga entre uma pausa e outra, olha para o cigarro e continua. - Dentre tantos problemas, você!... E dentre tantos prazeres, você! Uma maneira sutil e disfarçada de suspirar num momento de tensão como o que estou agora. Só esse vício para me acalmar, pra me segurar, pra me relaxar e me fazer companhia até no banheiro. A vida pode ser tão irônica, então como isso seria diferente? Tantos compostos prontos para detonar cada fibra do meu corpo enquanto um trago acompanha um simples gole de café. Minha pele parece mais envelhecida do que deveria pra minha idade, meu cabelo e roupas estão sempre cheirando fumaça, meus dentes amarelados não chegam perto da escuridão dos meus pulmões... Aliás, ainda bem que Deus nos fez com dois. Assim leva mais tempo pra que possamos matar cada alvéolo antes do inevitável fim. – faz uma pausa mais demorada, tragando com calma, curtindo o momento. – Sorte daqueles que conseguem se restringir ao uso combinado... Fuma só quando bebe “socialmente”. Por que o álcool parece mais conveniente, é claro! Embriaga a mente e liberta os pudores. O cigarro só relaxa! – gargalha. – Só tenho certa pena dos chamados fumantes passivos. Não se beneficiam dos prazeres e absorvem os malefícios. Às vezes penso que a nicotina depende mais de mim do que me fez dependente dela. O cigarro precisa de mim, precisa de gente como eu pra lhe dar vida enquanto extingue a nossa. Talha nosso ar enquanto se reduz entre nossos lábios. – dá a última tragada.

— “É a forma perfeita de prazer: elegante e insatisfatório”. – Apaga o cigarro no cinzeiro adicionando mais uma bituca junto às demais.

## O Visitante

Por Jennifer Borges

Alicia estava servindo a sobremesa quando notei que seus olhos estavam marcados por bolsas arroxeadas. Ela evitava me encarar, o que reduzia pela metade minhas chances em descobrir se estava enfurecida ou saudosa. Isso me deixava pouco à vontade e, meu estômago revirava enquanto fingia serenidade. O cheiro de sua colônia floral espalhada pelo ar acordava lembranças antigas.

Meus pensamentos foram interrompidos pelos seus murmúrios. Reclamava por não ter tempo de aprontar algo decente. Pensei comigo se ela compreendia que não estava ali por causa da refeição. Seu riso estava frio, um ar esquisito pairava entre nós. Acredito que nossa química ficou na última consulta médica, assim como minha saúde, minha alegria e qualquer esperança.

— Parece estar melhor.

Agradei quando rompeu o silêncio. Nunca fui bom com palavras.

— É sua bondade! Hum, tinha esquecido como isso é bom, a elogiei na tentativa de quebrar o gelo.

— Não sabia que estava liberado para viajar tantos quilômetros.

— Não estou, disparei.

— Oh, perdão! Não quero ser intrometida.

*“Droga, Marco! Lá vai você estragando tudo. Muda de assunto, cara.”*

— Fiz uma visita breve à sua mãe enquanto estava a caminho, disparei. Porcaria! Não era para ser dito assim.

Alicia soltou um ar de espanto antes de cobrir os lábios com suas mãos. Seus olhos por vezes a denunciavam quando gritava por dentro, embora não contraísse um músculo do rosto. Era tão espantoso quanto

sensual.

— Ela me atendeu do jeito dela, você a conhece. Me convidou para entrar e conversamos um pouco.

Suas mãos seguravam com firmeza a taça enquanto a colher apenas massageava o creme sedoso. Ela permaneceu quieta por alguns segundos.

— Quanto tempo... — empurrou a saliva para umedecer a garganta — , quanto tempo resta?

— 6 meses, 3 semanas, alguns dias. Não há data certa.

Não havia jeito fácil de responder. Minhas palavras, na maioria das vezes, soavam mais duras para quem as escutasse do que para mim. Afinal, nunca me pareceu com uma sentença. A doença estipulou um prazo de validade que foi estendido ao máximo. Havia chegado ao fim.

Então, pela primeira vez, a vi lamentar. Chumbo quente deformou seu rosto. Descia como ácido, avermelhando-o por todo extenso caminho. Fiquei atônito, paralisado. O que eu deveria fazer?

Ligeiramente, secou-as com as pontas dos dedos. Cobriu minha mão com as suas, encarando-me com seu maxilar cerrado de maneira que seus traços ficaram evidentes. Ainda mais linda do que me lembrava. Minha pele aquecida com a maciez da sua. Ela aproximou sua cabeça, como se fosse sussurrar um segredo. Enquanto me tremia, a escutava dizer:

— Fica, vou fazer café.

## DE ONDE NÃO SE ESPERA

um caso João Cláudio.

Acordou numa enfermaria de hospital público. “Quantas horas seriam?” Viu a seu redor umas poucas camas ocupadas, sinal que como o dele não aconteceram muitos acidentes naquele dia. Levou pouco tempo para lembrar o que lhe aconteceu. Disseram que foi uma batida no dia anterior, de seu carro contra um poste. Nenhuma vítima, apenas ele.

Longe, lá no fim do corredor, vozes, médicos e enfermeiras certamente. Teve que se voltar para esquerda na tentativa de ver quem dormia com interrompidos roncos que lhe perturbariam quando tentasse retomar o sono. “Preciso dar um jeito de cair fora daqui” Pensou sem entender que era alta madrugada e o único jeito de passar o tempo seria dormindo até que a manhã lhe desse novos rumos e vendo que seu corpo marcado por hematomas aparentemente leves não assustava tanto tentou voltar ao sono, dando uma pancadinha na cama do roncador que parou momentaneamente, mas reiniciou deixando ver que a noite iria se arrastar com aquela perturbação. Passou. Dormiu.

Da distancia de alguma casa perto um garnisé emitia seu canto madrugador e pela manhã aproximou-se uma enfermeira com comprimidos e um pouco mais tarde um carrinho com alimentação. Depois o médico, dando explicações sobre sua situação e lhe disse que ficaria mais um tempo em observação por via das dúvidas, já que seu quadro não oferecia riscos visíveis de ferimentos ou fraturas, 48 horas em observação e que se passaram 24 desde o acidente na manhã do dia anterior.

As últimas 24 horas, contudo, foram solitárias porque não tinha recebido a visita de ninguém, sentiu-se sorumbático ao ver todos ao seu redor com famílias, alguns em franca alegria e ele não teve qualquer sinal de apoio solidário. Acreditava que algum vizinho tivesse sido informado sobre seu acidente e a despeito de um irmão que morava em um bairro distante e fosse realmente desleixado, este poderia tê-lo visitado, se importado com ele. De resto seus parentes eram todos do interior. Amigos, ultimamente, ainda mais naquela hora ele viu que eram mesmo muito estranhos e deu de ombros entristecido com o abandono numa hora daquelas. “Ninguém, diacho!”

Contudo, uma visita surgiu para mostrar que não se interna sem que alguém vá vê-lo, aliás ele mesmo pensou. “É possível que nunca aconteceu de um paciente ficar sem uma visita.

- Quem seria? - Perguntou à enfermeira que mandou o recado sobre alguém que estava na portaria pronto para subir e lhe fazer uma visita.

- Não sei, falou que veio te visitar e trazer um buquê de rosas. Mando subir?

- Como não? - Claro! - Respondeu entre entusiasmado e curioso.

Quando a porta abriu, veio misturado entre a visita de um outro paciente um senhor de cerca de cinquenta anos. Usando uma roupa formal e lhe cumprimentou com fina educação, e entregando o buquê de rosas, perguntou sobre seu estado de saúde e se teria alguém para contato e ciência de sua internação.

Tanto interesse deixou-o estupefato, mas quando as coisas voltaram ao normal, sentiu apenas a curiosidade de saber quem seria aquele estranho que superou suas expectativas

com tal receptividade solidária e perguntou:

- Nos conhecemos de onde mesmo?

- Na verdade não nos conhecemos, sou da companhia força e luz e venho ver com faremos para o senhor ressarcir-nos do dano causado ao poste em que você bateu.

- Novamente deu de ombros e pensou silencioso:

Nenhum visitante diacho! Nenhum sequer!

Baseado numa anedota contada pelo amigo André Silva de BH.



## A paz de Bem-vindo

Um homem estava sentado em uma lambreta desde a noite passada. Ele passou o dia inteiro tentando colocar a máquina para funcionar e quando já passava das dez horas da noite, em mais uma tentativa inútil, deu um último solavanco no pedal do transporte que aos engasgos parou de vez.

Sem a resposta desejada, o homem olhou para o lado e viu uma casa grande por trás de uma praça onde acontecia uma festa. Tranquilamente abandonou a motinha, deu certa arrumada nos trajés não convencionais que vestia e seguiu pela praça driblando as árvores e canteiros.

Ao chegar à enorme porta trabalhada em carvalho e vidro se deparou com outro homem, forte e robusto, vestindo um paletó negro azulado, passado à goma, que se identificou como Aloísio, segurança do prefeito.

Apesar do tamanho, Aloísio se assustou com aquele homenzinho, não muito gordo, calçado apenas com meias cor-de-laranja e vestindo uma camisola que cobria todo seu corpo, do pescoço as canelas.

– O que faz aqui? Assim desse jeito? - Perguntou o segurança, percebendo certa confusão mental no homenzinho. – Entre, pegue algo para comer e saia. Entendeu?

Aloísio veio de família humilde, tinha um bom coração, sabia que ali estava acontecendo um evento particular muito importante e que podia perder o seu emprego, mas também sabia que não podia deixar aquele homem sem se alimentar. Na verdade, se sentia bem fazendo aquilo. Aquela figura nostálgica transmitia certa paz ao seu coração.

Os convidados, na sua maior parte políticos, não perceberam aquele formoso transeunte. Além do mais, alguns, em certo momento da vida, haviam feito coisa parecida como estratégia para conseguir votos. Vestir-se de super-homem, aparecer de cueca em rede nacional, eram coisas mínimas, e agora, depois de alcançado o propósito, eram apenas lembranças engraçadas, micos do passado, para alegrar momentos como aquele e que no momento não eram apenas de alegria. Muitos estavam preocupados com as novas alianças, com as velhas, pensando em nomes para possíveis “esquemas”, quer dizer coligações.

Havia muita gente na festa do prefeito. Só pode, aqueles que não faziam parte da maracutaia não haviam sido convidados.

Chico Bem-vindo (nome de guerra), prefeito re-eleito pelo povo, mas não para o povo. Na última campanha conseguiu muitos “colaboradores”. Deputados de renome. Ativistas dispostos a ficar na linha de frente. Do peão ao bispo. E depois de vencida a guerra, agora teria

que compensar toda essa cambada. Licitações fraudulentas, nepotismo, cartel, preocupações que faziam com que o prefeito não se prendesse a um só “companheiro”.

Para ter um pouco de paz Bem-vindo encheu a boca com pãozinhos de leite e fingiu estar engasgado. Correndo de um lado para o outro, não causou nenhuma preocupação, pelo contrário, alguns até desejavam o fim do político.

No meio do corre-corre Bem-vindo parou bem em frente ao estranho. Uma figura fantástica que fez o facínora tremer.

Prefeito, homem feito, de barba na cara, transfigurou-se em uma criança. Pois lembrou de seu pai que morreu enquanto dormia.

Naquela noite, seu Anacleto, colocou o filho na cama, deu um beijo em sua testa e o abençoou. Bem-vindo, ainda com a pureza no coração, pediu um copo de água ao pai que saiu e nunca mais voltou.

Para ele, aquele homenzinho era seu pai que ressuscitara e estava de volta. Caindo em prantos, saiu de mesa em mesa e expulsou os convidados um por um.

Nos anos seguintes, Chico Bem-vindo cuidou daquele homem como se fosse seu próprio pai. Apesar da dedicação nunca descobriu nada sobre ele. Também nunca mais se envolveu com política. Renunciou seu cargo e delatou um esquema parecido com o mensalão. Como era réu primário cumpriu sua pena em regime semiaberto.

Assim como Bem-vindo sempre temos uma segunda chance. Mas de nada adianta o arrependimento sem antes uma reconciliação. Reconciliação consigo mesmo. A vida é fantástica porque nos proporciona tudo isso, reconciliação e arrependimento, não pela salvação ou pelo perdão e sim pela paz interior. Não importa o caminho que seguimos, desde que haja tempo para reescrever nosso final.

**José Bernardino**

## CONTOS DE MINAS - O VIOLEIRO MACABRO

José Victor do Lago

A festa no rancho do Justino corria solta. A sanfona, o violão e o pandeiro davam conta de animar o arrastapé até varar a madrugada. A cachaça, os homens repartiam entre eles e entre algumas mulheres mais ousadas; as demais ficavam com o quentão ou chás de algumas variedades, alfavaca principalmente, que sempre acompanhava as broas e os biscoitos recém tirados nas fornadas.

A lua era minguante, a noite estava escura e o sereno molhava a vestimenta de quem ficasse algum tempo do lado de fora da cobertura.

O cavaleiro, montado em um tordilho preto, roupa e chapéu de aba larga abaixada, pretos, amparado por uma capa grande, de cavaleiro, de feltro, também preta, chegou e apeou sem ser notado por ninguém. O Homem, sujeito magro e alto, cabelo e barba bem aparados, pegou na garupa da montaria um estojo de couro, todo escuro com acabamento requintado, e entrou no salão sem ser percebido. Sentou-se em uma cadeira, colocou o estojo sobre a mesa e de dentro dele tirou uma viola, uma lindíssima viola preta, muito brilhante com tarraxas e cordoamento prateados. Começou bem devagar e baixinho a fazer um ponteamento. Soava tão melódico que parecia mágica. Alarde nenhum; aos poucos, os que dançavam ali perto foram parando de dançar, voltando a atenção para o estranho. Ninguém até então havia reconhecido o fulano. Uns foram alertando os outros até que ninguém mais dançava. A música do salão parou e o som da viola começou a prevalecer, foi se encorpendo quanto mais silenciosos os presentes embasbacados ficavam. Ninguém mais dançou. Nunca ninguém dali tinha ouvido som parecido, extremamente melódico, nada ritmado. O violeiro dominou a todos. Pareciam sob efeito de uma hipnose coletiva. A madrugada corria, aos poucos ele os orientava a irem embora. Tudo foi conduzido pelo tal, de modo que todos se foram antes que o iniciasse o amanhecer. A mulher e a filha do Justino também foram para casa, que era ali bem pertinho. Tendo ficado somente o Justino e o misterioso sujeito.

Justino se sentou próximo do violeiro e perguntou: Como é que consegue tocar viola desse jeito? De onde você veio? -Ora! Vim porque você me chamou! Como te chamei se nem sei do teu nome e nem de onde você é! - Vim te ensinar a tocar viola conforme o nosso trato! Trato? Que trato? Nunca tratei nada contigo! - Então não me chamou dizendo que ia me entregar sua mulher e sua filha se eu te ensinasse a ser o melhor violeiro de todo o povoado? Pois você vai ser o melhor violeiro que existe em todo lugar que passar, vai ser assim como eu, vai ser sorrateiro, ninguém vai te ver; vai se mostrar na tua hora e no teu jeito, vai dominar os ambientes, vai dominar as mentes; viu como parei a tua festa? As festas que fizer vai levar as pessoas a se matarem de tanta alegria, o prazer que todos querem será absoluto e escancarado, ninguém terá o poder de censurar; o poder será a sua vontade, será do jeito que quiser. Poderá puxar pro teu colo as mais lindas criaturas; satisfazer qualquer desejo que tiver. Vai ficar rico na medida que pretender; terá quantas fazendas quiser. As mulheres mais lindas brigarão entre si para ficarem com você. Vai se olhar no espelho e se achar o mais garboso dos homens. Veja só o precinho que pagou; sua mulher e sua filha não são nada diante de tudo isso que terá. Então o seu aprendizado na próxima madrugada vai começar.

Justino, carregando no saco sua velha viola, que pertenceu a seu pai, que foi cantador de Reis e do Divino Espírito Santo, chegou no salão e ficou esperando. À meia noite cravada chegou o macabro violeiro. A primeira coisa que falou, em tom de imposição, era para que Justino jogasse lá fora o saco com a viola, dizendo: - É por causa dessa viola que você não consegue tocar bem, ela te trava os dedos e te confunde a cabeça. Pega a minha e toca; mas não vem com as cantigas ruins do teu pai; canta aquela do sujeito que matou a mulher porque se confundiu achando que ela o traía. Justino tocou a moda sugerida, ficou maravilhado, o fantástico soar da viola nos seus parcos acordes que sabia fazer, o deixou eufórico, gostou demais também da própria voz. O estranho o enalteceu dizendo que aquilo era só o comecinho, que bom mesmo ele ia ficar com o passar dos dias, conforme ele fosse fazendo tudo que ele mandasse. Disse, amanhã na mesma hora a gente se encontra aqui. Traz a viola que vou te mandar, mas agorinha mesmo, antes de entrar em casa, pega o machado e estraçalha aquela viola velha e depois faz fogueira dos cacos que sobrar, queima com o saco e tudo, queima também aquelas dedeiras que vieram junto com a viola pras tuas mãos.

Justino pegou o saco com viola, muito convicto do que fazer. Não caminhou dez passos e começou ouvir, saindo de dentro do saco, uma melodia; reconheceu facilmente, era o solo da cantiga que seu pai tocava e cantava pra Santa Virgem. Sentiu uma forte emoção que o fez verter lágrimas; lembrou da sua situação naquela hora e ficou extremante dividido. O que fazer? Era realizar o seu maior sonho de ser um grande violeiro ou continuar daquele jeito medíocre como achava que era a sua vida. Sofreu com o seu dilema durante o curto percurso e em casa enquanto se preparava para cumprir o que o estranho homem tinha ordenado. Pensou um tempo e decidiu que iria simular a queima da viola. Tirou a velha viola do saco, foi ao quarto onde se encontrava já dormindo sua filha Juliana, colocou a viola de pé encostada na parede ao lado do catre onde Juliana estava dormindo. Voltou pra cozinha, ao lado do fogão, pegou alguns gravetos secos e colocou no saco; pegou a caixa de fósforo, algumas palhas e o machado que ficava encostado na parede perto do fogão e saiu para o terreiro. Deu algumas machadadas no saco e o barulho da quebra dos gravetos, imaginou ser igual ao que seria se estivesse quebrando a viola. Fez a fogueira deixou queimando e saiu para ir se deitar. Nem bem virou as costas ouviu um barulho e sentiu um vento forte, virou-se e pode ver um redemoinho passar sobre a fogueira levando o fogo até a pastagem mais próxima, viu o fogo começar a se alastrar. Gritou forte Madalena e Juliana. Madalena veio correndo ainda de camisola e ao ver o acontecido, junto com o marido, começou a encher os baldes na bica d'água e corriam para jogar lá no pasto, numa missão quase impossível pra só os dois e quatro baldes. Gritaram Juliana, mas ela não veio. Justino, no escuro ao abrir a porteirinha de arame farpado, acabou por sangras as duas mãos, mas nem se importou. Foram horas naquela correria, e num repente, uma situação estranha, um grupo de vultos escuros quase invisíveis na escuridão da noite, passou na frente deles e dali em diante o fogo foi minguando até se apagar. Exaustos, Madalena correu para ir ver Juliana, e Justino correu rumo ao curral, pois escutou o bater da porteira, que possuía uma tramela que seria impossível ela abrir sozinha. A porteira estava fechada, mas o gado não estava no curral. Alguém abriu a porteira e soltou o gado no milharal, meio sem saber o que fazer, voltou-se em direção da casa mas resolveu ir ver o bezerreiro, pois não ouviu nenhum berro vindo de lá. Tomou um susto medonho com o que se deparou. Os bezerros estavam todos enforcados, pendurados nas toras de eucaliptos utilizadas na cobertura do lugar. Apavorado com tanta coisa ruim, saiu correndo e caiu ao tropeçar em um leitão que estava no caminho, correu para o chiqueiro e para entrada do mangueirão, viu que tudo estava aberto. Todos os

porcos, os de engorda e os de reprodução estavam todos misturados e soltos pelo pomar, pela horta e pelo milharal.

Madalena entrou na casa e entrou também em desespero. A casa estava dominada por um odor horrível, fedor de enxofre de fezes e mijos, tudo misturado. - Juliana minha filha, repetia em gritos, num choro de desespero. O chão era uma lama sinistra, pisoteada, com marcas nas paredes, de sujeira e de estragos provocados objetos ponteados. Juliana, minha filha, gritava apavorada. O quarto de Juliana estava ainda pior. Além de tudo, havia espalhados no chão, sangue, pelos, fezes e urina de animais. Uma luta sangrenta aconteceu dentro daquele pequeno quarto. Madalena cruzou os braços no peito, abaixou a cabeça, e num choro incontido se ajoelhou ao lado da cama de Juliana. Juliana dormia um sono profundo, atarracada à velha viola. Madalena, depois de ter chorado muito, levantou os olhos e olhou com muito carinho para o rosto de sua filha. Juliana respirava e dormia profundamente. Madalena tentou tirar a viola dos braços de Juliana, mas o abraço era tão apertado que se Madalena tivesse empregado toda sua força não teria soltado. Aos poucos Madalena começou a compreender o que teria acontecido ali. Viu que havia um círculo com raio do comprimento da cama de Juliana. Dentro da área desse círculo, não havia sequer um respingo de qualquer coisa, nenhuma forma de sujeira. Naquele pedacinho o mal não conseguiu tocar. Juliana dormia profundamente atarracada à viola e não acordou naquele momento.

Madalena saiu para procurar por Justino, passou pelo galinheiro e nem se importou muito ao vê-lo destruído e suas galinhas que gostava tanto, todas despedaçadas, espalhadas pelo ambiente. Seu sentimento naquele momento era de muita gratidão e fé, porque percebeu que Juliana estava segura, que se ela não fora atingida, não seria mais. Com o rosário nas mãos, orando, continuou procurando por seu marido. O dia estava clareando, ela o viu caminhando sem rumo pela estrada, carregando nas costas a bela viola daquele sujeito. Com agilidade que talvez nunca tivera, correu em direção de Justino, colocou em sua testa o rosário, de imediato ele soltou a viola no chão. A viola desapareceu, e ele um tanto abobado, disse à Madalena que não sabia porque estava na estrada nem onde estava indo.

Consciente de que o mal estava por perto, Madalena puxou Justino pelo braço até em casa. Sua intenção era acordar Juliana e que os três fossem juntos pra cidade pedir ajuda ao sacerdote. Tentou muito, Juliana não acordou. Ficou pensando no que fazer. Tinha fé que Juliana estava segura, mas de modo algum a deixaria sozinha naquela casa. Com muita fé, mas com muito medo também, decidiu que Justino deveria ir só.

Com o rosário no pescoço e a medalhinha da Santa Virgem na mão, Justino pegou o caminho, a pé; naquele caos que virou o seu sítio, não saberia onde encontrar os cavalos. Madalena o havia recomendado muito, para que ele não olhasse para os lados, que não ligasse para chamado nem gritos de ninguém e de nada. Seria quase duas horas de caminhada. Logo que entrou no corredor dos eucaliptos, já era dia, mas mesmo assim a estrada ficou escura; começou a ouvir chamarem pelo seu nome, hora voz de criança, hora voz de mulher. Latidos vinham de dentro da mata. Entrou na cava funda, onde os barrancos dos dois lados da estrada são bem altos, ouvia atrás de si, o som de pedras jogadas, seguido de risadas, gargalhadas. Tremeu muito de medo, achou que não conseguiria suportar, orou o tempo todo. Por todo o percurso foi provocado. Urubus que assentavam nas cercas, tropéis de toda espécie atrás de si. Zunidos de pedradas, pássaros com cantos tristes ou barulhentos, crianças rindo ou chorando, mulheres

falando palavrões. Tosses, assovios, palmas. Já chegando na cidade começou ouvir a si mesmo, aquela música que ele tocou na viola do dito cujo, parecia gravação, ele achou maravilhoso, mas conseguiu não olhar pros lados.

Entrou na igreja, a missa tinha acabado de terminar, correu e chorando se jogou aos pés do padre, dizendo que precisava se confessar. O padre também um tanto assustado, ouviu tudo com atenção. Justino envergonhado contou da sua promessa de entregar sua mulher e sua filha pro coiso se ele conseguisse ser um violeiro bom.

Justino cumpria sua penitência, o padre preparou a charrete, pegou o que precisava e os dois rumaram pro sítio. Chegaram, cada coisa em seu lugar, não tinha estragos nas roças, o gado, os porcos, as galinhas, tudo estava normal. Juliana, cantarolava enquanto varria o terreiro e Madalena, punha as roupas no varal. Nenhuma delas lembravam de nada, sorridentes prepararam o almoço, enquanto o padre benzia a propriedade.

Justino, ele mesmo buscou tijolos e tudo o que precisava; construiu uma capela e o altar pra Santa Virgem, no altar arranhou um espaço e colocou lá a viola velha.

Justino nunca mais fez baile, nunca mais tocou viola.



JUSTIÇA, eu quero justiça! 2023. Autora: Ana Paula Gomes.  
Técnica: acrílico sobre tela. 24cm X 30cm.

## O menino e o ponto de interrogação

Kelly Cartaxo Costa

Há muito tempo atrás conheci um menino muito inteligente e curioso que passava o dia a fazer perguntas a tudo e a todos. Este menino chamava-se Lucas e adorava investigar o porquê das coisas.

Um dia, uma sábia velhota que morava na Rua dos Porquês decidiu procurar o Lucas e pedir-lhe ajuda para encontrar o ponto de interrogação.

Ao chegar à casa do Lucas, gritou ao portão:

- Luuuucaaaaas, vem. Preciso da sua ajuda.

O Lucas correu ao encontro da velhota e começou a fazer-lhe muitas e muitas perguntas:

- Por que a senhora está a gritando? O que aconteceu? O que posso fazer para ajudar?

- Ando aflita a procura do ponto de interrogação.

- Anda a procura do ponto de interrogação? Para quê? E por que ele desapareceu? Onde o encontraremos?

- Moro na Rua dos Porquês e lá adoramos fazer perguntas. As crianças passam o dia a brincar de pensar e estamos aflitos porque desde ontem o ponto de interrogação sumiu e não podemos mais fazer aquilo que mais gostamos que é perguntar e pensar. Mas, não sei por onde começar a procurá-lo. – Disse a velhota.

O Lucas olhou para cima com cara de quem estava a pensar, andou de um lado para o outro e disse:

- O que é um ponto de interrogação? Por que precisam tanto do ponto de interrogação? Será que não é possível pensar e fazer perguntas sem o ponto de interrogação?

- Olha, menino Lucas. Acha que conseguiria fazer-me tantas perguntas assim sem o ponto de interrogação? – Perguntou a vizinha.

- Hummmmm...acho não. O ponto de interrogação é o sinal que indica que estamos a fazer perguntas. – Respondeu o Lucas.

- Exatamente! E por isso precisamos encontrá-lo muito rapidamente, pois sem ele ficaremos muito tristes porque uma vida sem perguntar e sem pensar é uma vida sem brilho e sem cor. – Disse a velhota.

- Não se preocupe, vamos achar o ponto de interrogação. Vou andar por todos os lugares a procurá-lo.

E assim fez o pequeno Lucas. Primeiro passou pela Rua das Flores e perguntou:



- Será que alguém viu passar por aqui o ponto de interrogação?

E todos numa só voz disseram que não.

O Lucas passou horas e horas a procura do ponto de interrogação e nada. Até que de repente apareceu o Sr. Camaleão e disse:

- Menino Lucas, fiquei sabendo que você anda a procura do ponto de interrogação.

- Isso mesmo! Sabe por onde ele anda?

- Sei sim. Eu o avistei agora a pouco pendurado numa árvore a chorar.

- Peeeeeeennndurado numa árvore, a choraAAAR?

- Leve-me, por favor, até ele. Preciso achá-lo.

De imediato, o Sr. Camaleão segurou na mão do Lucas e o levou até a árvore onde estava o ponto de interrogação. Quando lá chegaram, o ponto de interrogação continuava no mesmo lugar a chorar.

O Lucas olhou para cima e disse:

- Olá, ponto de interrogação. O que faz aí em cima desta árvore? E por que você está chorando?

- Estou aqui em cima porque subi para pensar e quando fui descer, escorreguei e fiquei preso aqui, é por isso que estou chorando.

O Lucas, com ajuda do Sr. Camaleão, subiu na árvore e com muito cuidado tirou o ponto de interrogação e disse-lhe que o levaria de volta à Rua dos Porquês.

Enquanto faziam o caminho de volta, surgiram muitas perguntas na cabeça do Lucas e de mãos dadas com o ponto de interrogação aproveitou por dizer algumas delas:

- Será que você chorou porque estava triste? Por que nos sentimos tristes? O que seria das pessoas da Rua dos Porquês se não tivéssemos te encontrado? Por que é tão bom pensar?...

Durante todo o caminho, esteve o Lucas a perguntar, a perguntar... e a pensar, a pensar...

## O HOMEM DE COSTAS

Naquele horário não existia fluxo nenhum nas ruas. O ônibus, passando de uma hora em uma hora, te deixava no seu destino e te esquecia, à própria sorte.

Ela desceu com um ar de cansaço. Sua bolsa pesava com os livros e um pote de marmita sujo. Tomou as precauções de nunca ir pela viela, embora este fosse o caminho mais rápido.

O guardinha de moto, que sempre fazia ronda no seu horário de chegada, tinha entrado de férias, para a sua infelicidade. Apertou o passo, olhando de tempo em tempo para trás, até ganhar a esquina.

Na rede, só havia mato e uma precária trilha para caminhadas, que muito raro era frequentada. À sua frente, ninguém além de um sereno rápido que se expandia. O primeiro frio na espinha veio quando sentiu que estava sendo observada. Olhou pela milésima vez para trás e notou, bem de longe, uma silhueta masculina de costas.

Apertou o passo e enxugou o suor frio que brotava na testa. Sua casa estava a duas quadras de distância daquela rua que não parecia ter fim. Praguejou por um momento enquanto tateava o chão com os olhos, à procura de uma pedra ou um pau para um eventual ataque.

Encontrou um pedaço de gaveta estendido sobre os entulhos na calçada e voltou ao seu caminho. Não queria olhar para trás, mas a ansiedade a fez dar uma espiada. A figura, agora muito mais perto do que anteriormente, deixava claro que se tratava de um homem alto, magro e careca, portando um chapéu de coco e uma roupa preta.

Pelo menos tinha uma madeira, pensou. Caso ele se precipitasse, atacaria em sua cabeça e bateria em retirada. Como gritar não funcionava, pois a rede não tinha casas dos dois lados, correu desesperadamente, sempre olhando para trás, medindo a distância entre ela e o sujeito estranho.

Ele se aproximava cada vez mais e numa velocidade que dobrava a sua, porém sem se mexer, permanecendo o tempo todo de costas. Por um momento, julgou estar louca, parando por completo, esperando acordar ou ser atacada de uma vez. Fechou os olhos e respirou fundo... um, dois, três... e, nada. Nada! Ainda estava viva, para a sua surpresa.

Quis andar; quis correr, mas suas pernas não respondiam aos seus comandos. Uma náusea fez seu corpo amolecer, mas as solas dos pés estavam bem pregadas no chão. Foi com muito custo que deu o primeiro passo, mas travou diante da lufada de ar bem debaixo do seu pescoço.

A coisa tinha uma respiração descompassada e muito pesada. Podia-se sentir seu coração batendo freneticamente. Ali, naquele momento, não restou saída a não ser encará-lo de frente. Peitar o seu inimigo de uma vez por todas e dar um basta no teatro. Virou-se bruscamente e lá estava ele; muito maior, muito mais magro. Sua pele parecia descascada de tão seca e sua estrutura tinha uma curvatura acentuada. Permanecia de costas, porém extremamente perto.

Tentou se expressar, mas sua língua se escondia de medo. Só sabia tremer e grunhir sem sentido. O homem permanecia de costas enquanto seu pescoço se contorcia lentamente. Era possível ouvir os estalos dos ossos a cada contorcida, até que a cabeça houvesse dado um giro

completo e parando de frente para ela. Sua cara era pálida e não tinha um olho, parecia ter sido acertado com um facão ou algo assim, deixando-o com uma cicatriz enorme. Ficou ali, observando-a em silêncio enquanto os braços seguiam a direção da cabeça, permanecendo com o busco e as pernas na posição original.

Pela segunda vez, suas pernas fraquejaram, chegando a desmoronar, mas foi amparada pelas grandes mãos que a colocou de pé, retomando a consciência. O horror toma conta do seu ser. Estava a sós com aquela criatura diabólica, completamente sem proteção. Até a madeira que havia apanhado, deixara cair, longe do seu alcance.

Se entregou ao momento, pois não tinha escolha. A criatura, com suas mãos fixas em seus ombros, a ergueu sem dificuldade, passando a língua em seu rosto, que mais parecia uma cobra de um metro e meio de comprimento. Colocou-a de volta no chão e voltou a observá-la.

Enxugou o rosto, completamente sujo e tentou escapar, se debatendo contra o ser estranho, contudo suas forças já tinham ido, junto com a sua voz. De forma brusca, a criatura arrancou seus olhos e os comeu. O corpo pendeu, caindo sem vida. A criatura arrastou-a para o meio do mato, cheirando o cadáver sem parar e lambuzando o caminho de sangue que havia se formado.

A névoa da noite chegara, e com ela, ele se foi para sempre. No outro dia, o fluxo de sempre voltava e uma mãe caminhava com o seu filho, para a escola, quando encontrou a pobre moça, já em decomposição. A polícia e o IML foram acionados. Muitos curiosos rodeavam o corpo coberto por um saco preto. No outro lado da rua, foi encontrada sua bolsa, semi aberta, o celular e os livros com sangue.

- Estuprada, concluíram.

- Ele pegou mais uma tadinha... Disse um dos curiosos.

- Mais uma? - perguntou o policial.

- Sim. É aquele maníaco que a gente sempre dá queixa para vocês. Não se lembra não? respondeu.

- Ah, sim, estou me lembrando.

- Bom, pelo menos a polícia vem para recolher o corpo. Duro mesmo era nós ter que enterrar o cadáver.

\*\*\*\*\*

Leonardo Fernandes Landim, 22 anos, natural de São Paulo,

advogado, empresário e aprendiz de escritor.

Acredito no poder das palavras e fiz delas a minha morada para me proteger nos tempos sombrios.

Minha experiência com os livros sempre foi íntima, desde o primeiro contato, no primário. Nunca considerei um hobby ou passatempo.

Os livros me salvaram de convites traiçoeiros, de pessoas maldosas e de uma vida ofuscada pela ignorância, reservando a mim, uma cadeira na roda dos aprendizes e questionadores.

Nunca parei de ler e, com o tempo, veio a necessidade de expor as minhas ideias e contar a minha história. Esse é o caminho de todo leitor devoto. Não desperdiço uma linha sequer.

No mais, estou sempre aprendendo, infinitamente, até o último dia nesta roupa, na esperança de um dia, quiçá, ensinar algo aos meus semelhantes.

Leonardo Fernandes Landim

[landim.leonardo0607@gmail.com](mailto:landim.leonardo0607@gmail.com)

## **O Ladrão**

Quando Arthur entrou sem ser convidado, não só roubou o coração de Anna como também seu amor-próprio, sua dignidade. Quando passou a maltratá-la de uma forma abusiva os maus tratos era tanto físicos como psicológicos, não sabia como sair deste poço de negatividade que havia virado a sua vida, por isso certa noite o matou, chorando pega a mão dele já sem vida coloca o revólver nela, segura na sua mão, leva a arma ao seu ouvido, antes de apertar o gatilho disse:

-Há muito que estou morta, aliás, estou morta deste o infeliz dia que nos conhecemos. Esse será a penas o tiro de misericórdia.

Aperta o gatilho, sua mão e a dele, pendeu em cima da cama. Três dias depois os vizinhos chamam a polícia por causa do mau cheiro que saía da casa. Ficaram sem entender como havia dado os fatos porque em ambas as mãos dos cadáveres havia pólvora. Uma morte que até hoje intriga a justiça.

**Lucimar Alves**

## A capela do monte

Gostava de lugares bastante altos, de preferência no topo das montanhas, onde pudesse estar à vontade e observar tudo à sua volta, as pessoas, fauna, flora e tudo mais que tivesse o privilégio de ver e melhor idealizar, pois o que não conseguisse recolher visualmente, sempre poderia imaginar. Assim, para alargar horizontes, resolveu construir uma capela bem no cimo do monte, dos mais altos que por ali sorria à plena envolvência, não se esquecendo de colocar uma bela imagem sua numa das paredes. Guardou em especial um lugar interior só para si, onde pudesse descansar, reflectir o necessário e orar sem restrições, na companhia do vento, ouvindo-o no cativador diálogo e pensando consigo. Mas nem sempre a própria interiorização tinha contextos positivos, uma vez que aconteciam longe, mas com a sua percepção, numerosas perdas, conflitos, disputas e naturais dores que tinham infeliz existir, socorrendo-se das suas orações para tentar que houvesse uma mudança definitiva para o lado do bem que fosse duradoura. Enquanto isso, havia quem a visse à distância ou intuisse sobre o seu real paradeiro e rezasse com ela, ainda que o conversar na presença do vento, fosse mais eficaz no topo do monte, onde se ouvia melhor o seu caminhar, por vezes em forte ventania, ao redor da capela, sempre pronto a cumprimentar com reverência a senhora e estar na sua companhia durante algum tempo, situação repetida todos os dias. Era quase uma veneração em culto para com ilustre habitante do monte, de quem estava mais para baixo, distante no acesso, mas bem perto na devoção, tal como o vento que ela sempre ouvia silenciosamente quando não conversava com ele. Crianças algumas até pediam aos seus pais se não seria melhor arranjar-lhe um companheiro para não viver tão sozinha, ao que a resposta não tardava na certeza de não ser preciso, uma vez que sozinha ela nunca estava, devido à companhia de toda a gente, a rezar com ela ou apenas sabendo da sua vivência com a proximidade constante do vento, esse notável ouvinte, quando não for ele a dialogar, para a senhora o ouvir tranquila e sossegada.

Luís Amorim



Sou Maria Lefèvre, moro no Rio de Janeiro e sou formada em Letras, Português-Inglês, pela UFRJ. Trabalhei como professora de inglês e, depois fui revisora, tradutora e intérprete no Ministério da Aeronáutica. Quando aposentada, tive tempo para botar no papel o que me vinha à mente, e a dar vazão a minhas inspirações, escrevendo e fazendo poesias. Publico meus textos e poesias no site Recanto das Letras, sob o pseudônimo de Luna Mia, e já participei de algumas Coletâneas e Revistas literárias e daqui da Barbante e da Danda. Grata pelo convite, Juli. Espero que gostem do que escrevo!

## **DOIS LUGARES NA MESA**

Todos os dias, há dois anos, ela sonhava com ele. Eram noites tórridas de grande erotismo, ou de amoroso companheirismo. De manhã ao despertar, dava um beijo em seu retrato e ia pra cozinha preparar o café para eles... dois lugares na mesa... o dia às vezes custava a passar, mas ela logo se envolvia em alguma atividade... donas de casa têm sempre o que fazer. Um dia, porém, ele lhe apareceu de modo diferente em seu sonho, e lhe disse: “Meu amor, sei que você vai sofrer, mas será melhor assim... você tem que aceitar e encarar a realidade... eu morri... veja como foi; e dizendo isso, mostrou-lhe as imagens de seus últimos momentos, o instante exato em que teve o infarto fulminante. Minutos depois, ela acordou desesperada, banhada em lágrimas e em lágrimas banhada ficou o dia todo e a noite toda também... não comeu, nem tomou banho, mal dormiu... deixou-se ficar na cama.

No dia seguinte, agarrou-se desesperadamente ao travesseiro dele, beijou-o aos prantos, mas, depois de um tempo, conseguiu se despedir. Levantou-se, arrumou todas as roupas e as coisas dele, chamou o Exército da Salvação e entregou-as a eles. Daquele dia em diante, seus sonhos com ele cessaram e ela mergulhou num longo período de silêncio e luto... de manhã arrastava-se, mas já não preparava o café dele, só o dela... mesa só pra um. Seis meses se passaram e o

antidepressivo começou a fazer efeito. Um dia, deu-se conta de que ele tinha morrido, não ela, embora parecesse meio morta. Decidiu, então, mudar as coisas. Como gostava de dançar e se exercitar, matriculou-se numa aula de zumba e foi dançar a vida que ainda tinha pela frente...

## **Luna Mia**

Ouvindo Stardust --- Nat King Cole --- trad.

<https://youtu.be/X7HzJgbgVOA>





**Marcus Vinicius Bertholini Rios** nasceu em Iúna, Espírito Santo, em 1958. filho de Romeu Rios Vereador e Prefeito de Iúna - ES - e Thaiz Bertholini Rios, formou-se em Técnico de Contabilidade na antiga Escola de 1º e 2º Graus “ Henrique Coutinho”, Funcionário público estadual há 38 anos, é Bibliotecário da EEEFM.” Henrique Coutinho “, hoje encontro-me aposentado na Graça de Deus. Escrevo poesia desde 1983, emergindo minha inspiração das histórias de amor trançadas por Castro Alves e Jorge Amado, autores de sua maior admiração. Membro fundador da Academia Iunense de Letras, e ocupa a cadeira número 30 da Academia de Letras de Iuna, cujo patrono é Priama Rios Vieira de Souza.

\*\*\*

## **O DESAPARECIMENTO DA NATUREZA**

O ser humano, por via de regra, neste meio inculto em que vive, vai aos poucos se embrutecendo e se achando que é o senhor de tudo em sua volta, e vai fazendo o que bem entende de fazer, sem preocupar com o amanhã.

Ele nunca vai ver que ao seu derredor a natureza não é respeitada e tudo que Deus criou e colocou ao nosso dispor para que a cada dia nossa existência pudéssemos usufruir com respeito, dignidade e muita sabedoria.

Quantas espécies de animais até hoje desapareceram e foram extintos para sempre deste mundo que o homem na sua louca caminhada em busca de riqueza e progresso nunca pensou no amanhã de seus filhos e dos filhos de seus filhos, o que eles querem realmente agora é riqueza para poder viver uma vida de ostentação e safadeza.

Nossa fauna e flora são diariamente sacrificadas de maneira criminosa, porque o homem nunca vai enxergar e não vê a verdadeira finalidade de sua existência, pois ele somente em tornar-se cada vez mais rico e mais poderoso.

Se isto não parar em definitivo, quem sabe amanhã a gente ou nossos filhos não irão ver fabricarem novos rios, novas árvores ou quem sabe eles estão pensando que no futuro terão poderes para volverem a terra que hoje eles continuam a destruir com muita crueldade e ganância.

Temos que dar um basta em tudo isto, para que amanhã não venhamos a sentir falta do rio, das matas, dos bichos e dos pássaros juntamente com tantas outras vidas que estão sendo destruídas por causa do ouro, diamante e esmeralda.

Hoje os Índios Yanomami estão sofrendo na pele a destruição dos rios que os garimpeiros eirós fazendo em busca de ouro, jogando no rio veneno que aos poucos vai contaminando os rios e quem sofre é o povo indígena que bebem desta água, cozinha com elas e estão morrendo aos poucos, ficando somente com pele e osso.

Acorda Brasil, vamos dar um basta nisto, não podemos deixar que continuem com esta destruição louca em busca de riqueza e matando as pessoas por causa de dinheiro e mais poder para poderem ostentar.

### **Comendador Marcus Rios**

Poeta Iunense – Acadêmico -

Membro Efetivo da Academia Iunense de Letras (AIL)

Membro Efetivo da Academia Marataizenses de Letras

## Cadê o recheio do meu lanche, que estava aqui?

No ano de 1931, por meio do decreto 19.7890 de 18 de abril, o então Chefe do Governo Provisório do Brasil, Getúlio Vargas, instituiu a Reforma Campos, tornando obrigatório o exame de admissão ao prestigiado Colégio Pedro II, e posteriormente estendido ao antigo ginásio, em todas as escolas secundárias oficiais do país. Este exame obrigatório perduraria até 1971, e foi instituído devido ao fato de não existirem vagas suficientes para atender a demanda, selecionando assim, as crianças que tivessem maior conhecimento de português, aritmética, história e geografia, principalmente do Brasil. Dessa maneira, existiam cursos preparatórios para esse exame, semelhantes aos cursinhos preparatórios para os vestibulares de ingresso nos cursos superiores. Com o investimento do governo para a construção de mais escolas e salas de aula, esse exame já não era mais exigido em algumas escolas, até mesmo antes de 1971 .

Na década de 1960, já morávamos em Vila Galvão, em Guarulhos, vindos de Mirandópolis, município do noroeste paulista. A minha irmã, depois do Curso Primário (atual Ensino Fundamental I) começou a frequentar o curso preparatório para o exame de admissão, em uma casa localizada em uma chácara, no bairro Vila Nilo, primeiro bairro da Capital a partir do município de Guarulhos, separada pelo Rio Cabuçu. A chácara ficava em frente à estrada de ferro Tramway da Cantareira, onde passava o trem que inspirou Adoniran Barbosa a compor a música Trem das Onze. Ela ia de Vila Galvão até Vila Nilo e levava além do material escolar, um lanche preparado pela nossa mãe, normalmente um lanche com fatias de pão e algum recheio. A chácara tinha muitas árvores grandes, que chegavam a sombrear até mesmo a calçada.

Em uma ocasião, a minha mãe tinha doce de casca de pomelo cristalizado em casa, e ela colocou no lanche da minha irmã, um pedaço do doce entre duas fatias de pão filão, como era chamado.

O pomelo foi descrito pela primeira vez no século XVIII nas ilhas do Caribe, especificamente em Barbados, e não há relatos de que o mesmo era conhecido no Oriente, antes dessa data. Acredita-se que o pomelo seja resultante do cruzamento natural da toranjeira com a laranjeira doce. O pomelo produz frutos enormes, que podem chegar a pesar mais de um quilo.

Pois bem, a minha irmã, no intervalo das aulas, pegou o seu lanche e foi mordendo as fatias de pão, e nada de chegar no recheio; sentia somente o açúcar cristal. Quando ela abriu as fatias de pão, o recheio tinha desaparecido, olhou para o chão, para verificar se tinha caído e nada, mas ao olhar dentro da lancheira, o doce cristalizado de pomelo, estava lá no fundo. Logicamente, ela colocou o doce no meio das fatias de pão e saboreou o lanche.

Chegando em casa, ela contou o que havia ocorrido a todos nós e rimos muito daquela

situação. Assim, todas as vezes que vejo o doce de pomelo cristalizado, esse episódio vem à minha memória.

Massanori Takaki

Gramado - RS

Biografia: Graduado em Ciências Biológicas pela UNICAMP, com mestrado e doutorado pela UNIFESP, e pós-doutorados na Universidade de Wageningen, Holanda. Tem especialização em Cinema e Linguagem Audiovisual e MBA em Jornalismo Digital pela Universidade Estácio de Sá.

## O BEZERRINHO

Fim de tarde no terreiro, o pai a tirar as perneiras, o filho chega eufórico gritando.

\_ Papai, acabou de nascer um bezerro!

\_ Puxa, que beleza! É bonito?

\_ É lindo, pintado de vermelho com branco. Vou cuidar dele todos os dias.

\_ Ah, muito bem, mas amanhã é dia de voltar à cidade, de voltar à escola.

O menino voltou-se para o pai com a cara de choro e não demorou muito para cair em prantos e foram muitos os pedidos para que não retornasse a cidade.

\_ Pai, eu quero ficar com a mãe.

\_ Ah, sei. Ainda bem que você gosta de sua mãe, por que ela também gosta muito de você. Amanhã é domingo, ela vai pegar uma galinha bem gorda e fará o nosso almoço. Dá tempo de você brincar um pouco e cuidar do bezerro. E nas férias quando você voltar, ele já vai estar grande, pronto para ser montado e você vai amansá-lo.

Aquele fim de tarde foi triste, não adiantou convite para ver e pegar no bezerrinho que trouxesse alegria ao rosto do garoto. No início da noite, mais choros e a manhã seguinte chegou correndo, o relógio disparou...

Tudo pronto, carga nos animais e não demorou muito para que o silêncio e a dor de voltar à cidade fossem quebrados pelo o trotar dos cavalos.

Embalados pelos trotes e o ranger das montarias, entre pai e filho surgem às primeiras conversas.

\_ Pai, que pássaro é aquele?

Perguntou o menino apontando para uma faveira inteiramente florida.

O pai disse que o pássaro era raro.

\_ É uma inhuma e deve estar perdida.

A conversa foi crescendo entre os dois e o pai contou muitas histórias de bichos, de pega de boi, visagem que aparecia pelos caminhos e até de homem que virava lobisomem.

A conversa já estava longa, quando o pai diz:

\_ Olha tá ouvindo o barulho dos carros? Já estamos quase chegando. O caminho foi longo, mas daqui uns tempos tudo será perto.

O pai queria animar o menino, ou então queria que este sonhasse com a mudança de vida.

\_ Não vai demorar muito e você estará nestes caminhos, no seu próprio carro e a viagem vai

ser rápida.

O menino não deu a menor atenção na fala do pai, sabia apenas que o bom da vida tinha ficado pra trás e na frente somente a tristeza da cidade e a saudade da mãe.

O pai lia o desânimo na cara do menino, mas não ligava e continuava a falar dos sonhos. Naquela conversa ele acreditava não apenas em seus sonhos, mas tinha convicção de está criando no filho o desejo de acreditar na vida e superar desafios.

\_ Pai, você vem me buscar no fim de semana?

\_ Será que o bezerrinho vai ser mamador e a mãe dele boa de leite?

O menino queria dá outro tom para a fala do pai, já que todo aquele converseiro lhe trazia a tristeza e plantava um pouco de medo em seu coração. Porém, a litania do pai era a mesma:

\_ Escola é uma riqueza... É liberdade!

Joãozinho retorcia-se, fazia gargarejo, mas nada mudava o tom da conversa do pai que falava praticamente sozinho.

\_ Quem não vai a escola não sabe de nada...

O silêncio voltava a tomar conta do menino. O pai não ligava, continuava a falar da riqueza que existia na escola. Dizia que a escola dava liberdade às pessoas.

No fundo o menino sabia que o pai tinha razão, mas ele não queria falar de escola e nem das vantagens dos estudos. Queria apenas conversar um pouco mais sobre coisas do mato, sobre bichos e principalmente sobre o bezerrinho. O pai conversou praticamente sozinho, boa parte da viagem. E em meio a tantas perguntas Joãozinho apenas respondia com a voz fraquinha.

E o pai emendava mais e mais coisas da escola...

Na cabeça do pai só existia escola, ele tinha certeza que escola era lugar de fazer gente...

Tudo aquilo mexia com o menino que permanecia calado e deixava o pai falar, até porque no fundo ele gostava de ver aquele leve sorriso na cara do pai, quando falava da escola.

Joãozinho não sabia como entrar na conversa do pai, até que num momento, franziu o rosto e tirou o pigarro da garganta. E perguntou:

\_ Tá perto de chegar, pai?

\_ Tá, filho.

\_ Você tá cansado?

\_ Não!

O pai olhou para Joãozinho e sentiu que ele queria outra conversa:

\_ João, sábado que vem o bezerrinho já vai estar duro, pulando muito e a mãe dele vai dá muito

leite.

\_ Verdade, papai? Falou o garoto já esboçando um pequeno sorriso.

\_ Verdade. E sábado, eu venho te buscar, para você montar nele.

Joãozinho sorriu.

FIM

Meridalva Gonçalves de Sousa

## A garota inútil

Mônica Beatriz

Certo dia, uma garota percebeu que não servia para nada, e, assim sendo, decidiu morrer. Sua mãe chorou e implorou, mas a menina não lhe deu ouvidos.

— Não adianta, mamãe — falou, teimosa. — Eu não faço nada direito, exceto por ensopados. Você ficará melhor sem mim.

E saiu de casa em busca de uma morte apropriada. Recusava-se a morrer de preguiça, como diziam que sua vizinha fizera.

Andou por um dia e uma noite sem cessar, até que seus pés começaram a sangrar. Como não queria sangrar pelos pés até a morte, resolveu descansar na próxima estalagem que encontrasse. Para sua sorte, uma apareceu poucos quilômetros depois.

Entrou e pediu um quarto pelo dia, mas a garota percebeu um importante detalhe ao ouvir o preço da estadia:

— Veja, moço; como o propósito da minha viagem é morrer, não trouxe dinheiro comigo... — E começou a chorar. — Eu sou tão inútil! Não consigo me lembrar nem de carregar dinheiro!

Aflito com as lágrimas, o estalajadeiro disse que ela poderia pagar cozinhando o jantar daquela noite. Sua esposa estava de cama, ele só sabia fazer sobremesas e os hóspedes não podiam ficar sem comida.

— Bem — falou a menina, enxugando os olhos com o lenço que o homem lhe empurrara, — em toda a minha vida eu só consegui aprender a fazer ensopado, então posso tentar.

Foi guiada para a cozinha, de onde só saiu após terminar três panelas de ensopado: um de boi, um de galinha e um de vegetais. Descansou o restante do dia, enfaixou os pés e seguiu caminho antes da estalagem encher.

À noite, tudo o que cozinhou foi devorado e os visitantes exigiram mais. O estalajadeiro explicou, nervoso, que quem fizera os ensopados fora uma garota que declarara ser inútil e estar em uma jornada para morrer, mas que ficaria feliz em contratá-la como cozinheira se alguém a encontrasse.

Três jovens príncipes com poderes mágicos se ofereceram, por curiosidade, e foram atrás da menina que procurava a morte. Encontraram-na rapidamente — havia parado para dormir na beira da estrada —, mas, antes de levá-la, resolveram aplicar-lhe um teste. O mais velho dos três se transformou em um mendigo idoso. O do meio, em um bezerro machucado. E o mais novo se escondeu para interceder no momento combinado.

O mendigo se aproximou da garota inútil e tentou falar, apenas para ser interrompido por um acesso de tosse. Ela acordou com o barulho.

— O que tem, senhor?

— Ah, minha filha — respondeu ele, com um fio de voz. — Uma febre... uma tosse... uns espirros... um frio...

A menina torceu as mãos, preocupada.

— Não sei curar o senhor. Sou uma imprestável sem propósito, só sei fazer ensopado.



— Ensopado? Eu aceitaria um ensopado, aceitaria sim — afirmou o velho.

— Então farei ensopado! — exclamou a garota.

E neste momento apareceu mancando um bezerro completamente branco, exceto pela pata manchada de sangue. Os olhos cheios de veias do velho aumentaram com gula.

— Veja, veja! Aí está o nosso ensopado!

Mesmo pensando que era uma pena matar uma criatura tão bonita, a garota pegou uma grande pedra e preparou-se para abater o bezerro; mas o animal se encolheu, puxando a pata machucada para si.

— Por favor, senhorita! Não me transforme em ensopado! Sou jovem demais!

A garota abaixou a pedra e olhou o bicho com curiosidade.

— Não sabe que quando crescer virará ensopado de qualquer modo? — perguntou.

O bezerrinho concordou com um gesto de cabeça.

— Sei. Mas não concorda que ainda sou muito pequeno para morrer? E, além do mais, estou magro e machucado! Serei um prato decepcionante — argumentou, triste.

— Tem razão! Posso ver suas costelas! — Observou a garota. Com seus grandes olhos lacrimosos e expressivos, o bezerro pediu:

— Pode pelo menos cuidar do meu ferimento e me arranjar alguma comida antes de me devorar?

Antes da menina responder que não sabia cuidar de feridas, pois era um desperdício de espaço que só sabia fazer ensopados, o príncipe mais novo se transformou em uma loba e pulou no pescoço do bezerro. O velho e o bezerro gritaram, mas a garota inútil se conteve e levantou novamente a pesada pedra.

— Afaste-se dele, loba! É o meu ensopado! — exigiu, tremelicante. A loba rosou, agressiva.

— Afaste-se você, humana. Dois dos meus filhotes já morreram e o último também o fará se não for alimentado logo.

A menina abaixou a pedra, curiosa.

— E deixou seu filhote sozinho? Outro animal pode devorá-lo, não sabe?

— Sei. — Os olhos amarelos lupinos passaram a implorar. — Não conseguirei carregar este bezerro até ele sozinho. Não pode me ajudar?

A garota inútil olhou de um para outro. Cozinhar para o velho, cuidar do bezerro ou carregar para o lobo? Queria ajudar os três. Pena que era impossível para alguém como ela, que estaria melhor morta. Só o que sabia fazer era ensopado...

Soltou a pedra e começou a juntar galhos, apressada.

— Rápido, loba, traga seu filhote! Não temos muito tempo!

Mesmo sem entender, a loba saiu correndo. A menina inútil se virou para o velho e o bezerro.

— Você — disse para o velho, tirando o casaco e colocando-o em seus ombros. — Vista isto para se aquecer e depois traga água do riacho. E você. — Acenou para o bezerro. — Venha

aqui.

O velho tirou uma panelinha de seus trapos, que trouxe de volta do riacho cheia até o topo. Enquanto isso, a menina desenrolou as faixas dos próprios pés, limpou e enfaixou o machucado do bezerro o melhor que pôde. Quando terminou, montou uma fogueira e mandou o velho acendê-la, sabendo que se tentasse só iria se queimar. No meio tempo, saiu com o bezerro pela floresta em busca de plantas comestíveis.

Quando a loba voltou com uma trouxa de roupas na boca, o cheiro de um delicioso ensopado de cogumelos e raízes enchia o ar. A garota, animada, contava sua história:

— ...E então decidi que deveria morrer. Trouxe um pouco do meu tempero especial comigo para lembrar que só sei fazer ensopado... E por causa disso me esqueci do dinheiro! Sou mesmo um fardo que— Ah, é você, loba!

O príncipe-loba fez uma pequena magia e animou a trouxa para fazê-la passar por um ser vivo. A garota inútil não notou.

— Venha para perto do fogo, pequenino — convidou, sorrindo.

A menina, o velho, o bezerro, a loba e o filhote comeram todo o ensopado e ficaram satisfeitos e aquecidos. Quase sem acreditar que conseguira resolver a situação, a garota sorriu, feliz. Os três príncipes se entreolharam e voltaram à sua forma original, enquanto a trouxa voltou a ser um amontoado de pano.

— Você passou no teste — falou o mais velho, para a surpresa menina. — Demonstrou inteligência e gentileza. Como recompensa, ofereço-lhe uma morte honrosa e heroica pela qual será lembrada para sempre.

— Você é admirável, de fato — constatou o do meio. — Resolveu nosso quebra-cabeça com apenas um ensopado. Como recompensa, contarei da sua genialidade culinária para todos e assim enriquecerá, morrendo em luxo e conforto.

— Não posso fazer mais do que concordar com meus irmãos. — Sorriu o mais novo, que se apaixonara por ela. — Mas gostaria de lhe dar um motivo para viver. Por que não se casa comigo?

Ao ouvir as palavras do príncipe-loba, a garota inútil ficou tão feliz, mas tão feliz, que morreu.

Galiano deixou de lado o livro que tentava ler, perscrutou profundamente dentro e além das dunas, ruínas, rochas, e imaginou se um dia conheceria as cidades que existiam além do mar de areia branca, onde a sua visão humana não conseguia alcançar.

O sol, vermelho no entardecer, feria os seus olhos e caía lentamente.

Preferia sentar-se na distância das dunas, onde era pleno e o mundo era seu, e, se a experiência humana é marcada por uma inescrutável solidão, um inteiro universo selado nas limitações do corpo, a ausência de vozes era como o ar fresco depois da asfixia. Naquele momento, sem No pulso não tinha relógio, somente dentro das fábricas sabia a hora exata, minutos e segundos. Tomou a si mesmo como exemplo, perguntou-se qual era o seu lugar na história da humanidade. Para muitos que viveram e já se foram, ele era *o futuro*. Um homem do amanhã. Muitas pessoas do passado sonharam um futuro: tecnológico! Se é futuro tem que ter tecnologia! Igualitário, sim, pois um porvir que se preze deveria ser de tal modo, sem diferenças raciais, sem discriminação de gênero, ricos ou pobres.

algum motivo aparente, parou e ponderou sobre a natureza do tempo.

O tempo.

Aqueles que viveram em tempos antigos classificariam a contemporaneidade como ficção científica? Talvez moderna? Se assim fosse, como julgariam o tempo de Galiano? Teria a modernidade cumprido com as suas promessas de igualdade, justiça e prosperidade para todos? Ele sabia que a resposta era não. Poderia existir uma sociedade sem estruturas de poder? Algum dia ocorreria a transformação/revolução social tão almejada? Não sabia, apenas questionava e esperava.

Naquele exato momento, tinha os mesmos anseios dos homens do passado, era uma síntese do mundo à sua volta e da história da humanidade, vivia no presente e sonhava o futuro como um lugar de justiça e conforto, onde todos os males do mundo estariam sanados. Será que um dia tal destino se concretizaria ou existia somente na mente dos sonhadores e dos oprimidos?

As dunas, em forma de corpos jacentes, estendiam-se em todas as direções. Mas ele não conseguia ver o lado oeste, pois a grande cúpula espelhada cobria-lhe a visão e queimava os seus olhos. No fim da tarde, o reflexo solar acendia o domo e o fazia brilhar como uma joia gigante no deserto.

Galiano sopesou o livro, pensou em colocá-lo na calça de operário, mudou de ideia, folheou as páginas, acomodou-se de costas para o vento e começou a ler. Tinha muita habilidade com as letras, mas o texto era complexo e exigia atenção. Fixou o olhar nas palavras e deixou-se invadir pelas ideias, como quem, diante de um pão apenas saído do forno, aprecia a cor e perde-se nos aromas.

Por cima da sua cabeça, passou trovejando um cargueiro espacial. Vinha de dentro da redoma, tinha o externo coberto por uma couraça da cor do cobre, as turbinas ao máximo, a fuselagem trêmula. Galiano deixou o livrinho cair de suas mãos, encarou a gigantesca espaçonave de aço. Páginas folheadas pelo vento.

Ganhando quota, o cargueiro parecia parado, imóvel no firmamento, assim como o sol na sua descida, demonstração de como, para as grandes coisas, o tempo passa em câmera lenta. Contudo, mesmo parecendo estático, o sol eventualmente se punha, e a espaçonave logo es-

taria sobre as nuvens, indo para algum lugar, distante dos seus olhos, da redoma, do subúrbio dos humanos.

Pensou que provavelmente nunca entraria em um veículo espacial, nem saberia para onde vão e o que carregam, e que, se um dia conhecesse as entranhas de um desses cargueiros, seria porque o azar veio bater à sua porta e embarcaria como escravo.

O som de passos na areia interrompeu o rumo dos seus pensamentos. Três homens cobertos por túnicas feitas de saco subiam a duna, apenas os olhos despídos. Um deles gritou, não era necessário, o rombo do motor da nave era constante, mas distante, como música ambiente.

— Você não voltou — lamentou-se Jano. Por causa da areia, cobria o rosto com as mãos enquanto falava, tinha olhos sujos e mãos tristes

Galiano se virou, fez cara de quem não se importava.

Rafael, rapaz muito magro, sorriu com seus dentes podres. Admoestou:

— Você precisa aprender a viver!

O terceiro, Timóteo, tinha completado trinta e cinco anos e se considerava muito maduro.

Olhou criticamente para Galiano, manifestou-se em tom professoral:

— Precisa entender que é melhor pouco do que nada!

Galiano apenas o encarou, nada disse ou fez. Jano acrescentou:

— Eu tentei, mas não me deram a sua ração na saída. A gente insistiu, falaram que você não trabalhou o turno completo.

Acometido por uma súbita ira, Galiano chutou um monte de areia. Disse com dentes estriados:

— Quer dizer que trabalhei de graça hoje? Não volto mais *praquela* merda!

Timóteo cobriu a face para proteger os olhos da areia.

— Não existe mais você e a fábrica — vociferou —, você foi cortado. Não vai receber nem para pagar os impostos desse mês. Sei não, seu pai não trabalha, você sem emprego, vocês não podem viver com o que sua irmã ganha, Galiano, acorda!

Com um único movimento, Galiano recolheu o livro que jazia aos seus pés. Escorria areia como se o opúsculo e o mundo fossem dois lados de uma ampulheta.

Rafael apontou para o livro de onde fluíam os grãos do tempo:

— O que é isso?

Não obtendo resposta, começou a rir e a dizer:

— Desde quando você sabe ler? Que idiota!

Galiano se virou em direção à redoma de aço e começou a descer a duna. Dobrou o livro descuidadamente, colocou-o no bolso.

— Onde pensa que vai? — Jano gritou, tentando segurá-lo pelo braço.

— Pra casa. — Respondeu seco, enquanto se desvencilhava.

Os demais, então, puseram-se a caminhar duna abaixo ao lado de Galiano. Rumavam na direção da redoma, mas não entrariam nela, na grande metrópole que existia no seu âmago. Nenhum dos quatro jamais havia conhecido o seu interior. Iam para suas pequenas casas de madeira apodrecida e precária fiação elétrica, sem esgoto ou água encanada. Viviam à sombra da cúpula espelhada, em uma também grande cidade, só que não era de arranha-céus de aço e ruas de mármore, e sim de barracos e palafitas, onde as dunas secas se tornavam um imenso esgoto a céu aberto.

— Ei, espere, Galo! — pediu-lhe Timóteo. — Não vi você na capelinha, o que aconteceu?

Replicou, aumentando o passo, adiantando-se aos demais:

— Há mais de um mês não vou à capela e só agora você nota?

— O que está acontecendo com você? Queremos o seu bem!

Galiano parou de andar. Os quatro apenas ficaram em pé, lançando a sombra dos seus perfis

crepusculares contra a parede do primeiro barraco.

Lá no alto, uma escotilha se abriu na superfície da cúpula e cuspiu mais um cargueiro, suas turbinas vermelhas no cair da noite. Timóteo continuou aos gritos para que sua voz superasse o estrondo causado pela espaçonave:

— A igreja é o melhor lugar pra você nesse momento.

O sol se pôs, as sombras se apagaram.

— Nunca mais colocarei os pés numa igreja! Por que precisamos ir? E em seguida temos que voltar para as fábricas. O povo da metrópole não trabalha aos domingos. Por que eu também não posso descansar?

Timóteo insistiu:

— É por isso que você precisa da Igreja. Precisa livrar a cabeça de todos esses pensamentos.

— E escutar todos os mesmos sermões? — Contrapôs Galiano, gesticulando com as mãos.

— Eu não quero isso, quero mais, quero, por exemplo, não trabalhar aos domingos!

— As escrituras — prosseguiu Timóteo — são um assunto sério. Os Deuses, na sua infinita sabedoria, criaram os humanos para servir ao povo da metrópole. Você deveria ser grato pelo dom da vida, ao invés de pretender um lugar que não é seu.

— Nem todo mundo acredita nesses contos de fada. Existem cidades e países onde os humanos não servem ao povo da metrópole.

— E você sabe como são essas sociedades? Como são esses países? — rebateu Timóteo. — Vivem praticamente na mesma condição que nós, se não pior, e são lugares infestados de crimes, violência... E eles vivem afastados dos Deuses!

— Isso é você que está dizendo! Você, Timóteo, simplesmente não sabe. Por acaso, já esteve nesses lugares? — Galiano enfiou-lhe o dedo na cara e o desafiou: — Pelo que sei, eles podem até viver melhor do que o povo da metrópole.

— Sim, estou dizendo. Tenha paciência, Galo! É preciso ser humilde e aceitar o que os Deuses nos deram.

— Humilde! — repetiu Galiano, irônico. — Como se você fosse humilde. Acha que eu não sei que nos convida pra assistir aos esportes na sua casa somente pra mostrar seu aparelho e se sentir o bem-sucedido?

— Foi um presente da esposa do patrão da minha mulher. Serve pra lhe mostrar como os habitantes da metrópole não são monstros! São pessoas normais, como eu e você, entende? Você precisa entender qual é o seu lugar. — Timóteo respirou fundo. — Olha, Galo, eu sei que o capataz pode ser um idiota e vim até aqui oferecer um ombro camarada e, também, pra colocar um pouco de juízo na sua cabeça. Tenho quase idade pra ser seu pai, mas pelo visto você não quer ouvir ninguém. Olha, preciso ir, tenho mais o que fazer. E vocês? — disse, referindo-se a Rafael e Jano. — Vêm comigo?

— Sim, até mais, Galo! — Jano lhe deu um tapinha no ombro.

— Até, Galo! — Rafael se afastou.

Timóteo se foi sem dizer mais nada.

Galiano mergulha um olhar parado na noite do deserto. Deseja correr em direção ao ignoto, lançar-se no mundo, tentar a sorte, disparar rumo à aurora de um novo tempo. Acontece que a pobreza é como um buraco negro, quando se entra no seu campo gravitacional é difícil escapar. Derrotado, cansado, faminto, o jovem operário desempregado abaixa a cabeça e retorna para o horizonte de eventos de onde não consegue fugir, o seu barraco.

## Lição de Vida

Nos rincões e sertões desta terra a vida nunca é fácil.

Nestes lugares muitas pessoas padecem com a fome, com falta de infraestrutura, com a falta de condições para o desenvolvimento da população e com a falta de uma boa educação.

Nestes lugares as pessoas se contentam com pouco, se conformam com a falta do básico e as famílias geralmente são numerosas. Na maioria das vezes não têm noção de métodos contraceptivos e a libido parece que é proporcionalmente inversa à instrução e cultura.

Eu nasci num destes lugares abandonados pelos governantes, sem perspectiva, sem esperança. Nasci nos anos 1970. Eu sou o primeiro filho da família. E atrás de mim, uma turminha grande. Quando eu tinha doze anos minha mãe já tinha parido dez filhos. Alguns deles não sobreviveram. Algumas vezes ela teve aborto espontâneo, provavelmente devido às condições de sobrevivência. Muitos já nasciam fracos e viviam poucos dias. E meus pais continuavam fazendo filhos. Ao todo, minha mãe pariu dezesseis filhos. Apenas oito sobreviveram.

Na minha infância eu sempre sonhava com uma vida melhor. Sonhava estudar e ser um dia um doutor. Acho até que sobrevivi de teimosia e pela vontade de realizar meus sonhos.

Na região tinham muitas fazendas e os proprietários, que muitas vezes ainda eram chamados de coronéis, sempre passavam pelo nosso vilarejo. Eu ficava olhando aqueles lindos carros e caminhonetes e sonhava um dia ter um daqueles.

Quando cheguei na idade escolar eu fui matriculado em uma escola rural que tinha ali. Eu precisava ir a pé. Um quilometro e meio pra ir e um quilometro e meio pra voltar. Mas eu não faltava às aulas por dois motivos: lá eu tinha duas refeições, na hora que chegava e mais tarde, quase na hora de ir embora e lá eu aprendia a ler e as matérias básicas da primeira fase dos meus estudos.

Muitas vezes as únicas refeições que eu fazia era na escola.

Por diversas vezes eu passei fome e às vezes a fome era tanta que eu queria estar no lugar dos meus irmãos que não sobreviveram.

Só quem já passou fome sabe o que significa ter o estômago roncando e não ter o que comer, ter que dormir pra enganar a fome.

Meu pai nunca teve um emprego fixo. Trabalhava para os fazendeiros da região e nem sempre tinha trabalho.

Mas eu nunca parei de sonhar. Eu conseguia aprender bem na escola e sempre me empenhava e procurava aproveitar todas as oportunidades de adquirir conhecimento. Meus irmãos não se importavam com isto. Eram conformados com aquela situação e sina.

A escola ali só tinha as quatro primeiras séries e geralmente era este o estudo que as pessoas daquele lugar tinham. Mas eu queria muito mais. A professora sempre me emprestava livros que eu lia avidamente.

Quando eu terminei a quarta série, nomenclatura da época, eu implorei à professora que me ajudasse a continuar os estudos.

Ela prometeu que faria o que fosse possível. Mas os dias iam se passando e eu estava ali, sem condições de continuar meus estudos. Precisava fazer pequenos trabalhos para ajudar em casa, mesmo tendo apenas onze anos.

Sempre que passava por lá algum daqueles coronéis latifundiários, eu pedia que ele me ajudasse a sair dali pra estudar. Eles só me olhavam com desdém e iam embora.

Eu estava sentindo que minha chance nunca chegaria, mas não parava de sonhar e pedir a Deus que um milagre acontecesse em minha vida tão sacrificada.

O tempo foi passando, eu já estava com quase quatorze anos e tinha que trabalhar na roça dos coronéis, mas quando chegava eu sempre ia ler os livros que de um modo ou outro eu conseguia emprestado.

Meu pai não gostava que eu ficasse lendo. Dizia que aquilo era coisa de mariquinha. Mas eu não me importava, a leitura me levava para o mundo dos sonhos.

Uma noite ele me arrancou o livro das mãos e disse que eu precisava virar homem.

Dias depois ele me entregou a uma mulher para que ela me transformasse em um “homem”, como se eu já não fosse um homem. Eu fiquei constrangido e sem saber o que fazer. Mas meus hormônios falaram mais alto e diante daquela mulher nua e provocante eu fiz o meu papel de macho.

Cumpri a vontade do meu pai e me transformei no “homem” que ele queria. Mas eu não queria pra mim aquela sina de fornicador e reprodutor tosco e de ignorante miserável que meu pai seguia e queria me impor.

Minha irmã de treze anos já estava grávida e seguiu com seu homem para formar uma nova família, provavelmente numerosa e miserável também. Meus pais até acharam bom pois era menos uma boca pra comer.

Um dia eu estava trabalhando na fazenda de um médico da capital. Naquele dia ele estava na fazenda e passou por onde estávamos trabalhando. Eu me armei de toda a coragem e de toda a minha vontade de mudar de vida. E pedi a Deus que me ajudasse:

-Doutor?

Ele olhou. Eu trêmulo de medo disse:

-Posso falar com o senhor um minuto?

-O que você pode querer falar comigo, seu porqueira, seu moleque.

-Doutor, eu quero ter uma chance de estudar, eu quero ser um doutor um dia. Eu leio muitos livros e fico sempre sonhando em ter uma oportunidade.

-Venha aqui, seu moleque. Você é muito atrevido.

Eu tremia ao me aproximar dele, pensei que ele iria me castigar.

-Você acha mesmo que pode estudar e chegar a ser um doutor.

-Acho, sim senhor.

-Você fala muito bem. Quer dizer que aprendeu a ler e sempre lê alguns livros?

-Sim. Sempre que eu encontro alguém pra me emprestar eu leio. E fico sonhando com o mundo das histórias dos livros.

-Se tivesse uma oportunidade, você seria capaz de se agarrar a ela ou uma vez na cidade se tornaria um boêmio cachaceiro como acontece com tantos sertanejos que vão pra lá?

-Se eu tivesse uma oportunidade, eu me agarraria a ela com todas as forças que tenho.

-Você é um sonhador, moleque.

Ele me olhou com desprezo e disse:

-Onde você mora?

-Moro aqui no vilarejo ao lado.

-Qual o seu nome?

-Vicente, que nem meu pai. Moro logo na entrada do vilarejo.

Ele virou as costas e se foi. Eu fiquei decepcionado mais uma vez. Pensava que minha oportunidade não chegaria nunca.

Ele estava passando uns dias na fazenda e todos os dias eu o via. Eu achava lindo aquele jeito de doutor dele. Quando estava na fazenda ele fazia consultas de graça e cuidava de todos os que trabalhavam ali e até de outras fazendas e dos vilarejos ao redor. Eu ficava encantado com esta

atitude dele. Todos os fazendeiros ali eram arrogantes.

No domingo à tarde eu estava na varanda lendo um livro. Meu pai estava dormindo depois da carraspana habitual de todo domingo.

Pouco depois parou na porta de casa uma caminhonete. Era o doutor. Ele desceu e perguntou por meu pai.

Eu disse que ele estava dormindo e pedi que não falasse pra ele do meu atrevimento de importuná-lo.

-Mas se eu não falar com ele, como vou te levar para a cidade pra estudar?

Eu não estava acreditando.

-É sério, doutor? O senhor vai me ajudar?

-Chame seu pai logo que estou com pressa.

Eu sai correndo pra dentro de casa gritando meu pai.

Ele saiu lá fora meio tonto ainda. O doutor conversou com meu pai e disse que queria me levar pra trabalhar para ele e para estudar. Meu pai já o conhecia há muito tempo e não ousou dizer não.

-Junte as coisas do moleque, inclusive certidão de nascimento. Eu vou levá-lo comigo.

Minha mãe chorava e dizia que não queria que eu fosse. Mas eu acabei indo. Aquilo era um sonho pra mim. Eu nem cabia em mim de tanta felicidade.

Estava começando o ano letivo. Aquele homem me matriculou num colégio e eu me agarrei àquela oportunidade com todas as minhas forças.

Ele morava em uma casa enorme e eu fazia pequenos serviços, inclusive de jardineiro, quando não estava na escola e morava nos quartos dos empregados da casa. Eu trabalhava em troca de casa, comida, roupas e a chance de estudar. Mas não me importava, Eu estava tendo a chance que sonhei.

Apesar de milionários e poderosos, eles não eram arrogantes. Um dos filhos dele simpatizou comigo e me ajudava nas atividades escolares e eu me saía bem na escola. Eu era bem mais velho que meus colegas mas não me importava. Alguns me desprezavam, outros me tratavam mal por não ser do meio deles, mas outros me tratavam bem e alguns até me ajudavam e se tornaram meus amigos.

A biblioteca da casa era enorme e eles sempre me emprestavam livros que eu lia depois do trabalho e das atividades escolares.

Todas as vezes que o doutor ia até a fazenda ele me levava pra ver meus pais e irmãos. E eu sempre passava as férias lá.

Um dia eu disse pro doutor que queria ser médico. Ele riu de mim. Perguntou se eu achava que tinha condições de ser médico.

-Sim, acho que tenho condições. Se o senhor me ajudar, depois que eu formar eu pago tudinho que o senhor gastar comigo. Assino até papel, se quiser.

Ele deu uma gargalhada:

-Você realmente é muito atrevido, mocinho. Mas eu gosto desse seu atrevimento. Vamos fazer uma coisa. Se você passar no vestibular para a universidade federal, eu custeio seus estudos. Mas você vai me pagar mesmo. Vai assinar papel.

Eu me desdobrei, estudava dia e noite, procurei saber de todas as manhas do vestibular.

E eu passei.

Aquele foi um dia feliz na minha vida. Eu consegui, eu cheguei onde eu queria. Agora faltava eu conseguir concluir o curso.

E eu me esforcei mais ainda, estudava muito e ainda conseguia tempo pra fazer as tarefas na



casa do doutor.

E eu cheguei lá.

No dia da minha formatura eu chorei como uma criança. Meu pai sempre me disse que homem não chora, mas o que importa? Homem chora sim. Homem se emociona e se alegra. Homem tem sentimentos.

Eu me formei com quase trinta anos, mas me orgulhava imensamente daquela vitória.

Eu cheguei lá e provei que qualquer um que realmente queira e se esforce pode também chegar a qualquer lugar.

Eu dediquei e agradei aquela vitória ao doutor que tanto me ajudou. Ele acreditou em mim e me deu a chance que ninguém deu.

Eu fiz um ótimo curso e me tornei um médico dedicado e bem sucedido. Mas nunca me esqueci de minhas origens. Nunca neguei atendimento a quem precisasse dele. Sempre tirava um tempo pra atender comunidades carentes. E pude ajudar meus pais e meus irmãos, que nunca mais passaram fome e nem dificuldades na vida..

Eu fui privilegiado e tive a sorte de encontrar aquele homem tão bom pra me oferecer uma oportunidade. E sempre que alguém me pediu ajuda eu tentei ajudar.

Quisera houvesse muitos e muitos Vicentes, dispostos a lutar, estudar e ter uma vida melhor.

Quisera houvesse muitos e muitos doutores dispostos a dar a mão a Vicentes dedicados e cheios de vontade de estudar e ser alguém na vida.

Nana Gonçalves



LUA E SOL DE WAHREL. 2023. Autora: Ana Paula Gomes.  
Técnica: acrílico sobre tela. 24cm X 30cm.

## Quase são cores

Rodrigo Ayres Pelanda

Eu tenho uma noção do espaço que tomo, eu tenho uma noção do tempo que voa, mais sempre quis descobrir quais são as cores que disponho para todos verem. As verdadeiras cores inusitadas, misturadas, argumentadas na tela branca que por muitas vezes me deparo em frente. O que realmente coloco nesta tela, não é só os momentos por muitos, paradisíacos por muitos, infernais que me tomam de ponta a ponta.

Vi que quando acordei neste dia fatídico já no meu infinito dia na escuridão, me pus a escrever o cheiro, a textura e por fim o resultado daquilo. Jerson me traz café da manhã e me fala com aquela voz grave e seresta que o dia está ótimo, tem um pássaro lindo multicolorido parado na janela me observando, falo que é como nos meus sonhos, ele ri, eu rio do seu riso e nos encontramos no escuro do meio dia.

Quero ir a uma galeria hoje, a da Ana, dá pra sentir suas respirações ofegantes e seu cheiro de amor. Fiz questão de me vestir por conta própria já que era domingo e nessa família não íamos a igreja, íamos a algum lugar em algum tempo em algum espaço em alguma cor. Vou passando a mão em cada vestido aveludado, liso, leve, solto, me pus do avesso, me ponho do avesso, mais consigo em fim achar algo que me satisfaça no verão.

Já sentia o cheiro das madeiras me encostando em todas as cadeiras da mesa, de longe a voz baixinha cantando alguma coisa, Aime já está pronta? Grito lá da penumbra longe, Aime vem comer, vou mamãe, diz ela, aquela voz me levava as alturas do sossego de pensar que teria ela como minha filha para sempre até nessa escuridão. Você está usando o que para visitar a Vovó? Um vestido azul ela responde com alegria, eu adoro azul faz os meus pés subirem um pouco da terra marrom.

Coloca aquela música. As buzinas, freios e tensos gritos me davam a impressão do cinza muito usado e pouco usado. Se não estivermos rodeados por labaredas estamos no posto, ele me traz balas de canela que combinam imensamente com ‘meu bem, meu mal’ meu vinho, meu vício desde do início, procuro a mão dele e acho, entrelaçadas, sinto seu sorriso. Logo chegaremos, o que estou vendo? Portarias, calçadas, pessoas, passos enfim, cidade. Chegamos.

Perfume de madeira, roupa curta, me toca Ana, como esta amiga? Eu estava com ela e estava bem, estava ao fundo, os ecos das grandes paredes, o calor das luzes, o cheiro o cheiro de tinta. Aime ficou com a avó, Jerson volta as 18 e Ana fazendo sala, enfim sola, parece que estava sentada nos ecos, sobrevoando vozes, parada ali, eu era um quadro o meu quadro, o meu momento, os sentidos me levaram a Ana. Você tem uma sala isolada? Sim, onde ela pintava os seus tão quase famosos quadros, te levo, não precisa, irei tocando as paredes levemente até chegar, só me dizer a direção, abri a porta, aquilo tudo era minha vontade.

Procurei o maior quadro, o mais agudo, o mais branco, o mais escuro. Sonhei com o verde enfrente de minhas mãos pinceis, como eu queria que ficasse, não importa, não importa mais nada, aquilo mesmo era o mesmo que meus sentidos sem sentidos. Ali fiquei durante o tempo necessário para que dentro dos meus íntimos sonhos, saiam para os sentidos os mais belos desajustes vagos do meu amor pelo escuro.

Aplausos, muitos deles inundaram os ecos das tintas espalhadas, e um passo incerto, um passo que se aproxima muitas vezes quando tenho pesadelos, diante da chuva de palmas que se

instalava. Minha mão é erguida por uma outra ríspida mão, poucas vezes não entendi nada, essa foi a vez, enquanto ovacionavam o que acabava de fazer. Deitei ali mesmo e fechei o que já estava fechado, quando me dei por vencida o cheiro de café cobriam as minhas narinas e um, acorda amor hoje é domingo, me chamava na cama. Quase são cores.

A família de Nico era pobre. Disso não havia dúvida. Não digo pobre de passar necessidades, que fome, mesmo, o garoto nunca passou. Mas ele e os irmãos levavam uma vida modesta. E o final do mês, às vezes, chegava mais cedo – de modo que os habitantes da pequena moradia nos arredores da vila de M. eram obrigados a apertar o cinto até o próximo pagamento.

O pai de Nico era carregador no porto da cidade. Um trabalho duro, que começava cedo, acabava tarde – e deixava-o exausto no final do dia.

Talvez por isso, o velho não fosse de falar muito – chegava de mal com a vida, resmungava problemas e, depois de bater um prato fundo de comida, tomava um banho demorado e ia dormir.

Já com a mãe a coisa era diferente. A dedicada senhora trabalhava na limpeza da biblioteca central. E, no contato diário com os livros, acabou por desenvolver hábitos próprios, que o resto da família desconhecia.

A verdade é que Nico era um garoto mirrado e doente. O pai dizia que era mimo. Na casa em que cresceu, esses caprichos nunca existiram. A mãe, no entanto, tinha dó do caçula. E como não possuía meios de lhe fazer agrados nem de lhe dar luxos, contava-lhe histórias.

Isso mesmo. E não é difícil compreender como tudo começou. Em de uma de suas muitas faxinas, por acaso, a velha senhora deu com um livro enorme, encadernado em capa dura vermelha, com lombada folheada a ouro e tudo. O volume estava caído por trás de um arquivo. E, a julgar pela poeira que o cobria, parecia estar ali há séculos.

A mãe de Nico abriu o livro. E deu de folhear as suas páginas. Era um volume de histórias para crianças – mas um volume de histórias diferente. Os personagens, estampados em belíssimas gravuras, desenhadas a bico de pena, eram seres fantásticos, misteriosos e imponentes como ela nunca tinha visto. E os contos, passados em uma terra mágica e distante, envolviam reinos perdidos em vales ocultos por detrás de altíssimas montanhas.

A pobre senhora não entendeu quase nada das páginas que leu. Mas, em seu parco discernimento, achou aquilo um tesouro. E pensou imediatamente no caçula.

Por cautela, ela escondeu o livro em seu armário pessoal. E decidiu verificar primeiro se ele pertencia ao acervo da instituição.

A mãe de Nico não era muito boa com essas coisas de fichas e arquivos. Seu ofício, no final das contas, envolvia apenas baldes e esfregões. Mas, em anos de serviço, já tinha visto as funcionárias da biblioteca catalogando centenas de livros. E, se não era exatamente uma especialista no assunto, não era tampouco iletrada.

Uma tarde, depois que as funcionárias saíram, ela foi vasculhar os gavetões. Passou as fichas com calma, uma a uma, examinando-as com atenção. Primeiro, procurou pelo título. Em seguida, pelo assunto. Nada. Faltava a busca por autor. Mas o livro, estranhamente, não exibia o nome do escritor, nem na capa, nem nas folhas internas. E ela se deu por satisfeita.

O livro, estava provado, não pertencia à biblioteca. E ela ficou a pensar no que fazer com ele.

Podia muito bem entregá-lo às encarregadas, na manhã seguinte. Mas a imagem do seu filho lhe veio à mente. E ela tomou uma decisão.

Em anos de emprego, nunca roubara uma folha sequer no trabalho— quanto mais um livro inteiro. Considerava-se uma mulher honesta, bem criada, incapaz de uma traição desse tipo. Já encontrara diversas vezes, caídos entre as estantes, volumes carimbados e etiquetados, que não hesitara em devolver. Dessa vez, porém, a situação era outra. O livro não era de ninguém. E por que não haveria de ser seu?

Achado não é roubado, é o que costumavam dizer. A frase nunca a agradou muito. Mas a verdade é que, no caso, o provérbio se aplicava a contento. E a mulher ficou a imaginar uma saída.

Levava o livro para casa emprestado. Como faziam os usuários da biblioteca. Só que sem a anotação na ficha – porque a ficha não existia. E, depois de mostrá-lo ao filho, devolvia-o.

A solução serenou os seus dilemas de consciência. E naquela mesma tarde, sem dizer nada a ninguém, ela enfiou o volume na bolsa e saiu com ele para a rua.

No trajeto para casa, ficou a imaginar a reação do marido. Na certa, ele não havia de gostar nada da ideia. E a mãe de Nico convenceu-se que seria melhor esconder dele toda a história.

Naquela noite, ela esperou que o marido fosse dormir. E só aí tomou coragem de mostrar o livro ao caçula, às escondidas dos irmãos, para não despertar ciúmes.

O garoto ficou encantado com as gravuras. Seus olhinhos miúdos se arregalaram tanto que pareciam duas jabuticabas maduras. A alegria e a empolgação foram tantas que, depois de folhear repetidamente as imagens, ele pediu à mãe que contasse uma história.

A pobre senhora não contava com essa. Não era boa em leituras – além disso, na certa, havia ali palavras complicadas, que ela, com o seu pouco estudo, não saberia explicar. Mas o menino bateu o pé – e mais uma vez, ela lhe fez a vontade.

Para a sua surpresa, o garoto não perguntou nada. Nem mesmo quando ela, tropeçando por acaso em um vocábulo, acabava lendo a frase meio arvesada. Em lugar de se deter nos tropeços, o menino, de olhos perdidos sabe-se lá onde, ficava a sonhar coisas distantes. E, o que não entendia, imaginava.

Pois não é que ele dormiu assim, embalado pelas palavras do conto? A mãe, percebendo que o filho havia caído no sono, levou-o nos braços para a cama, cobriu-o, e saiu do quarto feliz, achando que, no final, sua ousadia havia rendido bons frutos.

Pois na manhã seguinte, quando estava a sós com ela, antes de ir para a creche, o menino perguntou se ia ter história à noite. E ela acabou prometendo que sim.

E foi desse modo que, noite após noite, às escondidas na varanda, ela lhe contou uma história atrás da outra, para deleite do garoto, cuja curiosidade parecia não ter fim.

E a mãe de Nico percebeu algo estranho. As noites se passavam. E os contos se sucediam, ininterruptamente, como se nunca fossem acabar.

De início, ela imaginou que, em seu parco entendimento, andava repetindo páginas, sem o perceber. Aos poucos, porém, compreendeu que a coisa era bem diferente. Novos contos pareciam surgir, cada vez que ela abria o livro, como por encanto – acompanhados de gravuras

que ela nunca tinha visto, e que seu filho se regozijava em apreciar.

Mais de um mês se passou, nessa ciranda – até que uma novidade veio abalar a rotina da cidade.

O circo chegava ao porto – seus artistas vinham de longe, em uma colorida embarcação – e a notícia logo se espalhou pelos arredores da vila.

O próprio pai de Nico ajudou a descarregar o equipamento – e na mesma noite dava conta do que vira em casa, na hora da janta.

– Só a lona precisou de meia hora para descarregar. Tem jaula de tudo o quanto é coisa: macaco, leão, elefante, pássaro colorido. É bicho que não acaba mais.

Os olhos de Nico brilharam – mas ele não disse nada, porque tinha receio do pai.

O destino, porém, encarregou-se de aguçar a imaginação do garoto. Assim que armaram a tenda nos arredores da cidade, os membros da trupe decidiram fazer um desfile pelo centro, em plena manhã de sábado, para convocar a população. E Nico, nesse dia, por um desses acasos que nem sempre acontecem por acaso, andava com a mãe a fazer compras no mercado municipal.

O espetáculo, como não podia deixar de ser, o impressionou vivamente. Primeiro, vieram os palhaços, com suas roupas coloridas, espirrando água da lapela. Em seguida uma fileira de macacos equilibristas circulou em seus monociclos coloridos. Depois vieram os mágicos com suas cartolas – e os trapezistas, os atiradores de facas, os cães amestrados, e uma infinidade de atrações.

Nico estava maravilhado. E, de pé na calçada, junto das outras crianças, apertava o braço da sua mãe, sem parar.

À noite, o garoto tomou coragem e disse ao pai que queria ver o circo.

Pra quê! O velho se zangou, bufou, e respondeu que não tinha dinheiro para jogar fora.

– Circo é coisa pra filho de rico. Seu pai trabalha duro.

A mãe tentou intervir. Mas sua intromissão só fez piorar ainda mais o humor do chefe da casa.

– E nós lá achamos nota de cinquenta na rua? É a última semana do mês. Vamos é rezar para chegar logo o dia cinco.

E para não deixar margem a questionamentos, o pai de Nico levantou-se aborrecido, quase derrubando a cadeira, marchou a passos militares para o quarto e lá se trancou, batendo a porta com força.

A mãe olhou para o filho, deu um suspiro, mas continuou lavando a louça, sem nada dizer. De certa maneira, o pai estava certo. Se fossem pagar entrada para o caçula, teriam de levar também os irmãos. E o dinheiro não chegava para tanto.

Nico, por sua vez, ficou em silêncio, e não piou mais no assunto. Pela reação do pai, ele sabia que seria inútil insistir. O que, de outra parte, não significava que havia desistido.

O garoto tinha um plano. E, de manhã bem cedo, levantou-se, sem ninguém ver, vestiu-se em silêncio e saiu pela porta dos fundos, tomando cuidado para não acordar a casa.

O terreno em que o circo havia se instalado não ficava longe. E ele conhecia bem o caminho.

A placa que os anões carregavam no desfile da véspera falava em uma sessão matinal. E Nico não queria se atrasar.

Quando se aproximou do local do espetáculo, o garoto arregalou os olhos, espantado.

Nunca vira tanta gente. Parece que a cidade toda estava ali. De toda a parte, meninos e meninas em trajes de festa acorriam, puxando os pais por uma das mãos, e segurando na outra um algodão doce ou uma maçã coberta de açúcar.

Na entrada do terreno, Nico estacou. A lona vermelha e azul se erguia imensa, desafiando as nuvens, coroada de flâmulas da mesma cor, que o vento drapeava em um sopro incessante.

Uma fila gigante serpenteava na distância. Mas Nico não tencionava comprar bilhetes. E esgueirou-se prudentemente para um canto do terreno.

Costeando as barracas dos artistas, ele se detinha por vezes, encostado aos tapumes, para esperar a passagem de alguém.

Em seu trajeto, ele viu dois ou três palhaços já vestidos para o espetáculo, e pôde avistar de longe a jaula dos leões e o cercado dos elefantes. No entanto, temendo ser descoberto, nem ousou se aproximar dos animais.

Com essa tática, Nico conseguiu finalmente acercar-se de uma ponta do encerado, onde a lona se firmava nas estacas de metal.

Ali, havia uma folga, por onde um garoto da estatura dele podia se enfiar.

Por uma fresta, Nico pôde observar que os espectadores já se ajeitavam nas arquibancadas de madeira, comendo pipoca e rindo alto, na excitação que precede normalmente esse tipo de atração.

Com cuidado, o menino escolheu uma dobra onde o seu corpo coubesse; depois de experimentar introduzir a cabeça por baixo da lona, ele deu uma nova espiada em torno, para se certificar de que não era visto, e meteu-se finalmente por baixo da cobertura, de corpo inteiro.

Por um momento, Nico desapareceu debaixo de um túnel de pano, sem conseguir ver a saída.

A situação o angustiava; e ele esforçou-se para chegar ao outro lado.

Sua pressa, no entanto, e a falta de jeito natural dos seus cinco anos, acabou por cobrar o seu preço.

Ansioso por sair daquela armadilha, ele ergueu-se muito rápido – e sua cabeça se chocou com uma trave de madeira da armação.

Como resultado, Nico perdeu os sentidos – e desfaleceu sob as vigas da bancada.

Não lhe foi possível determinar quanto tempo se passou até que abrisse os olhos novamente, despertado pelo rumor dos aplausos.

O espetáculo, afinal, começava – e Nico levantou-se para ver o que acontecia.

Qual não foi o seu espanto ao se deparar com a cena que se desenrolava no picadeiro.

O cenário era idêntico ao que ele observara antes de entrar – a lona azul e vermelha se erguia



ainda, sombreando o interior – nas arquibancadas, os mesmos espectadores se agitavam, vibrando em seus assentos – mas, no palco, em lugar das figuras que ele tinha visto na parada, havia agora seres fantásticos, iguais aos que ele conhecia das gravuras de seu livro.

Um ogro azul, de fraque e cartola, anunciava o espetáculo. E logo um bando de gnomos vestidos de gorro vermelho e pintados de palhaços adentraram o picadeiro, dando cambalhotas e fazendo piruetas.

Os espectadores riam a valer das pantomimas que eles apresentavam – e Nico acabou por imitá-los, batendo palmas a cada intervenção.

Por fim, os pequenos palhaços deixaram o palco, em fila; e chegou a vez dos micos amestrados.

Os símios entraram, pedalando monociclos; mas Nico reparou que, ao invés do nariz, os animais tinham bicos compridos de papagaio; e suas mãos terminavam em garras pontudas e afiadas.

O garoto lembrou-se de ter visto figuras semelhantes na descrição de um dos contos do livro – e não estranhou mais nada.

A plateia parecia inteiramente absorta no espetáculo – Nico chegou a imaginar que eles também conheciam as mesmas histórias – e concluiu que o livro não descrevia de forma alguma seres fantásticos, mas um mundo real e vibrante, que ele agora podia contemplar, bem diante dos seus olhos.

Os micos receberam muitos aplausos pela apresentação – mas, como o espetáculo não pode parar, foram logo seguidos pelos trapezistas.

Nico ergueu a cabeça para vê-los subir nos postes compridos, escalando a lona até o topo.

De um salto, eles começaram a se balançar nos trapézios – e, após pegar impulso, lançaram-se pelo ar, em complicadas piruetas.

A plateia soltou um murmúrio de espanto quando os trapezistas, abrindo os braços, planaram pelo ar, dando voltas sobre o palco.

Nico logo percebeu o que ocorria. Sob os braços, os artistas tinham membranas semelhantes aos dos esquilos voadores, que, pregadas ao seu tronco, lhes permitiam flutuar por alguns instantes, sem vir ao chão.

Manobras cada vez mais complexas se sucediam, seguidas de volteios de tirar o fôlego, para delírio dos espectadores, que acompanhavam boquiabertos a apresentação, mudos de espanto, com o coração nas mãos.

Por fim, os trapezistas se deixaram cair sobre as redes, de braços colados ao corpo – e a plateia explodiu em ovações.

Era a vez do espetáculo de magia – e os gnomos, que também faziam as vezes de ajudantes de palco, já haviam preparado os caldeirões.

Sim, porque os mágicos do circo, na verdade, não passavam de bruxos e feiticeiras que, em seus longos trajes de padrões exóticos, deliciaram a claque com números incríveis.

Em minutos, com um toque do bastão, em meio a nuvens de fumo, sapos eram transformados em figuras humanas – e novamente em sapos – ratos brancos viravam morcegos, e depois

pombos coloridos, frutas esmagadas se tornavam árvores imensas, que se erguiam até quase o topo da lona, para depois sumirem num encanto; e raios flamejantes tremulavam ao comando dos mágicos, incendiando os ares.

Por fim, em uma perfeita coreografia, os feiticeiros se postaram lado a lado, no centro do picadeiro – e erguendo os braços, atiraram ao chão ao mesmo tempo uma chuva de globos dourados.

Uma espessa fumaça os cobriu – e, quando ela se dissipou, os espectadores, maravilhados, perceberam que os mágicos haviam desaparecido.

Em segundos, porém, com um súbito clarão, eles voltavam ao palco, de dentro das esferas douradas, para o gáudio da plateia, inclinando-se em longas reverências.

Nico estava atônito. Havia reconhecido na apresentação várias passagens dos contos que a sua mãe lera. E a coincidência o impressionara vivamente.

Nunca imaginara que as coisas poderiam chegar a esse ponto. O espetáculo só crescia em emoção. E o próximo número não deixava dúvidas quanto a isso.

Comandados por elfos, um bando de enormes quadrúpedes fazia malabarismos no palco. Mas, em lugar dos habituais elefantes, eram mamutes idênticos aos do reino encantado do livro que tomavam o picadeiro.

Os gigantes animais arrancaram um murmúrio de surpresa da plateia. E, por alguns minutos, empinaram-se em duas patas, equilibraram bolas coloridas em suas trombas, deitaram-se de lado, e, ao final, rolando no chão de terra, inclinaram-se em um demorado cumprimento.

As arquibancadas aplaudiram de pé. E Nico, é claro, não ficou atrás.

Chegava, por fim, o momento mais esperado do espetáculo. A jaula fora armada nos fundos do picadeiro. E o ogro de fraque surgiu, em trajes brilhantes de domador, seguido por suas feras.

Engana-se, obviamente, quem pensou em meros tigre e leões. Na verdade, os animais da apresentação eram bem mais complexos – e Nico reconheceu neles os grifos e hipogrifos das gravuras, com suas faces de águia e seu corpo de fera.

Em minutos, os animais circulavam pela jaula, a um estalar do chicote mágico, pulando de um lado por outro, atravessando aros de fogo.

A plateia acompanhava de olhos bem abertos, em êxtase, enquanto o domador obrigava os estranhos seres a realizar malabarismos impensados, e truques incríveis.

Em dado momento, porém, o ogro foi obrigado a recuar para evitar o bote de um dos grifos – e suas costas esbarraram na grade de ferro.

Com o choque, a porta se entreabriu o suficiente para que a ave, espremendo-se, passasse pela fresta.

Um grito se elevou em uníssono quando o animal ergueu-se para o alto da cúpula, abrindo as asas poderosas, de par em par.

Em seguida, em uma ou duas voltas, ele iniciou um mergulho em direção às arquibancadas – e o pânico tomou conta dos presentes.

Os espectadores, assustados, iniciaram um movimento de fuga, correndo sobre as pranchas de madeira.

Enquanto isso, o grifo dava voos rasantes sobre as suas cabeças, estendendo as garras de felino.

Nico, assustado, bem que tentou se pôr a salvo – mas, em sua desajeitada manobra, acabou por entrançar-se nas pernas dos adultos que corriam pelo estrado, e caiu.

O tombo atirou-o de uma altura de quase dois metros – e o garoto, na queda, acabou chocando-se com uma das pranchas, e perdeu novamente os sentidos.

Quando voltou a si, Nico estava cercado por rostos graves e preocupados – mas eram rostos humanos, demasiado humanos, que agora o observavam.

Um dos espectadores era médico – e havia providenciado uns saís para ajudá-lo a despertar.

Nico levantou-se, ainda zozó – e, ao olhar em torno, percebeu, para a sua decepção, que havia retornado ao mesmo circo de antes.

Os gnomos haviam dado lugar aos palhaços de sempre – e o chefe da trupe era um velho gordo de suíças – que de ogro só tinha, talvez, o tamanho.

O médico queria que ele fosse para o hospital do Município – mas Nico declinou da sugestão, afirmando que se sentia bem.

Como não achassem os seus pais na plateia, depois de deixá-lo em observação por quase uma hora, os membros da trupe permitiram que o garoto fosse para casa – e um dos palhaços foi encarregado de acompanhá-lo até a saída.

De passagem, o menino deu uma espiada no entorno – com o mesmo desalento. Os leões nas jaulas haviam perdido as asas, os micos não tinham bicos de papagaio – e os trapezistas, nas barracas, não passavam de pessoas normais, de carne e osso; sem membranas voadoras.

Dando um suspiro, Nico se deu conta de que o circo perdera o encanto – e o mundo voltara a ser o que era.

Levado pelas mãos do seu guia, o menino chegou à entrada do terreno, de olhos baixos, sem dizer palavra.

Ao final, percebendo talvez o estado de espírito do garoto, o palhaço, ao despedir-se, fez uma reverência atabalhoada – e perguntou se, ao menos, Nico havia gostado do espetáculo.

O garoto disse que sim, abrindo um sorriso – e foi desse jeito que ele tomou o caminho de casa.

Sua decepção havia desaparecido – mas não foi o gracejo final do palhaço o responsável por essa mudança de ânimo.

É que, ao abaixar-se, o alegre membro da trupe circense deixou entrever, por debaixo de sua longa camisa vermelha, um pequeno detalhe – um pedaço de cauda de camaleão, de ponta bifurcada, que logo desapareceu de volta ao seu posto – mas que Nico captou, de relance.

E o garoto entendeu então que todo o encanto do mundo, para além da realidade cinzenta, e das páginas de um livro coberto de mofo, estava nos olhos do observador – e guardou essa verdade, como uma joia, em seu pequeno coração de menino.

## Meio Dia em Ponto!

Exatamente ao meio dia, estavam à procura da sombra, os cães que com as bocas abertas ressecavam ainda mais suas línguas ásperas, apresentando - se ofegantes. O carro de boi contribuía com aquele bem estar também com o cenário, parecendo descansar depois de ter deixado seus condutores mais originais em outra sombra - os bois.

Ao meio dia, as mamonas estalavam, fazendo barulho das sementes caindo sobre as telhas e lá esperavam a sorte de um dia a chuva tirá-las daquele castigo. A cerca parecia mudar de cor em seu trançado de varas, sustentando o lençol que agora cheira a queimado. E os mandacarus, tremiam na gravidade quente e intensa fazendo cenário para a velha rezadeira que alimentava o olhar como se admirasse os espíritos mais louváveis na vegetação da caatinga. O sol no centro do céu esquentava o lajeiro que tentava torrar os cascos duros do jumento com sua cangalha. Teria sorte aquele que vinha montado no animal? Talvez. Se não fosse a sede que ressecara o rosto suado e sofrido, ou a fome que lhe doía o estômago. Andava como se estivesse conformado de seu destino, na mesma certeza que o cumpriria no dia seguinte, como um ritual parava para escutar quase sempre o mesmo caso do velho conversador e seu amigo sentado numa pedra à sombra do umbuzeiro e com um talo de folhas entre os poucos dentes que lhe restavam. Ambos pareciam ter feito a refeição do meio-dia provocando no trabalhador motivação para deixá-los para trás, até cumprimentar as figuras e seguir seu mandamento.

Era meio dia, o vento trazia a poeira para as varandas e espantava as rolinhas dos juazeiros, os preás passeavam nas pedras zanzando de grotta em grotta. Os galos disputavam seus cantos “meiodinais” passeando pelo terreiro num irrelevante ciscar, permitindo suas penas brilharem nos raios solares. Dentro das casas os moradores rurais vivenciavam as mesmas experiências. Entre a refeição ao arrastado do copo no pote de barro; entre o sinal da cruz e a lapada de cana findada com uma batida do copo sobre a mesa; entre o pendurar do chapéu no torno e o cochilo; a disputa do gado nas poucas sombras do verão. Assim entendia-se que era meio dia.

Tudo se movimentava ou se entregava ao cansaço do meio dia, porque o dia estava na metade, caberia ainda a resolução do que ainda não fora feito, a reflexão do que já era passado. Tratava-se de uma hora religiosa, ecumênica, sagrada a qual despertava no corpo o gosto pelo repouso, a recompensa ou a labuta menos intensa. Dali pra frente os mesmos personagens ganhariam outro cenário, outras cores, movimentos compondo as narrativas mais incomuns em um enredo único, peculiar e transitório, pois as vidas que pulsavam aquela obra, marcavam mais uma página que transpassava do real para o inesquecível.

Rosilene Leonardo da Silva

## LUA ROSA

- Antes do sol nascer eu me mando.

Lua Rosa estava decidida, não ficaria ali nem mais um dia de sua preciosa existência. Ganharia o mundo, tinha muitos sonhos e aquele lugar era pequeno demais pra ela.

Amanheceu e ela acordou assustada, alguém batia à porta, era sua mãe.  
- Lua Rosa, acorda pra vida, a lida te espera menina e você, pra variar, está atrasada, melhor se apressar.

Ela respirou fundo, levantou-se e de frente com o espelho fez careta e resmungou:  
- Tá bom, pode me olhar assim, eu mereço, falhei de novo, mas é que meu corpo cansado, deita e dorme, e eu perco a hora de fugir. Mas deixa comigo, amanhã antes do galo cantar, eu fujo, ah! Pode acreditar...

E lá se foi Lua Rosa, pegou a lotação e seguiu a canção. Descabelada, fone no ouvido e os sonhos deixados para depois...

(Sandra Laurita)

## Policarpo & Quaresma: Conversa de Pai e Filho

Em Paço do Lumiar, uma pequena cidade que fica na ilha de Upaon-Açu, há o bairro Carpe Diem, um belo conjunto habitacional onde existe várias famílias que neste sábado de verão estão procurando algum infoentretenimento, pelo menos, os que estão em casa, pois, caro leitor, eu estou de plantão até as 3 horas da madrugada, tudo porque o vereador nunca ouviu a história grega de Erisictão.

Contudo, não iremos mudar de cenário, já que na casa de número 669, um garoto interrompe um homem que estava tomando seu café enquanto lia as notícias-frias do jornal em mãos.

– Papai, por que você fica estudando o tempo todo e não consegue um aumento no salário ou ficar famoso igual ao William Nones ? – perguntou Policarpo, ao seu pai, o senhor Quaresma.

O Sr. Quaresma ficou corado, pois todos os pais sabem que os filhos vão fazer tal pergunta, e o difícil é respondê-la.

Porém, devido aos seus anos no improviso do rádio, na volatilidade dos programas televisivos e, principalmente, na corriqueira vida dos jornalistas que escrevem para jornais ou revistas, ele soube manter a calma e dizer:

– Filho, existem vários vetores que juntos formam uma resposta para sua pergunta, mas não consigo ver todos e montar uma orientação concreta para você! – O Sr. Quaresma franziu a testa como se estivesse pronto para o processo de apuração de fontes, que é um dos primeiros passos para escrever um artigo jornalístico.

Caro leitor, acho que tal resposta filosófica teria assustado outros meninos de 12 anos, porém, Policarpo parecia ter níveis de inteligência fora da média padrão devido à genética de sua família, como recita o livro de medicina, que estava na prateleira ao lado do Sr. Quaresma na sala decorada com móveis de plástico e azulejos portugueses em tons azulados que davam uma bela vista ao entardecer, e que parecia convidar a todos para um café com bolo de goma de tão aconchegante que estava à tarde.

– Pois papai ... Não é engraçado como a mamãe sendo cirurgiã recebe mais que o senhor, e o senhor Gomes recebe mais do quê a senhora Gomes por ser advogado de uma grande empresa e ela do setor público? – Parecia que Policarpo estava tentando brincar de alguma forma com seu pai, mas não contava que quanto mais velho maior é a sabedoria do homem.

– Filhão, você já leu ou deparou-se com o termo “Teoria Organizacional” ? – Indagou Quaresma tentando entender as ideias que, como diz Brás Cubas, cabriolavam na mente do garoto.

– Nunca ouvi falar, pai! – Respondeu o garoto com frenesia, pronto para aprender algo novo e usar a seu favor, o que demonstra o seu lado dominador, coisa que não herdou de seu velho pai.

– A “Teoria Organizacional”, hummmm ... Meio que faz parte da Bíblia das Teorias da Comunicação, lembra o que te ensinei sobre? – Perguntou o pai usufruindo dos gatilhos mentais da escassez e da familiaridade para, assim, entender os princípios do jovem rapaz que o fazia perguntar tais coisas em plena tarde calorosa de um sábado.

– O senhor brinca que essa bíblia seria uma coletânea das teorias e ideologias na qual os comunicólogos formados na Academia de Platão são devotos, certo pai ? – Respondeu sabendo que seu ardiloso pai estava arrumando um jogo de conversa do qual apenas intelectuais de alto nível participam.

O clímax da conversa deixou o ambiente mais quente, deixando de ser caloroso para tenso ou até tenebroso, parecia que eles iriam sacar as pistolas igual aos filmes do gênero bang-bang da década de 60 e 70. Mas isso era normal entre os Quaresmas, como a mãe do sr. Quaresma, a dona Luciana, dizia: “Não use socos, seja cortês, use tapas de luva de pelica”, ou seja, uma conversa bem arquitetada e manipulada ao indivíduo já derrotado se torna mais efetivo do que derramamento de sangue à toa.

E Policarpo e Sr. Quaresma amavam jogos psicológicos e de lógica ou de estratégia, sempre aptos para competir um contra o outro, era uma ligação estranha de pai e filho, mas certamente era bom para os dois ... Ambos sorriam, e isso não é algo que eles fazem diariamente ou de forma banal. Logo o sr. Quaresma respondeu seu filho:

– Muito bem meu garoto ... Mas para continuarmos essa conversa, eu preciso saber se você ainda lembra o que são “comunicólogos formados”, você lembra? - Indagou o sr. Quaresma limpando os óculos, era tão confiante, determinado e imponente nessa pose que facilmente daria pra dizer que ele é fã de Jojo Bizarre Adventure.

– Essa é fácil, hummm ... São pessoas que são formadas em curso superior na qual estudam ciências humanas e comunicacionais ... Por exemplo: Jornalistas, Professores, Relatores Públicos e Publicitários, e na verdade até advogados já que aprendem um pouco das teorias da comunicação para comprovar as provas de um crime ou discursos incoerentes e abusivos! – Disse o garoto querendo deixar seu pai surpreso.

Quaresma tentando esconder seu queixo boquiaberto, mas orgulhoso de seu filho diz o seguinte:

– Muito bem, mas como tu exemplificou os comunicólogos formados, poderia dizer quais profissionais não são comunicólogos formados ?

Policarpo já havia previsto que essa era a pergunta mais adequada para o clímax da conversa, portanto, como um menino gênio, já tinha a resposta e contribuiu dizendo:

– Comunicólogos não formados são profissionais que trabalham com a criação de conteúdo para a massa geral e não são graduados na Academia de Platão ... Por exemplo: Influenciadores digitais, Esportistas como o grande futebolista Pelé ou Atores como Robert Downey Junior, certo pai?

O pai vendo-se encurralado com as respostas do filho, entregou o jogo explicando:

– Bem, você me pegou filhão ... Chega de enrolar! – Disse Quaresma com olhos vívidos de orgulho por ter um filho tão sagaz e esperto.

– Finalmente, pai! Conta logo sobre a Teoria Organizacional. – Disse o filho alegre por conseguir agradar o pai no seu jogo de conversa.

Quaresma super empolgado disse:

– A Teoria Organizacional, é uma das teorias na qual o marketing se baseia para criar e estudar a infraestrutura de poder e política de uma empresa! – Resumiu o velho intelectual.

– Política, pai? Como assim ? – Indagou o jovem com a mente cheia de dúvidas.

– Filho, a ideia de política vem da Antiguidade, o filósofo Aristóteles a separou como o lado mais do “povão”, pois a monarquia é regida por apenas um rei, e isso promove apenas a visão dele a oligarquia é o oposto, já é um grupo que promove e decide tudo de bem ou mau para certos indivíduos – Disse o velho.

– Mas pai, onde isso se encaixa nos dias de hoje?

Quaresma falou que política era o outro lado da democracia, onde o povão que teria o poder de decisão, e que os tipos de “políticas” ou padrão de leis e deveres de um povo depende da sua cultura, e infelizmente, que o motivo da senhora Gomes recebe menos do que seu marido era um reflexo feio da nossa cultura. E que demorou muito tempo para as mulheres terem voto e poder de fala, e que graças aos estudos da teoria organizacional, as pessoas podem mudar a cultura empresarial e com isso muitas famílias tiveram comida na mesa com as mães trabalhando.

A conversa entre pai e filho foi tão longa que ambos adormeceram na sala, deixando as janelas abertas que enchia o quarto com a serena brisa noturna e o som das cigarras. Caro leitor, finalmente saí do hospital, eram 6:00 da manhã, a cirurgia do vereador demorou mais que o imprevisto. Mas pelo menos posso tirar cinco dias de folga, bem, acho que não é segredo que sou Michele ou, se quiser, me chame de Sra. Quaresma.

Agora com licença, tenho que tirar esses dois nerds da sala, colocá-los na cama, colocar os livros de Marketing 5.0, Teorias da Comunicação, História Antiga e Sociologia na estante, tomar um banho, deitar e terminar de revisar este texto com o Sr. Quaresma, porque acho que daria uma grande crônica jornalística e literária para o jornal que o Quaresma trabalha, se não me falha a memória, o nome de lá é Acta Diurna.

Saulo Ferro Maciel

[kogasaal@gmail.com](mailto:kogasaal@gmail.com)

## **GLOSSÁRIO:**

### *UPAON-AÇU:*

É uma ilha não fictícia onde fica a capital da Unidade Federativa do Maranhão, no Brasil. Seu nome vem de dialetos indígenas e significa “Ilha Grande”.

### *INFOENTRETENIMENTO:*

É um subgênero jornalístico, que vem sendo propagado pelo setor televisivo, trata-se do veículo de comunicação ou programa televisivo que repassa ao seu público informação agregada com entretenimento. Em outras palavras, aprendendo enquanto se diverte.

*ACADEMIA DE PLATÃO:* Platão é um filósofo antigo, que teve a ideia de criar uma instituição educacional onde ensinasse os segredos do mundo ao homem sem ter que passar por dificuldades para aprender a resolver problemas. Com isso, conciliou-se com os serviços de que o Estado necessita e, hoje, utilizamos sua ideia como base no sistema educacional.

*ACTA DIURNA:* Esse é o nome do primeiro jornal impresso, ele foi criado na Roma antiga como normas de divulgação das comissões políticas no senado romano da época, seu criador foi o imperador Júlio César.



## **Amor às Avessas**

Amava tanto aquela garota, que não a deixava respirar.

Controlava seus passos, era o seu relógio.

Seu celular era vasculhado, os contatos controlados. A levava e buscava no trabalho. E dizia que era cuidado.

Ela não aguentou e terminou.

Ele ligava insistentemente. Mandava milhões de mensagens. Fingia estar nos mesmos lugares que ela por acaso. Ela, educada, tentava explicar que já não o amava, pedia que entendesse e parasse. Não adiantava. Aquele amor tinha se transformado em doença e ele não conseguia mais controlar.

Ela trocou de emprego, mudou o número do telefone, mas ele sempre descobria uma maneira de encontrá-la.

Um dia a viu acompanhada de outro rapaz. Fez uma cena, desesperou, chorou, humilhou-se. Ela já não sabia o que fazer.

Mudou de cidade. Queria a sua vida de volta e não seria naquele lugar.

Com a sua paz novamente, soube - tempos depois, que ele havia casado com uma amiga em comum.

E ela pensou: “Pobre amiga! Que você tenha mais sorte que eu”.

E eu, ao saber dessa história, só consigo pensar: Deus me livre de um amor como esse!

**Taíssa Viveiros**

**06/01/2023**

## O escolhido

Túlio Pereira

- Nós somos os escolhidos, cara. - Rafael me encara firme, seus olhos verdes e profundos nunca pareceram tão sérios e tão ridículos ao mesmo tempo.

Eu pisquei meus olhos, franzindo a boca como se quisesse dizer que era besteira, mas meus olhos atenciosos, meu rosto claramente queria sucumbir com aquilo.

Rafael é o meu maior parceiro, e quando você tem um grande parceiro que concorda com suas ideias e desejos estranhos que te impedem de pôr o pé no chão, é muito fácil seguir em frente com as fantasias.

- Cara... Não, nós não somos os escolhidos pra nada. Parade viajar. – digo, sem um pingo de convicção na minha voz. Tiro as mãos dele dos meus ombros e passo por ele em direção aos diamantes incrustados naquela espécie de púlpito antigo.

– Nós devemos mesmo é chamar arqueólogos de verdade pra tirar isso daqui. Vai que seja algo perigoso, vai que alguém ache isso daqui a acabe trazendo algum prejuízo para as pessoas.

Olhei em volta e algumas cascas das árvores estavam raspadas e cortadas. Aqui no extremo norte temos uma propriedade muito rara dentro das árvores que são extraídas por chamados piratas.

Não estavam muito extraídas. Olhei em volta desconfiado enquanto meu amigo tagarelava em minha volta.

Ouvi o som amassado e teimoso das folhas. A respiração calorosa de Rafael perto de mim, olhando para as pedras sobre meu ombro.

- Se nós não pegarmos, um serial killer pode pegar e escravizar a humanidade.

É disso que tô falando. Até para convencer, ele é igual a mim.

Ergui minha mão.

- Por favor, cara, não tente me convencer, porque você vai me convencer.

Ele me agitou pelos ombros.

- Vamo lá, cara, a gente sempre percebeu que tinha algo diferente de todo mundo, sempre pensamos diferente das outras pessoas. Todos só querem saber de

trabalhar igual escravos, mas nós sabemos que crescemos pra algo diferente. Somos os escolhidos e mais ninguém.

Fecho os olhos e respiro fundo. Rafael podia ser meu maior aliado, mas também nunca colaborou para que eu pensasse como um ser humano normal. Nesta dupla, eu sou o que tenta pensar racionalmente.

- Aliás, já faz um tempo que anda rodando sobre piratas atrás de algo valioso. A qualquer momento eles podem aparecer e tirar isso. Ou eles, ou o governo, ou nós. Eu votoem nós.

Piratas? Eu sinceramente estranho o termo que as pessoas dão para certos marginais.

E pra quem não está entendendo nada, eu vou explicar.

Somos nerds. E como nerds, obviamente, cada um de nós acaba desenvolvendo algum talento com nossas obsessões fantasiosas, mas olha lá, lógicas. Eu escrevo romances baseados em rpgs e Rafael desenha meus personagens e acaba aprimorando-os durante seu primoroso trabalho artístico.

Nos conhecemos enquanto vendíamos churrasco na orla da cidade vizinha, e pra aguentar o trabalho e fazer, de alguma forma desesperada, a hora passar rápido, puxávamos qualquer assunto até descobrir que tínhamos as histórias fantasiosas em comum.

Em um grupo de amigos, é muito mais fácil cada um ser diferente que o outro, mas nós somos iguais e isso não nos ajuda muito a crescer nesse mundo sistemático e caótico.

O que acontece é que, em meio a nossas aventuras do dia a dia, e inventando elas, sempre ficamos imaginando que algo estranho que acontece em nossa vida pode ser um sinal de que

nosso destino será diferente das outras pessoas, e... bom, por mais que eu me corra de vergonha pra admitir isso, estou querendo dizer que provavelmente achamos que um dia seremos grandes super heróis que irão salvar a cidade de demônios que sempre, inconscientemente, rezamos para que surjam e assim fingimos negar não sermos normais, e então todos nos aplaudem e ainda queiram dar pra gente como se tivéssemos a banana de ouro.

Fecho os olhos de imaginar essa verdade sendo dita em voz alta.

E agora estamos nos tremendo aqui, porque achamos que a hora chegou para nós. Encontramos um púlpito perdido em uma aventura na floresta e há diamantes

incrustados que muito provavelmente irão nos fornecer superpoderes.

Eu já vi isso antes, Rafael também. No momento em que tirarmos essas pedras daí, uma profecia irá desencadear e apenas nós dois teremos o direito de usar essas pedras para salvar o mundo.

Uma pena que antes mesmo que eu pudesse tocar nelas, meu celular começa a tocar.

- Que foi? – pergunta Rafael me olhando com a cara vincado no telefone.

- É minha mãe, cacete, 13 chamadas perdidas.

Eu não sei onde eu estava com a cabeça que não percebi meu celular tocando por todo esse tempo.

- Caramba, a gente tem que ir, ta quase escurecendo. – digo, sem tirar os olhos da tela, enquanto tento pegar sinal para poder lidar pra ela.

- Ei, caramba, ta doido, vamos deixar essas coisas aqui

- Sim, vamos. – digo, botando o celular no orelha.

- E se roubarem até amanhã?

- Ai significa que nós não somos os escolhidos.

- Cara, para sermos os escolhidos, temos que arriscar qualquer medo de chegar em casa e apanhar de forma humilhada.

- Nós não iremos voltar aqui, Rafael, pelo amor de Deus.

Alô, mãe?

- *Onde você está uma hora dessas, Aquiles?*

- Além do mais, seu avô. – Olho sério para ele, mas o insistente aponta para o telefone sussurrando um “Isso mesmo, o pai dela”. – Ele é vidente, não é? Então, você deve seguir a tradição.

- *Olha a hora, meu filho, a louça ta aqui te esperando, e eu aquilo cansada.*

Reviro os olhos com a chamada de atenção. Ninguém merece.

- Está vendo? Isso faz parte. – diz ele.

Viro bruscamente minha cabeça em sua direção com os olhos arregalados. Mas minha mãe parece só ignorar.

- *Onde é que tú tá?*

- Tava só fazendo uma pesquisa com o Rafael?

- *Umbora, te manda aqui pra casa, filho duma égua. Teu pai vai chegar cansado aqui e não quero ver ele lavando essa louça.*

Seguro uma bufada neste momento.

- Ta bom, já to indo, já, ok? Tchau. – desligo antes dela falar mais alguma coisa.

- Ó, faz muito parte isso.

Jogo uma cara feia na direção dele enquanto me atrapalho em desviar daqueles troncos no chão.

- O que que faz parte, égua do cara? E não fala do meu avô, aquele é outro. Se não fosse você me contar a verdade, não saberia dele.

- A briga com sua mãe, véi, a briga com ela. Isso que faz parte.

Viro mais uma vez uma cara confusa pra ele antes de voltar a me concentrar no caminho de volta.

- Bicho, pelo amor de deus, seja coerente.

Ele soltou um suspiro muito quente antes de me explicar.

- Antes de um super herói ganhar determinação de um super herói, o que acontece?

- Sei lá, alguém morre.

- Exato, então...

- Epa. – paro neste momento nós dois. – O que ta querendo dizer?

Ele faz um gesto com as mãos assim como a expressão pedindo para eu me acalmar.

- Não to querendo que sua mãe morra. Mas posso dizer que é um sinal.

Aponto um dedo para seu peito.

- Minha mãe não vai morrer, eu não estou em negação, e eu não serei um escolhido. Sinceramente, pelo menos neste momento estou pegando raiva o suficiente para esquecer que realmente gostaria de ser escolhido para algo importante nessa vida. Quando Rafael fica empolgado da forma mais doente possível é quando realmente consigo por meus pensamentos em trilhos novamente.

Mas depois de um bom tempo em silêncio, nossos ânimos se acalmando aos poucos, que ele volta a falar, dessa vez brincando.

- Eu prevejo seu futuro, Aquiles. Você, mais uma vez terá um conflito familiar com sua mãe, você, com seus hormônios de adolescente, irá se enfurecer com ela, e como qualquer jovem sufocado por espaço, ira esfarelar, sair de casa e tomar um ar. E ela, apesar de querer te arrebentar no meio com uma sandália de madeira, vai atrás de vocês por ser tarde da noite, vai tentar impedir uma mulher no meio da rua de ser surrada pelo marido tóxico, ele vai esfaqueá-la, você irá sofrer e ficar cego de vingança, e aí vai voltar até o santuário, pegar as pedras, absorver os poderes e aí sim, meu filho, bam.

Fecho os olhos.

- Você vai descobrir-se como super-herói.

Uma coisa esse doente está certo. Quando eu chegar em casa, vou escutar e não vai ser pouco.

- Não foi esse o futuro que previu para mim, é apenas o futuro que sabe que me resta concretizar. – Minha voz pesa nessa frase.

E me encontro na frente da minha casa neste exato momento. Algo me impede de entrar de uma vez e fechar a porta que abafara toda a alucinação de Rafael.

Alucinação. Essa palavra se repete mais algumas vezes dentro da minha cabeça.

Me viro pra ele, e dessa vez, finalmente, seu rosto toma feições mais suaves e me olha atentamente.

- Tá tudo bem, mano?

- Você viu algo?

Ele estranha de primeira o que eu digo, mas então entende.

- Eu... eu não pensei nisso. Eu teria que tocar. Entendo.

Bom, mais um detalhe importante que preciso acrescentar. Meu amigo Rafael, bom, ele é sensível. Não só isso, como também vê coisas e costuma sentir a presença de certos lugares. Mas isso se tornou tão comum ao longo de sua vida que ele pode ter sentido com tanta naturalidade que nem percebeu.

Mas tocar nesse assunto deixa ele paralisado um pouco.

- Você só queria que eu também não fosse normal pra não sentir só. Mas você não está, cara.

Ele alterna entre meus olhos, e percebo seu pomo de adão ondulado quando toco em um lugar sensível de sua mente.

- Vai pra tua casa antes que tua mãe te bata. – digo rindo. Ele ri na minha cara, faz um toque com a mão e depois sai correndo.

Eu tomo um suspiro com isso tudo. Apesar de sempre tentar parecer racional, eu sei que, no fundo, a vida esconde muitas coisas.

Quando olho para a porta da minha casa da vontade de revirar os olhos novamente. Abro e não encontro ninguém, tudo vazio, minha mãe provavelmente no quarto, já muito calma para querer brigar.

Oh, não, desgraça.

A louça toda lavada, o balcão brilhando, a mesa polida. E a comida feita.

- Aquiles, vem cá, quero falar contigo. – Ouço a voz dela vindo do quarto.

Olhar pra cara da minha mãe é simplesmente vir o pensamento de que ela nunca seria uma escolhida. Pode parecer mal eu falando assim, mas ela parece ser o tipo de pessoa que nunca, em hipótese alguma, saberia usar super poderes.

Nossa, só de pensar nisso, me dá tanta raiva, que já chego carregado dentro de seu quarto.

Ela estava diante da máquina de costurar.

A cada tom junto de seus argumentos irracionais, algo tomava conta de meus passos, meus punhos cerravam, um passo para trás a cada sirene e carro que zunia a distância.

Se eu virasse os calcanhares e saísse correndo para o perigo noturno, ela correria atrás de mim.

Lembrei sobre o que meu amigo me disse mais cedo, eu repetir a vida trágica de um super-herói.

Eu nunca tive a pretensão de matar minha mãe. Era apenas meus sentimentos e impulsos humanos mortais querendo concretizar a única coisa que me restava. E isso me levou a uma conversa que tive com meu avô.

- *Ela é simples, é assim. – digo, reclamando.*

- É exatamente isso, ela sente e tem uma força que você *nunca terá*. – *defende meu avô*.

*Fiquei quieto.*

- *Eu vi seu futuro e sei que viu antes de mim, que não terá filhos e a sua fantasia é a única coisa que te resta, por isso está indignado.*

- *Meu amigo, ele viu.*

- *Aquele malandrinho nunca te esconderia a verdade. E se ele mentiu?*

- *Eu acreditaria até na mentira.*

Eu vivia na fantasia porque não tinha uma vida e nunca teria. Apenas duas coisas te preenchem, a fantasia da arte e o amor das pessoas.

De volta ao presente e meu impulsivo ato de imitar um momento trágico, corria sem medo de tropeçar e quebrar meus calcanhares, minha mãe me surpreendendo me seguindo. Estava tão cego, que depois notei estar a levando em direção às pedras.

O pior de tudo, meus olhos captaram as árvores quase nuas, de tanto extraírem suas substâncias. Meu olhos arregalam quando fico ciente que os piratas estão ali perto.

Na vida real, isso não podia acontecer, ela não poderia morrer como ridiculosamente acontecia nos filmes de super heróis orfãos, e isso foi o meu erro, ela colidiria igual a mim. As mães tinham mais coragem porque carregam no peito que se jogariam no fogo por você, e quando corríamos em direção

àqueles piratas, eles miraram suas flechas e armas brancas, eu freei, minha mãe não pensou duas vezes.

E um brilho mortal não me permitiu saber o que houve pelos próximos segundos.

Por um momento, eu achei que estivesse morto, mas quando tudo clareou, minha mãe continuava com os braços abertos na minha frente, eu afastando as mãos de meu rosto, e...

As pedras roxas não estavam mais ali, então minhamente lembrou os segundos anteriores.

Como um risco de luz, na direção dela, e uma expansão de energia, e suas mãos brilhavam.

Minha mãe era... a escolhida. Tossi um pouco



de sangue.

Olhei para baixo, com uma flecha atravessada pelo meu estômago.

E eu era... serei o morto que transformará o super herói mais sofrido que já existirá.



OCEANO. Dimensões: 92 cm X 24 cm. Técnica: acrílico sobre umburana.  
Ano: 2023.

## BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA DESTA EDIÇÃO

Ana Paula de Oliveira Gomes. Professora, escritora e jurista.  
Cineasta artesanal e pintora da taba de Iracema.

# Expediente

Revista Barbante  
Volume XI - Nº 53 - 26 de fevereiro de 2023  
Caderno II - Contos  
ISSN 2238-1414

## 11 anos da revista Barbante

Editores

Rosângela Trajano  
Monalisa Carrilho de Macedo  
Samuel de Mattos

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Juli Lima  
Sandra Erickson  
Ariane Pereira

Ilustrações desta edição

Ana Paula de Oliveira Gomes.

Diagramação

Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade  
dos autores.

Revisão dos autores.

VEM PRA BARBANTE  
TAMBÉM! VEM!

